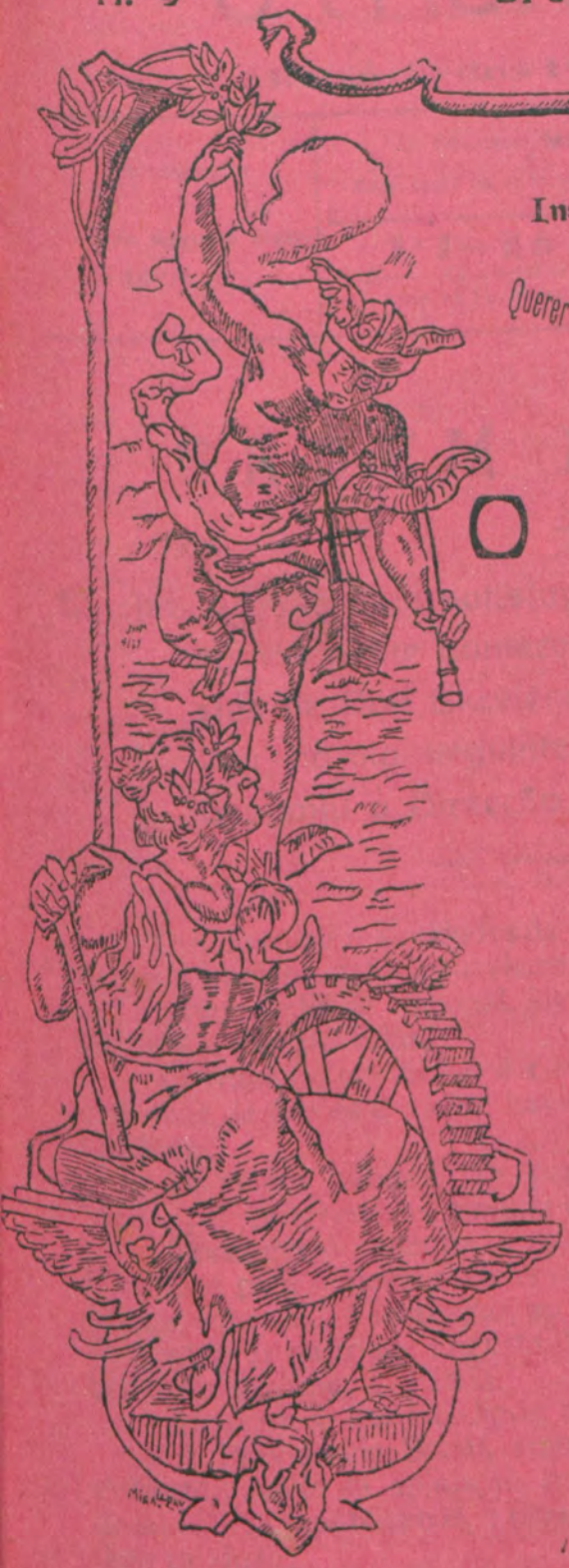
N.º 9 31 de Janeiro 1917



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
EXÉRCITO

Querer é poder ✿ Preparemo-nos para a vida ✿ Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Ordem especial	JoãoE. Águas major
Ecos	Manoel Lucas
O dia 31 de Janeiro no Instituto	Jaime G. Mascarenhas
O Profissional	Jorge Franco
O nosso desenvolvimento industrial	Américo Alves
Factos e conclusões	
Pela aldeia	Isidoro J. de Brito

Preço 4 centavos

1917
Composto e impresso na
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, n.º 378
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador

Julio Augusto Malaguerra

Director: Mário A. Soares Pinto
Secretario da redacção: José C. Barroso Junior

N.º 8 — 31 de Janeiro de 1917 — 2.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército

Conselho de redacçao

Alberto de Sousa Rosa
e
Manuel de Mendonça Pereira

ORDEM ESPECIAL

E' com a mais viva satisfação que, devidamente auctorizados, damos neste número o lugar de honra á Ordem Especial, de Sua Excelência o Director Interino, que nos foi lida no dia seguinte áquele em que Sua Excelência assumiu a Direcção do Instituto.

Um dos maiores cuidados da República, ao abrir as suas asas sobre o povo que a implantou, foi estabelecer em bases sólidas e em fundamentos seguros, o grande edifício nacional, levantado sôbre os escombros do pardieiro das mentiras e das alcavalas.

O trabalho era árduo e a empresa gigantesca. Havia que demolir toda uma vida de ficções e vícios; havia que criar toda uma vida de prática e de utilidade.

Os velhos hábitos, por perniciosos, tinham que desaparecer. As novas ideias, por progressivas, tinham que seguir-se.

Dêsse gesto redentor de 5 de Outubro nasceram e brotaram ideais nobilíssimos para o alevantamento da nacionalidade, sendo um deles o que respeita a educação, á instrução, ao civismo e á regeneração da nossa raça, fazendo-a integrar na triade augusta da nossa dívisa que tem por limite a ideia, sôbre todas sublime, da Pátria.

Criaram-se leis e códigos; talharam-se escolas e institutos.

A Previdência Social, como escola-base da formação de caracteres e instituto-modêlo da aplicação, criação e desenvolvimento de aptidões, é uma dessas obras republicanas, é uma daquelas que maiores e mais belos frutos podem produzir.

Não vivem as Nações em que as artes e indústrias tenham um quási nulo valor ou em que se descurem a aprendizagem e ensinamentos do seu grande poder.

Elas são as bases em que os povos assentam os alicerces da sua riqueza,

como são os fundamentos sôbre que se ergue majestosamente a vida económica da paz e do progresso nacionais.

Espraiemós a vista por êsse mundo fóra e veremos o acerto desta afirmação nos povos grandes ou pequenos em território. Só são grandes e potentes aqueles em que se cura, no mais alto grau, do ensino e da prática das indústrias e das artes.

Vède a Alemanha, a Bélgica, a Inglaterra. Grandes ou pequenos, são sempre fortes, pelo seu progresso e pelas riquezas que a fonte perene e inexaurível dos seus recursos económicos derrama sôbre o seu solo, cortado pelo trabalho, que é vida, que é ordem, que é grandeza.

Estava, portanto, imposta à nossa novel República, inspirada desde logo no dualismo da ordem e do progresso, a instituição imediata da obra social.

Um dos fructos, uma das suas ramificações, é êste Instituto Profissional.

Por um acaso, que envolve uma prova de confiança a que me esforçarei por corresponder, vejo-me no seio desta Escola com o encargo de a dirigir.

Tendo abraçado o advento da República como a grande aspiração de um povo que se via resvalando para o abismo onde se perdem a honra e a independência; em que as suas virtudes se transformaram em vícios e as suas aptidões em inutilidades; em que as suas energias se estiolaram e o seu progresso retrocedeu, eu sinto-me verdadeiramente feliz ao ter de acompanhar o esfôrço, a competência, o amor e o carinho com que o pessoal encarregado do ensino neste modelar estabelecimento, auxilia a obra de regeneração da nossa raça, fazendo dos internados homens válidos e úteis para a vida e progresso da Nação, atirando para a vida prática com um punhado de elementos conscientes da sua fôrça viva e, porventura, de dirigentes do futuro económico da Nacionalidade Portuguesa.

Pela visita por mim feita, pelos trabalhos e lições a que me foi dado assistir; eu sinto-me mais do que feliz; sinto-me verdadeiramente maravilhado com tanto esfôrço, com tanto cuidado, com tanta boa vontade, tais foram as impressões colhidas.

Será difícil encontrar melhor no nosso país, como difícil será encontrar-se onde seja melhor executada a ideia fundamental desta instituição.

A sua obra leva-me a prever, num futuro não muito distante, a salutar influência para o engrandecimento e riquezas nacionais, da sábia e bem compreendida missão que está incumbida a um corpo docente, que só visa à grandeza e bem da Pátria.

Por isso, eu não posso deixar de, por êste meio facultado pelos regulamentos, tornar público o meu agrado para com os alunos, pela forma correcta como se apresentam e pela sua aplicação ao estudo, inspirando-se nos exemplos dos seus professores e dirigentes e procurando corresponder absolutamente aos cuidados com que a República os protege e os instrue; e de endereçar os meus elogios a todos os Snrs. oficiais e pessoal das oficinas pela forma como ministram o ensino e pela sinergia de sentimentos que os une no aperfeiçoamento e educação dos alunos, salientando nestas minhas referências e nestes meus elogios os senhores oficiais, Regentes das secções, pelo seu inexcedível cuidado e muito saber e pela sua acrisolada dedicação e muito amor, empregados na orientação do ensino por una forma racional e prática, inspirado no grande sentimento da grandeza e progresso da Nação fazendo dêste Insti-

tuto a verdadeira oficina de formação de caracteres e de almas que hão de guindar ao mais alto grau de respeito o nome português, marcando-lhe o lugar a que tem incontestável direito, no mundo civilizado, pelos feitos sublimes e insignes do seu passado de aventuras e de glórias.

Benfica, 19 de Janeiro de 1917.

(a) João Estevão Águas
Major de Infantaria

NECOSAS

Após a partida do nosso Excelentíssimo Director para a França, no desempenho de um alto cargo que o govêrno da República lhe conferiu, foi-nos anunciada para breve a apresentação do seu digníssimo substituto, o Excelentíssimo Sr. Major Aguas.

Com efeito, no dia 18 do corrente efetuou-se uma pequenina festa verdadeiramente íntima, com o fim de receber o nosso Director interino.

Feita a continencia à bandeira, o nosso Regente, 1.º Tenente Sr. Ferreira de Sousa pronunciou, um vibrante discurso que com a devida vénia transcrevo:

Snr. Director

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os alunos da 2.ª secção do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, êste punhado de rapazes, filhos do povo, dêsse bom e generoso povo português, e que pelo seu porte correcto, pela disciplina de que dão mostras, hão de vir a ser profissionais dignos de seus mestres e prestimosos graduados do nosso Exército de Terra e Mar quando transpuserem as portas do Instituto com as suas devisas de sargento. Eles estão já a ver em Vossa Excelência o digno continuador da obra dos seus antecessores, dispensando-lhes conselho paternal e assistência carinhosa exigida pela sua idade, e todos nós, professores e alunos desta bela instituição, sem dúvida uma das mais beneméritas obras da República, muito temos a esperar da acção dirigente de Vossa Excelência, grande ou pequena que seja a vossa demora na direcção do Instituto, porque grandes são os serviços que êle já tem prestado e ainda mais hade vir a prestar aos militares de Terra e Mar.

Muito já se tem feito em prol do seu desenvolvimento, mas muito há ainda a fazer para que êle realize cabalmente a missão, a que foi destinado.

Acertada foi a escolha de Vossa Excelência para vir substituir o nosso estimado Director Sr. Tenente-Coronel Ortigão Peres que, mais uma vez, foi chamado a pôr a sua inteligência, o seu saber e as suas brilhantes qualidades de militar valente ao serviço da Pátria e da Repùblica, porque Vossa Excelência, possuidor de um caràcter de rija têmpera, militar brioso e republicano convicto, é segura garantia, de que se manterão cada vez mais fortes os alicerces da educação aqui ministrada: *o trabalho, a ordem, a disciplina e o amor* **da Pátria e da República.**

Ao terminar adianta-se ante a companhia o nosso novo Director, que numa comovente e arrebatadora alocução, nos incita ao cumprimento dos deveres, congratulando-se pela forma como os alunos se haviam apresentado, pelo seu porte marcial, que a todos incute a consoladora ideia de que daqui hão-de sair homens dignos, verdadeiros elementos de disciplina que formarão mais tarde um núcleo de cidadãos capazes de mostrar a essa vil e mesquinha Alemanha que o povo português, não é nem será jamais vassalo de Inglaterra. Não esqueçais nunca o vosso Director, nos diz êle, êsse homem cuja alta inteligência tem

posto várias vezes ao serviço da causa sacrosanta da Pátria e da República, e que hoje se encontra nos campos de batalha donde virá coberto de glória, trazendo os louros que lançará sôbre as vossas frontes de ardentes patriotas.

Segui pois as pisadas dêsse ilustre militar e fazei dêle o vosso guia através das agruras da vida, e ficareis certos de que sereis homens dignos do país que espera ver em vós a retribuição do sacrifício feito!!

Terminadas as suas últimas palavras, o nosso Regente dirigiu-se aos alunos nos seguintes termos:

Rapazes

Neste momento de extrema gravidade para a nossa nacionalidade, em que os vossos pais, os vossos irmãos e os vossos professores vão a caminho da França, para no cumprimento dum dever de honra, irem combater pela sagrada causa dos aliados, defendendo a liberdade e a civilização, eu vos peço que, evocando a memória dos nossos antepassados que souberam dar o seu sangue e a sua vida pelo engradecimento do nosso Portugal, saudeis com um brado unisono, cheio de fé e de entusiasmo próprio da vossa mocidade, a Pátria e a República alêm simbolizadas naquela bandeira, para que saiam ainda mais dignas e prestigiosas do tremendo conflito em que, por sua honra, vão dar o sangue de seus filhos.

Viva a Pátria
Viva a República

Verdadeiramente comovidos correspondemos com toda a nossa alma, ao apêlo do nosso Regente, entoando o hino nacional com um frenético apresentar armas. Prestada a continência desfilámos então em marcha de continência ante o nosso Director seguindo depois a desarmarmo-nos.

Dirigimo-nos depois para o teatro onde a tuna e o orfeom se fizeram ouvir com grande aplauso do nosso Director e professores assistentes.

E assim terminou esta nossa festa verdadeiramente íntima, repito, em que mais uma vez se pôs em evidência o muito que até aqui se tem feito em prol do Instituto.

M. Lucas
Aluno do 5.º ano comercial

O dia 31 de Janeiro no Instituto

Este dia de memorável recordação para os Portugueses e não mais por nós esquecido, não foi, nem poderia ser, passado no Instituto despercebido. Por isso na noite do dia 30 de Janeiro, o nosso estimado professor e tenente Sr. João Ribeiro Gomes realizou pelas 20 horas, no teatro da 2.ª secção com a assistência dos alunos de ambas secções, uma conferência sobre a revolução do dia 31 de Janeiro no Pôrto, a qual foi honrada com a presença do nosso presado Director o Ex.mo Sr. Major Aguas e alguns professores.

Esta patriótica festa começou pela execução de alguns números de música tocados pela tuna e terminou com vários números cantados pelo orfeon. Terminada a execução da tuna o ilustre orador tomou a palavra e começa a sua prelecção entusiásticamente ouvida por todos nós.

O fim principal da conferencia foi mostrar-nos como se deu a revolução e as causas que a originaram. Todos nós estavamos entusiasmados por aquelas eloqùentes palavras que nos iam emocionando o nosso patriotismo.

Terminada a conferência, que foi habilmente esposta, foi o orador muito ovacionado e aplaudido, por todos que estavam presentes.

Finalmente nós entoámos a Portuguesa, fechando assim esta e simpática pequena festa que ficou gravada nos nossos corações. Eram 22 horas quando ela terminou, marchando em seguida os alunos da 1.ª secção para a sua sede.

Jaime G. Mascarenhas.
Aluno do 3º. ano comercial

O Profissional

Passando hoje o primeiro aniversário da fundação do nosso jornal escolar, essa velha aspiração dos alunos, justo é, que embora muito resumidamente eu diga sôbre êle alguma cousa.

Após a entrada dos primeiros alunos neste modelar estabelecimento criado pelo govêr-

no da República um dos assuntos em que mais se preocupou a nossa mente foi sem dúvida a criação do orgão, em que colaborariam todos ou quási todos os alunos.

Para isso ainda tentámos reunirmo-nos em assembleia afim de se tratar a sério dêste ponto.

Mas nós éramos crianças na nossa maioria habituados a uma maneira de pensar e até de querer muito diferente do que se tornava necessário que fôsse.

Eis portanto como fraquejaram os nossos esforços; mais de um ano passou sôbre a nossa permanência no Instituto quando de novo despertou em nós a ideia então aparentemente possível de realizar.

Compilaram-se e recolheram-se as várias descrições que constituiam débeis impressões sobre as excursões então realizadas, e publicou-se um livrinho em que, de uma forma geral, estavam reunidos os nossos trabalhos escolares.

Depois por razões desconhecidas e despreocupamento nosso, êsse livrito jamais se públicou até que no ano passado entrou para o Instituto como oficial de serviço e nosso professor o Excelentissimo Sr. Tenente Ribeiro Gomes.

Este senhor teve a feliz ideia de lembrar a criação do jornal legitimamente nosso. Imediatamente êste alvitre foi aplaudido pelo nosso Regente e reuniram-se os alunos afim de procederem à escolha da comissão organizadora.

Esta por sua vez convocou novamente os alunos a escolher a direcção que é a mesma de hoje.

Então o entusiasmo aumentou levando-nos ao ponto de julgarmos que dentro em pouco teriamos um jornal forte e que não faltariam decerto colaboradores.

Triste ilusão; dá-se o contrário, motivado pela má vontade e arrogância de alguns.

O jornal tenta cair mas de novo alguêm o detêm; e esse alguêm é o mesmo que há um ano, o Snr. Ribeiro Gomes e o nosso Regente.

Finalmente hoje a ideia de que se torna necessário dar ao nosso orgão um carácter novo torna a despertar em nós o mesmo entusiasmo e a mesma alegria do que dantes.

E oxalá que sempre assim suceda, porque o seu progresso é o espêlho do nosso, que constitue a mais sólida afirmação que nos preparamos homens dignos do pais que tantos sacrifícios tem feito e tanto ambiciona, bem como nossos pais ver-nos cidadãos úteis e valorosos.

J. Franco

Aluno do 5.º ano comercial

O nosso desenvolvimento industrial

E' com grande prazer que eu pela primeira vez coopero no engrandecimento do nosso jornal, dizendo alguma coisa sôbre o desenvolvimento industrial do Instituto.

Desde que esta benemérita instituição foi fundada, uma das primeiras ideias dos seus derigentes, foi construir lugares onde os alunos se pudessem desenvolver na carreira industrial, de modo que quando se encontrassem no mundo do realismo, pudessem lançar mão dêsse meio, não só para a sua manutenção, como também para a de suas famílias.

Esses lugares são as oficinas.

Há já quatro anos, que nêste estabelecimento de ensino, se cultiva a vida industrial, não só com rara prosperidade, como também com uma grande fôrça de vontade, tanto da dos alunos, como também do seu chefe Sr. Tenente Migueis que tem sido incansável para a fazer progredir e desenvolver o mais possível a indústria no Instituto.

Já êste ano foram construídas duas amplas oficinas cheias de ar, luz e de todos os requesitos que a higiene exige, onde os alunos podem trabalhar livremente.

Numa está a oficina de serralharia e de máquinas, e na outra a oficina de carpintaria.

E' pena haver sómente três máquinas, pois elas são uns preciosos auxiliares que produzem trabalho cujo valor em dinheiro chegava para as pagar. Vemos pois que não são só os braços que ganham, mas também as máquinas. Igualmente possuímos uma oficina de fundição assás pequena visto estar ainda em construcção, mas mesmo assim já se fizeram 24 fundições de há dois meses a esta data. Sobre a oficina de ferreiro nada posso dizer, visto ainda se estar canalizando o ar para as forjas, mas espero que o trabalho e a boa vontade de elevar o bom nome do Instituto suplantarão qualquer indício de demora que possa aparecer.

Pôsto isto já os meus caros leitores poderão avaliar a evolução do desenvolvimento industrial no Instituto.

E' a indústria um dos maiores ramos de vida, tão grande, senão maior que o comércio, e que dá o pão a tantas famílias.

E' também por meio da indústria, que se fabricam os canhões, as munições, e os vasos de guerra, etc, e as armas necessárias para a defesa da pátria contra os seus inimigos.

Portanto é necessário desenvolver a indústria, para que sejamos o mais breve possível um dos povos mais industriais do mundo.

Uma prova do nosso progresso sôbre o ponto de vista industrial são os nossos trabalhos que vão desde os geométricos até trabalhos mais custosos que se acham pelas várias dependências do Instituto e que tem originado grande economia para o Instituto.

Ponho ponto às minhas considerações e continuarei com mais afinco na carreira industrial.

Américo Alves
Aluno do 5.º ano industrial

Factos e conclusões

«Visitou há tempos, o nosso colégio, o Excelentissimo Snr. J. M. da Sílva Roda cujas ideias avançadas e princípios altruistas fácilmente se depreendem do seu mensário *Fomento Riqueza*.

Inteiramente dedicado à grande causa da educação infantil, que constitue a base do Progresso duma nação, o Snr Roda teve palavras de elogio ao reconhecer nos diferentes trabalhos por êle vistos o caracter essencialmente prático que se imprime na nossa educação.

Entre vários artigos, distinguimos no seu mensário *Fomento Riqueza* algumas palasôbre o *Instituto* que transcrevemos.

* * *

«Visitámos, acompanhados de alguns dos filhos, o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, instalada num edificio da Estrada de Benfica, que tem o n.º 378.

Levou-nos ali o desejo de de trocar impressões com o regente do referido estabelecimento, que nos recebeu com captivante gentileza e nos ouviu com penhorante amabilidade. Dissemos-lhe que o nosso maior desejo era o de que em todas as casas de educação do género da que visitávamos, houvesse trabalhos práticos, estes pudessem sempre representar verdadeiras utilidades que, lançadas ao mercado, tivessem sempre compradores.

A razão dêste nosso desejo,acrescentamos, foi a de termos tido ocasião em várias exposições de trabalhos executados por alunos e alunas de escolas do govêrno, de observar que nelas não se obedecia ao principal intuito que as devia ter orientado.

A's nossas observações respondeu o distinto regente, primeiro tenente sr. A. Ferreira de Sousa, que já estava incluida no programa do Instituto a nossa orientação e, até certo ponto, posta em prática, o que realmente verificámos, tendo ocasião de ver as carteiras dos alunos, por êles executadas, bem como vários gradeamentos no campo do recreio.

Percorrendo todo o edificio sempre acompanhado pelo sr. A. Ferreira de Sousa, que nos deu curiosos informes sobre as instalações, ficámos satisfeitissimos com o que vimos, sendo nosso parecer que o Instituto é realmente o padrão do que deve ser, pelo menos em cada cidade do país, a escola do povo.

A aprendizagem prática tal como até agora tem sido, representa um grande desperdicio no aproveitando da Humanidade e um gravíssimo êrro, pois que, em muitos casos, os que as freqüentam não encontram nelas as suas verdadeiras vocações, resultando deste lamentaveis êrros os maus tratos que as crianças recebem e o tempo que perdularizam sem chegar ao resultado ambicionado. Dêste modo, os anos vão passando sôbre as crianças, sem que dêles aproveitem absolutamente nada, e resulta que mais tarde vão engrossar a enorme multidão dos operários sem trabalho. Esta multidão, para assim dizer inútil, inconsciente, que faz a rua e que faz a desordem, devido a não ter sido trabalhada como devia ser por aqueles que dela deviam cuidar, é depois a que o Estado, com manifesto prejuizo, emprega nas obras públicas, prejudicadas pela incompetência daqueles a quem são confiadas.

Pela aldeia

Dia tempestuoso como poucos se tinham visto na aldeia.

A chuva caía a cântaros, impetuosamente, inundando as ruas da aldeia, martelando nos vidros das janelas.

Nuvens pardacentas e sombrias toldam completamente o céu.

De vez em quando resoa medonhamente o trovão.

Relâmpagos como listrões de fogo sulcam a atmosfera rápidamente aos zig-zags.

O vento sibila enraivecido nos pinheirais da encosta.

Um mocho solta o pio lúgubre e agonizante.

As andorinhas espavoridas recolhem velozmente aos seus ninhos.

A árvores vergam lastimosamente sob a enraivecida ventania.

Um castanheiro jaz por terra, com tronco colossal coberto por um amigável manto de musgo, fendido de alto a baixo por um raio.

E o vento sibila, sibila enraivecido e a chuva cai constantemente.

. . . . . .

Pois meus rapazes dizia o bom do tio André à lareira, durante muito tempo isso foi um mistério. O que eu sei é que deve haver uns oitenta anos já, dois rapazes cá da terra um pouco embrigados, travaram uma funesta desordem que deu como resultado a morte violenta do Joaquim Beirão.

O assassino que se chamava José Tiago, andou perdido por montes e vales para se escapar à justiça da terra e tanto fez que lá conseguiu fugir para o Brasil. A mulher do Joaquim Beirão desesperada e quási doida caiu em breve na maior miséria, e ainda para mais, com um filho. Êles ai andavam por essas estradas ao frio, que até metiam dó, estendendo a mão à caridade.

Mais tarde uns camponeses encontraram uma mulher, estendida no meio da estrada morta de fome e de frio. Era a mulher do Beirão.

O filho tinha desaparecido. Houve mesmo alguém que propalou que uns saltimbancos o tinham levado na sua companhia. Mas isso foi coisa que até hoje ninguem soube. Isto sucedeu em 27 de Novembro.

Desde esta época em diante uma quadrilha de ladrões apareceu subitamente espalhando o terror e a morte por essas aldeias.

Toda a gente andava apavorada.

Só no tempo da invasão francesa se tinha visto tal banditismo.

Um dia, era um pastor que aparecia assassinado e roubado o seu rebanho; outro dia era um lavrador que desaparecia misteriosamente sem nunca mais se saber o seu destino.

Enfim era uma completa Calábria.

E por isso todos os camponeses mal caía a noite, trancavam as portas com mil cuidados e dormiam com a clavina ao alcance da mão, prontos para todas as eventualidades.

Ora foi no meio dêstes acontecimentos que um belo dia apareceu na aldeia um sugeito muitíssimo rico, pálido, a modos de quem andava cheio de remorsos e que comprou aquele castelo, que daqui se vê, meio derruído pelo tempo.

Ao princípio, deu uns passeios pelos arredores, e, segundo diziam, ia sempre rezar a uma ermida que havia no monte, perdida no meio do arvoredo.

Mas depois êstes passeios acabaram, e nunca mais a gente da aldeia o viu no castelo, e o Brasileiro como lhe chamavam tornou-se um personagem lendário.

Todas as noites se via o clarão de um archote, brumoleante e vivo, errando pelo castelo e que desaparecia depois de uma certa hora.

E' claro que êste facto causou grande sensação, acompanhada do mais vivo terror, no povo da aldeia que, supersticioso como era, acreditou logo em visões sobrenaturais, em mistérios horríveis, como nas lendas de Walter Scott.

São fantasmas, diziam uns, são almas penadas, acudiam os outros.

E assim se passavam os anos sem se desvendar o enigma.

. . . . . .

Era de noite, uma noite escura e tenebrosa.

Fora rugia o vento medonhamente.

Nem sequer uma estrela rutilava no firmamento.

Fazia um frio medonho, de enregelar os ossos.

Escondidos num vetusto pardieiro embuçados até aos olhos alguns bandidos falavam em voz baixa.

Tens então a certeza de ser êle? perguntou um dos sicários que parecia ser o chefe pelo modo respeitoso com que os outros se lhe dirigiam.

Cortem-me a cabeça se não fôr êle o assassino do vosso pai, respondeu o interpelado.

Bem, então saiam e vão esperar por mim á Encruzilhada dos Moinhos.

Em seguida dirigiu-se rápidamente para o lado do castelo, imerso na sombra, envolvido num amplo capote, o chapeu de largas abas derrubado sôbre o rosto e apertando febrilmente a coronha das pistolas que trazia á cinta.

Ah! ia êle monologando pelo câminho em voz cava, até que enfim te encontro, soou a hora da minha almejada vingança.

Assim que chegou em frente do castelo saltou um muro e caminhou pelo fôsso até uns grandes caniços que escondiam completamente uma abertura suficiente para dar passagem a um homem.

Aí, esgueirando-se como uma cobra, penetrou pelo buraco até se achar lá dentro do castelo.

Então acendeu uma lanterna de furta-fogo e caminhou com passo seguro pelo interior dêle, o que demonstrava que a misteriosa personagem conhecia perfeitamente a sua topografia.

. . . . . .

Transportemo-nos, porêm, a outro aposento do célebre castelo, prosseguia o tio André no meio da crescente curiosidade do seu auditório.

Este é grande e quadrado, as paredes nuas, inteiramente despidas de qualquer ornamento.

Um leito de ferro e uma banca sôbre a qual se vêem uma bilha com agua e um pão negro, completam a sua mobília.

Numa parede, preso a uma argola um archote espalha pelo aposento a sua luz indecisa e crua.

Ajoelhado no meio da casa estava uma personagem orando com fervor.

Era êle, o Brasileiro, já velho e alquebrado, as faces maceradas, os olhos encovados, os cabelos brancos de neve.

Oh! meu Deus murmurava êle que tristes pressentimentos que debalde tento afugentar.

Pois não serão bastantes tantos anos de penitência?

Ah! Ah! Ah! gritou então por detrás dêle uma voz sarcástica e cruel, já estais arrependido, senhor, sublime penitente!?...

A esta insólita aparição o Brasileiro voltou-se gelado de terror e soltou um grito espantoso:

Oh! é êle, é êle!

Diante do penitente, estava o nosso bandido já conhecido com uma pistola na mão, os olhos faiscando de cólera surda.

Perdoai-me, perdoai-me, balbuciava o Brazileiro, rolando-se pelo chão tomado de sùbito pavor.

Perdoar-te! estàs louco!

Acaso não te lembras tu de meu pai morto traiçoeiramente, e que na hora da morte, apenas me deixou como herança, o ódio contra o assassino, o desejo da vingança!?

Por tua causa, monstro, minha mãe morreu de fome e de frio, abandonada por todos, e eu tive de recorrer a esta vida infamante e miserável que me ha-de levar ao patibulo.

(Continua)

Isidoro J. de Brito
Aluno do 5.º ano comercial

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
Júlio Augusto Malaguerra

Director: Mário A. Soares Pinto
Secretário da redacção: José C. Barroso Junior

Conselho de redacção
Alberto de Sousa Rosa
Manuel de Mend.ça Pereira

N.º 10 — 2.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Fevereiro e Março de 1917

OBRA BENDITA

Cinco anos já passaram sôbre a data memorável da fundação da mais alevantada e nobre instituição que o país conta no seu seio, o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

E durante êste diminuto tempo o que se tem feito é de todos já bem conhecido, não tanto pelos trabalhos anualmente expostos, como pelas irrefutáveis provas que os alunos dêste modelar estabelecimento da República, têem dado não só aqui dentro, mas lá fóra na árdua luta pela vida.

As grandes transformações que aqui se teem obrado, obedecendo sempre aos mais salutares princípios educativos e instrutivos, modificaram quási completamente esta escola que dia a dia, caminha, incutindo a toda a gente a perfeita noção de que aqui se preparam homens de valor, que imortalizarão para sempre esta grandiosa obra republicana.

Eu mesmo avalio êste progresso, não só observando a metódica e racional organização dos diversos cursos profissionais, mas pelo que tenho visto depois que transpus aquele velho portão do tão histórico convento de S. Domingos.

Então senti em mim quási que um frémito de entusiasmo e ao mesmo tempo a plena confiança num futuro que a República ainda nova tentava altruistamente guiar, e amparar.

E como havia de deixar de julgar assim, se, quando ainda poucas horas haviam passado depois da entrada aqui, me vi cercado não só por liais camaradas e irmãos de trabalho, mas ainda pelos Srs. Oficiais, e especialmente pelo então Director, o saudosíssimo Capitão Figueiredo, que a todos dispensava palavras de carinho e amor, tratando-nos como filhos.

E como os anos correm tão velozmente!

Parece que foi ontem que se passaram êstes factos que jamais esquecerão e que, embora pareçam sem valor, constituem só por si a mais categórica afirmação da maneira como aqui nos têem sempre tratado.

No entretanto todos os anos os portões do Instituto, bem como os nossos braços, se abrem para receberem os numerosos rapazes, hoje colegas e amigos, que aqui vêem buscar os elementos essenciais para serem homens úteis à sociedade pelo seu trabalho e inteligência.

E à medida que os novos elementos se preparam, o Instituto mostra a todo o país a sua utilidade, criando em volta de si uma atmosfera de carinhos de incitamentos, que mais depressa nos conduzem ao triunfo.

Tem sido principalmente nestes dois últimos anos que o valor dêste estabelecimento mais se tem eviden-

ciado, mercê duma orientação defenida, prática e proveitosa, para a qual todos, absolutamente todos têem contribuído.

E se assim temos conseguido captar as simpatias daqueles que nos conhecem, se somos olhados lá fóra com uma certa deferência, se temos conseguido tudo isto e mais alguma coisa não o temos feito por meio de fantásticas exibições ou alarmantes reclamos; não que isso nada valeria: se ao serviço do cumprimento dos nossos deveres, não procurássemos pelo nosso trabalho, e pela nossa maneira de agir e proceder, fazer triunfar, sobressair dentre todos os grandes estabelecimentos do Estado o nosso Instituto, procurando-lhe o lugar que de justiça lhe cabe; suplantando mesmo êsses estabelecimentos e servindo-lhes de modêlo.

É esta a colossal, a reivindicadora obra que a República fez brotar aos olhos do país que hoje lhe presta toda a justiça, reconhecendo a sua utilidade.

. . . .

A guerra veiu arrancar ao seio da ilustre família militar indivíduos que constituem o único amparo dos seus. E ao marcharem para o cumprimento dos deveres impostos pela Pátria, êles deixaram por essas terras provincianas as mulheres e os filhinhos, quàsi que a braços com a miséria.

Então abriu-se aos pequeninos o Instituto, porque de contrário, longe de se tornarem elementos por si só de valor, se viriam obrigados a passar uma mocidade dura e cruel.

Acolhemos então no nosso meio algumas dezenas de rapazes que podem ficar certos, de que encontraram em nós, não só amigos sinceros e liais camaradas, mas irmãos que com prazer e de coração nas mãos os auxiliarão, afim de que trabalhando, possam com relativa facilidade vencer e saírem para a vida homens dignos e livres, dignificando também a nobre instituição republicana que desvelada e querida, os guiou através da vida, impelindo-os para o caminho do bem.

E quando enfim esta escola moderna fôr melhor conhecida e apreciada lá fóra, quando a apontarem ao país como exemplo, então poderemos assegurar que o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército além de se tornar a mais colossal e modelar obra, será a glória imortal da Pátria e da República.

J. Barroso
Aluno do 5.º ano comercial

Pela aldeia

(Continuação)

E, mal terminou agarrou o Brasileiro pela gola do casaco, e fê-lo caminhar adeante de si ameaçando-o com a pistola.

Dêste modo chegou com a sua vítima à Encruzilhada dos Moinhos, onde já o estava esperando a sua odiosa quadrilha.

Tomai êste patife, e executai-o brevemente, rugiu êle, sem atender aos brados suplicantes do Brasilerio.

Dentro em pouco ouviu-se um grito horrível e espantoso coroado pelas gargalhadas estrondosas dos bandidos. Era o penitente que tinha sido enforcado por êles e que se balouçava pendurado do ramo duma árvore, sob os clarões sinistros duma fogueira que perto crepitava. Adeus, senhor José Tiago, eis aqui como eu me vingo, foram estas as últimas palavras do bandido que pouco depois desaparecia ao longe para

os lados da Espanha, levado pelo cavalo numa corrida desesperada.

Mais tarde veiu-se a saber que era o filho do Joaquim Beirão, o qual a 27 de Dezembro do ano de 18... terminou no cadafalso a sua longa vida de carnificina e pilhagem.

Daí por diante nunca mais quadrilha alguma de ladrões perturbou a aldeia nem as almas penadas voltaram ao castelo à luz dos archotes.

E agora ido-vos deitar que já é tempo, e para a outra vez falarei sôbre as Mulheres Portuguesas, e suponho que ficaram contentes porque sem presão melhores estas sessões do que andar metido em tabernas a estragar a saúde e a bolsa.

(Contos do tio André).

Isidoro J. de Brito

Aluno do 5.º ano comercial

Escravatura

Houve povos que entenderam que não deviam trabalhar excessivamente; e quando a terra carecia de braços para a sua cultura, êles iam procurar nas longínquas paragens africanas êsse factor tão indispensável, recrutando-o da raça negra.

Formaram-se até emprêsas cujo papel tinha por fim apanhar os indígenas, transportando-os para a metrópole em caravelas que vinham tocando por todos os principais portos da África, fazendo ao mesmo tempo as suas transações comerciais.

Entre os cativos alguns havia ricos e chefes de tríbus, mas isso não os impedia que viessem trabalhar para os novos continentes e em especial para a Europa.

Na sua vida de animal inconsciente, ignorante, o preto vivia despreocupado, no seio daqueles que eram seus. Um dia sentiu-se traido; era o homem, das outras raças, que desdenhando da sua, vendo em si um instrumento fácil de manejar, o aprisionava, levando-o para terras distantes e bem desconhecidas. Nesse dia o seu coração sangrava de dôr ao deixar assim tão inesperadamente o convívio dos seus, a sua pátria tão vasta onde o sol todos os dias lhe escaldava a pele.

Porém, chegava à Europa. E em qualquer dos seus portos êle era imediatamente, assim como uma mercadoria, um animal ou uma cousa, vendida àquele que oferecesse por êle maior preço.

E entravam ao serviço de um rico ou de um senhor que à chicotada os obrigava a trabalhar, empregando-os nos mais árduos e pesados ofícios.

Mas a alma do negro oprimia-se, e tanto que um dia reconheceu não ser inferior aos outros homens!

Que culpa tinha êle que *Fetonte* um dia guiasse mal o carro que o pai lhe havia confiado?

Não teria êle inteligência e o mesmo organismo?

Pobre escravo como tu eras infeliz sob a pata déspota e tirana do teu brutal senhor que empunhando o azorrague te impelia ao trabalho!

Algumas vezes porém tratava de fugir aos selvagens tratos do amo, mas então o suplício triplicava.

Não eram só trabalhos mais violentos que exterminavam, eram as torturas sem nome que homens, que se diziam Cristãos, cometiam sem se lembrarem acaso que êsse Deus apregoava por toda a parte a igualdade dos homens sob o ponto de vista do nascimento.

E o escravo paciente e resignado animal de carga, objecto maleável das vontades do homem muitas, ó quantas

os lados da Espanha, levado pelo cavalo numa corrida desesperada.

Mais tarde veiu-se a saber que era o filho do Joaquim Beirão, o qual a 27 de Dezembro do ano de 18.. . terminou no cadafalso a sua longa vida de carnificina e pilhagem.

Daí por diante nunca mais quadrilha alguma de ladrões perturbou a aldeia nem as almas penadas voltaram ao castelo à luz dos archotes.

E agora ide-vos deitar que já é tempo, e para a outra vez falarei sôbre as Mulheres Portuguesas, e suponho que ficaram contentes porque sem presão melhores estas sessões do que andar metido em tabernas a estragar a saúde e a bolsa.

(Contos do tio André).

Isidoro J. de Brito

Aluno do 5.º ano comercial

Escravatura

Houve povos que entenderam que não deviam trabalhar excessivamente; e quando a terra carecia de braços para a sua cultura, êles iam procurar nas longínquas paragens africanas êsse factor tão indispensável, recrutando-o da raça negra.

Formaram-se até emprêsas cujo papel tinha por fim apanhar os indígenas, transportando-os para a metrópole em caravelas que vinham tocando por todos os principais portos da África, fazendo ao mesmo tempo as suas transações comerciais.

Entre os cativos alguns havia ricos e chefes de tríbus, mas isso não os impedia que viessem trabalhar para os novos continentes e em especial para a Europa.

Na sua vida de animal inconsciente, ignorante, o preto vivia despreocupado, no seio daqueles que eram seus. Um dia sentiu-se traido; era o homem, das outras raças, que desdenhando da sua, vendo em si um instrumento fácil de manejar, o aprisionava, levando-o para terras distantes e bem desconhecidas. Nesse dia o seu coração sangrava de dôr ao deixar assim tão inesperadamente o convívio dos seus, a sua pátria tão vasta onde o sol todos os dias lhe escaldava a pele.

Porêm, chegava à Europa. E em qualquer dos seus portos êle era imediatamente, assim como uma mercadoria, um animal ou uma cousa, vendida àquele que oferecesse por êle maior preço.

E entravam ao serviço de um rico ou de um senhor que à chicotada os obrigava a trabalhar, empregando-os nos mais árduos e pesados ofícios.

Mas a alma do negro oprimia-se, e tanto que um dia reconheceu não ser inferior aos outros homens!

Que culpa tinha êle que *Fetonte* um dia guiasse mal o carro que o pai lhe havia confiado?

Não teria êle inteligência e o mesmo organismo?

Pobre escravo como tu eras infeliz sob a pata déspota e tirana do teu brutal senhor que empunhando o azorrague te impelia ao trabalho!

Algumas vezes porém tratava de fugir aos selvagens tratos do amo, mas então o suplício triplicava.

Não eram só trabalhos mais violentos que exterminavam, eram as torturas sem nome que homens, que se diziam Cristãos, cometiam sem se lembrarem sequer que êsse Deus apregoava por toda a parte a igualdade dos homens sob o ponto de vista do nascimento.

E o escravo paciente e resignado animal de carga, objecto maleável das vontades do homem muitas, ó quantas

vezes, chorando a sua dôr, recordando os dias que inconscientemente dormia à sombra da copa das árvores da terra pátria e ainda em cima levar aos pés do dono o ouro que encontrava nas suas escavações, donde recebia a percentagem que mais tarde havia de contribuir para a sua libertação.

Pobre escravo!

J. Franco

Aluno do 5.º ano comercial

Crónica Desportiva

Nada até hoje foi dito acêrca de foot-ball, e no entanto qualquer coisa se tem feito no campeonato de 1917. Seria um mal entendido e mesmo uma vergonha talvez para nós, dadas as condições em que no campeonato de 1916 nos apresentamos para o jôgo, ficarmos indiferentes no de 1917.

Se na época passada sofremos em ambos os teams várias derrotas ficando com uma classificação baixa, não devíamos por isso mesmo desaparecer êste ano, porque desaparecer era mostrar que não sabíamos perder, ou que amuados das derrotas nos retirávamos para aparecer mais tarde ou nunca.

Existia é certo essa convicção no nosso espírito, mas a nossa entrada na Associação de Foot-Ball de Lisboa teria sido talvez de difícil e de morosa realização, se não encontrássemos no nosso professor de Ginástica Sr. Capitão Escrivanis como o ano passado o encontramos no Sr. Tenente Migueis, a maior iniciativa, o mais decidido e forte apoio para saltar e vencer todos os obstáculos. E não eram poucos. A falta de numerário consequência imediata de não existir ainda entre nós uma Associação Escolar, a falta de uma pessoa pesava com influência que dirigisse e pensasse, que nos proporcionasse tempo e treinos nos campos próprios, que enfim fôsse o intérprete ante o Sr. Regente das necessidades e conveniências do «team».

Das condições do nosso meio resulta talvez uma inferioridade física, aliada a uma maior dificuldade no recrutamento de jogadores, mas tudo isso pouco ou nada poderia influir, se o grupo possuisse além duma acção combinada e o conhecimento da tática do jôgo.

A falta de botas próprias, coloca-nos também em manifesta inferioridade de *shoot* o que se faz sentir alguma coisa tanto na defeza como no ataque.

Os treinos executados com método que tão grande influência teem na combinação do grupo foram mais acentuados depois do 1.º desafio, realizado a 25 de Fevereiro.

A grande derrota sofrida quando do desafio com a Casa Pia, quando os treinos eram mais intensos, parece desmentir esta afirmação, mas é preciso notar que as condições atmosféricas não nos auxiliavam, principalmente pelo mau estado do campo que nos obrigava a um trabalho extenuante, ao passo que a equipe da Casa Pia, com as suas botas de foot-ball, facilmente se fixavam no terreno.

A nossa linha constituida por alguns elementos que na época passada entraram em 2.as categorias, e o resto de 3.as foi a seguinte:

Pandaio

Denis *Roxo*

Otelo *Fernandes* *Correia*

Cabral *Mateus* *Matias* *Leitão* *Soares*

Como êste ano a Associação de Foot-ball de Lisboa, deliberasse dividir em duas séries dos teams escolares inscritos em 3.as categorias, únicamente jogamos três desafios de 1.ª volta cujos resultados a seguir cronológicamente publicamos.

Soares Pinto

Aluno do 6.º ano comercial

Dia 25 de Fevereiro — contra a Escola Benevides

O tempo apresentou-se bom, o ceu um pouco nublado e o campo em bom estado facilitando por isso o jôgo.

Iamos defrontar com team déssa escola que pela primeira vez pisava o campo em desafio de associação.

A sua equipe era branca como a nossa provocando assim protestos e enganos.

O conjunto do grupo era muito fraco, ainda que tivesse um bom elemento que na segunda parte interceptou no lugar de back; por isso todos os avanços foram dos nossos fouwards.

Este desafio começou às 11,30 no campo de Sete Rios; terminada a primeira parte tinhamos dois goals para o nosso activo.

Depois de dez minutos começou o jôgo mais encarniçado da parte da Benevides que tentavam egualar-nos. Numa nossa avançada conseguimos meter mais um goal, mas minutos depois viamos as nossas redes furadas por dois goals um dos quais marcado indevidamente.

Momentos depois o árbitro apitou terminando o desafio por uma nossa vitória de 3 a 2.

* * *

Dia 4 de Março — contra Calipolense.

O dia apresentou-se mau. As nuvens corriam rápidas. Em breve uma chuva persistente e massadora se desencadeou. A perspectiva dum desafio nestas condições era pouco agradável, no entanto o team comparecia se o Ex.mo Sr. Regente tivesse consentido.

Num momento, às 11,30 a chuva parou.

Mas estava escrito que nesse dia o desafio se não realizaria; efectivamente a êsse tempo já um emissário nosso havia tratado com o capitão do grupo averso a anulação do desafio, tendo a chuva como principal obstáculo.

É para elogiar a atitude atenciosa, do digno capitão do Calipolense, que ante a possibilidade imediata duma vitória por dois pontos, preferiu antes disputá-la mais tarde.

* * *

Dia 11 de Março — contra Casa Pia.

Á hora do desafio, o tempo apresentava-se estacionário, ainda que durante o resto do dia alguma coisa tivesse chovido.

O campo estava inteiramente encharcado. À frente do goal divisava-se o vasto lameiro.

O desafio começou, e momentos depois duas descidas da Casa Pia eram rematadas por dois goals. A chuva caia lentamente, e o jôgo mais favorável agora apresentava fases nitidas de ataques nas nossas linhas de forwards que as defesas contrárias dificilmente inutilizavam.

O jôgo parece equilibrar-se, mas o àrbitro apita e terminou assim a primeira parte por 2 a 0.

Dez minutos passados colocam-se os jogadores e o desafio começa, a bola descreve curvas, pelo ataque das linhas adversárias conseguem marcar no meio duma chuva quási torrencial mais três bolas a seu favor.

Do nosso lado únicamente se registaram nesta parte debeis ataques, e como consequência disso, defesas contínuas, que obrigam «backs», «halfbacks» e «goal» a sofrer um trabalho violento e extenuante, contra o vento e chuva, defesas que requeriam resistência mais do que é devido a um team escolar.

Em conclusão, sofremos uma derrota de 5 a 0.

* * *

Dia 28 de Março — contra Calipolense.

Ás 11,30 no campo das Laranjeiras os dois teams alinhando-se nos seus respectivos logares, esperavam só o apito do árbitro para começarem o jôgo.

Este soou e num momento o Calipolense, a quem coubera a bola, perde-a e a nossa linha de forwards executa um avanço combinado que embora repelido pelos backs contrários não deixa de continuar exercendo pressão e pondo por vezes em perigo as redes contrárias com vários «shoots» que o keeper defende.

A nossa linha de defesas que está trabalhando muito bem, como em nenhum desafio, inutiliza todo o jôgo dos forwards contrários, que são quási continuamente obrigados a manter-se inactivos.

Terminam porêm, a primeira parte por 0 a 0.

Começa a segunda parte: Calipolense que tem agora o vento a favor tenta aproveitar-se desta vantagem e carrega, mas inutilizada a descida contrária, o nosso responde enérgicamente com avançadas magnificas e combinadas; as defesas contrárias mal se seguram.

E' o momento decisivo; aproximam-se os últimos minutos de jôgo, disputa-se quási que ferozmente a bola, sem olhar a sacrificios; ambos querem vencer. Por fim numa avançada bem conduzida conseguimos meter pela direita o primeiro e único goal da tarde.

Estava terminado o desafio e venciamos por 1 a 0.

Eduardo Marques Centeno
Aluno do 3.º ano comercial

Pupilos do Exército

Clubs	Bolas a favor	Bolas contra	Pontos
Benevides	3	2	2
Casa Pia	0	5	0
Calipolense	1	0	2
	4	7	4

O Nariz e as lunetas.

Um nariz adunco, vermelho e mesquinho,
Com a sua sorte muito descontente,
De arguir não cessava sempre asperamente
O rei da visão seu ilustre vizinho,

— Oh! que vida esta, que rude espinho,
De trazer lunetas, fardo impertinente. —
E isto dizendo inopinadamente
As esmigalhou nas pedras do caminho.

Ora das lunetas os olhos privados,
Por uns escabrosos montes afastados,
Contra rijo muro deram brevemente.

E mestre nariz depois de esborrachado
Viu que o melhor fora estar calado
E com sua sorte dar-se por contente.

Isidoro J de Brito
Aluno do 5.º ano comercial

Relatório da visita à
Manutenção Militar de Lisboa

O trigo depois de limpo passa para o edifício da moagem por meio de um transportador horizontal análogo ao que serve para introduzir no depósito. A operação da moagem está subdividida em outras duas: a trituração e a peneiração. Pela trituração o trigo é esmagado e reduzido a uma mistura de rolões e farinha ou mais propriamente farinha e farelos, sendo que aquelo não seja tão boa como extraída pela primeira vez. A moagem pode ser feita por mós ou cilindros. Este último é adoptado na manutenção.

Trituração—A moagem é feita por meio de cilindros estriados e animados de um movimento de rotação convergente uns com velocidades diferentes.

O trigo é trazido para os moinhos por meio de distribuidores. A necessidade destes distribuidores provêm do seguinte:

Se os não houvesse distribuir-se hia irregularmente acumulando-se mais numa máquina do que noutra e dêste modo estragar-se hiam os moinhos e o rendimento seria menor.

Os moinhos são de 4 espécies: esmagadores, triturdadores, desagregadores e conversores. Os esmagadores servem para completar a limpeza do trigo.

Nos trituradores passa o trigo que já foi peneirado e que já deixou uma parte de farinha. Nos desapregadores passa o trigo ainda com uma parte de casca.

As diferenças destas máquinas estão na grandeza dos cilindros, na profundidade das estrias, sendo os cilindros dos conversores lisos.

Os moinhos são todos duplos excepção do primeiro que é simples.

A separação da farinha das sêmeas chama-se peneiração e é feita por meio de aparelhos que se denominam peneiros destacadores. Estes últimos servem para desfazer algumas partes formadas pelos moinhos, antes que o trigo entre nos peneiros.

São, resumindo, de 4 espécies os aparelhos indispensáveis para a trituração do trigo:

Moinhos,
Peneiros,
Destacadores,
Sassores.

Há também a considerar, mas já em lugar secundário: os *elevadores* que estabelecem a comunicação do trigo (fazenda ou moenda) em todos os aparelhos acima mencionados; *os cascadores*, que constam de tubos de madeira apropriados e servem para o enchimento mecânico das sacas.

Gouveia Pinto
Aluno do 5.º ano comercial

(Continua)

MÚTUA RECOMPENSA

Jazia num caminho inerte, adormecido,
Na tácita mudez de um ser emudecido,
Um bloco de rochedo
Batido pelo sol, p'la chuva e vento ledo.
Pisado dos corseis em manadas ligeiras
Ouvia à meia noite o rir das feiticeiras,
E logo de manhã,
Arfar de cascaveis junto da terra chã.
. . . . . .
Perpassaram por êle esvoaçando ardentes
As ambições do mundo, os delírios das gentes
Sedentas de matança. E via ainda Nero
Satânico e feroz à luz de Roma ardendo...
Depois as legiões, as falas de Lutero,
Enfim a Revolução o globo inteiro correndo
E êle agrilhoado ao leito de granito,
Ouvia, ouvia sempre até ao Infinito.

Um dia ao alvorar enquanto o sol subia,
Espargindo sobre a terra a doirada magia
do seu nobre esplendor,
Junto à pedra esquecido um sonhante escultor
acaso ali passou.
Olhou...

Sorriu num riso heróico um tanto melancólico
Á pedra enegrecida de aparentar bucólico,
E com filosofia êle assim lhe falou.
Sabes tu quem sou?
Eu sou o Ideal. Um sonhante supremo
Que dos horrores do mundo há muito que não temo
E a quem a Ilusão tem frido a peito nú...
Mas diz quem és tu!
Deixá-lo já o sei, meu pensar mo ditou,
Por certo um bloco exangue a quem o sol crestou,
E onde os prazeres da vida e os pezares humanos,
Nessa tua mudez jamais causaram danos.

Façamos companhia, unjamos num só ai
Esta andrajosa vida infinda que se esvai.
Eu te darei o ser, tu me darás a glória,
A golpes de cinzel, a cantos de vitória
.....
Corria ledo o tempo.
Já vinha entrando a noite e a brisa mansamente
Acompanhava a medo,
O derradeiro tanger da ferramenta ardente.
E ao último fulgor do sol que se escondia,
No resplendor da forma uma estátua aparecia
Palpitante no gesto como quem quer dizer:
Amigo eu te agradeço em me fazeres viver.

Alemlonça Pereira
Aluno do 6.º ano industrial

Lisboa

Capital de Portugal é a cidade mais ocidental da Europa, é como a flôr que resplandece num jardim.

O seu pôrto magnífico, dá acesso aos navios da maior tonelagem, o que faz com que êle se reputa um dos primeiros lugares de entre os da Europa.

Depois que se divulgou o caminho marítimo para a Índia, a importância comercial do seu pôrto, foi-se engrandecendo até aos nossos dias. Esta descoberta fez derivar para Lisboa todo o comércio do oriente, que até então era feito com Florença e com Veneza.

Assim dêste modo êle granjeava fama e o seu nome tornava-se conhecido em todo o mundo e à sua barra afluiam navios de várias nacionalidades, para auferirem os produtos que as nossas naus traziam do Oriente, tais como as especiarias e outros.

A sua importância, não é sómente devida ao desenvolvimento comercial que tomou e toma ainda hoje, mas também à riqueza e formosura dos seus monumentos, quer sejam ou não históricos; como são o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belêm e a Basílica da Estrêla e outros de menor importância.

E' sem dúvida, para os Portugueses do maior orgulho e importância, o Mosteiro dos Jerónimos. Está situado em Belêm e foi edificado no reinado de D. Manuel no ano de 1498 para comemorar a gloriosa descoberta do caminho marítimo para a Índia. É, neste monumento, admirável a arte e a escultura antiga, na qual é sobretudo onde predomina com mais pureza o rico estilo Manuelino, que resultou da combinação dum estilo inventado no reinado de D. Manuel com o gótico.

Hoje nas suas capelas, encontram-se vários túmulos, com os restos mortais dos grandes homens da nossa história.

Enfim Lisboa foi a mãe dos grandes homens, dela partiram as esquadras que descobrindo terras deram prestígio e honra à nossa pátria e dela partiram algumas vezes o ânimo e a coragem do povo Português que soube briosamente expulsar o inimigo do seu território.

Que nos importa que a sua origem esteja ofuscada, se a Lisboa de hoje é muitíssimo diferente da antiga! Já nem dela existe nada que a caracterize: os seus prédios e ruas foram quási totalmente destruidos pelos terramotos e incêndios.

Lisboa tem-se tornado desde o reinado de D. José uma linda e opulenta cidade. O seu clima é delicioso, e constantemente refrescada pelas brisas do Tejo e favorecida pela sua bela posição geográfica.

Nalguns pontos de Lisboa encontram-se ainda vestígios das antigas amcias da cidade e o Tejo vinha mais àquêm da bacia que agora ocupa.

Quem do Tejo espraiar a vista sôbre esta tão nobre cidade, aprecia decerto uma rica e sedutora paisagem que sempre despede os viajantes com saudade; ela possui uma das maiores praças do mundo, a Praça do Comércio.

A parte mais rica da cidade é em geral a parte baixa, reconstruida e planeada no reinado de D. José pelo seu hábil ministro o Marquês de Pombal, depois que o terrivel terramoto de 1755 exterminou parte da cidade. O resto da cidade que felizmente o terramoto não arrasou, é hoje a parte mais antiga e po-

bre: as suas ruas são estreitas e vulgarmente atravessadas por becos, como se nota nos bairros de Alfama e Mouraria. O segundo bairro é assim chamado por nele viverem, nos primeiros reinados da nossa história, os Mouros. Lisboa é digna de ser a corôa de Portugal, assim como Portugal é a da Europa.

Jaime G. de Mascarenhas
Aluno do 3.º ano comercial

Outono

Outono! Outono! Já vem uma flor
Mostra sua graça, espalha seu odor!

Soluçante o mar, quebra-se espumoso
Êsse mar tão belo... altivo... lamentoso!...

E as andorinhas, depressa se vão
Em bandos silentes, pela imensidão.

Outono! Outono! Saudosa estação!
Que mágua tão grande pões no coração.

Campos adorados, pudibunda flor,
Que é feito agora do vosso esplendor?!...

Perfumada brisa, fresca sem rival,
Que ides suspirar além no pinhetral?!...

Outono! Outono! A melancolia
Quebra o prazer, desfaz a alegria.

Que vejo em tôrno? a desolação,
A tristeza infinda, a negra solidão.

Lutuoso véu como uma treva densa
Cobre lentamente a terra imensa.

Outono! Outono! Foi-se o verão
Adeus, quente sol! Adeus, linda estação!

Repicam os sinos lastimosamente
P'los ares espalhando seu dobre plangente.

Não mais pelos montes as giestas doiradas
E dos rouxinois as mimosas toadas.

Outono! Outono! E a linda flor
Perdeu sua graça, perdeu seu odor

Isidoro José de Brito
Aluno do 5.º ano comercial

ECOS

Partiram não há muito no cumprimento dum dos deveres mais sagrados, para os campos de batalha na frente ocidental, os nossos ilustres professores Srs. Capitães Edgar Cardoso, Vitorino Godinho, Rui Ribeiro e Tenente Machado.

Por várias vêses fôram despedir-se dos briosos oficiais alguns alunos delegados dos diferentes cursos.

A todos êles, O Profissional interpretando o sentir dos alunos lhes deseja, testemunhando-lhes a sua cordial afeição e reconhecimento um regresso feliz à Pátria depois de se cobrirem de glória nesta luta cruel em que todos os povos latinos estão empenhados contra o militarismo vilão para segurança da sua liberdade e autonomia.

Pelo nosso Ex.mo Director interino, Sr. Major A'guas, foi oferecido ao nosso camarada Mendonça Pereira um exemplar dum folheto que constitue uma Sua conferência sobre Camões, com a seguinte dedicatória:

Ao aluno Mendonça Pereira como testemunho do grande amôr e culto camoneano, que tem sempre mostrado nas suas composições.

A Direcção

Pedimos desculpa aos nossos estimáveis assinantes do atraso na saida do nosso jornal, mas isso se deve unicamente nos grandes afazeres na oficina Tipográfica e por ter sido fim de periodo escolar.

N.º 11 Abril 1917

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

O nosso Mensário ..... *Alberto Rosa*
A Biblioteca dos Alunos .... *Alberto Rosa*
O Nosso Animatógrafo ..... *Mário Calado*
Á Tardinha ..... *J. Amaral*
O Coveiro ..... *Isidoro J. de Brito*
Oferta..... *Direcção*
Écos ..... *Direcção*

Preço 4 centavos

1917
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 378
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
José C. Barroso Junior

Director: Mário A. Soares Pinto
Secretário da redacção: Júlio Aug.to Malaguerra

Conselho de redacção
Alberto de Sousa Rosa
Manuel de Mend.ça Pereira

N.º 11 — 2.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Abril de 1917

O NOSSO MENSÁRIO

Tendo terminado o seu primeiro ano procedeu-se à elaboração do seu relatório, o qual vem plenamente confirmar o que por várias vezes aqui temos dito.

A elevada ideia da criação do nosso periódico não foi compreendida pela grande maioria dos alunos dêste estabelecimento.

Certamente, se todos conhecessem o alcance do nosso mensário, se se compenetrassem bem do seu importante papel, se vissem bem os seus fins, não aconteceria o que tantas vezes temos afirmado e que os quadros que se seguem confirmam em absoluto.

(Quadro I e II na pagina seguinte).

Que vemos? Que dos 262 alunos que tem o Instituto, sómente 21 escreveram para o jornal, (menos de 10 %) e dêstes mesmo, sómente QUATRO escreveram regularmente, isto é, uma média de 1 artigo por jornal.

É claro que êste número se não repartiu igualmente por todos os cursos.

Da 1.ª secção nem um único aluno escreveu para o « Profissional. »

A que atribuir isto? Talvez a ter sido nula (e isto para não sair do campo de aritmética, pois no da álgebra certamente encontraríamos para êste x um valor < 0) a propaganda feita a favor do mensário nessa secção.

Seja ou não esta a causa, o facto não deixa de ser lamentavel, e necessita de urgentes providências.

Na segunda secção, a percentagem, mais reduzida do que deveria ser, aumenta natural e racionalmente dos primeiros para os últimos anos.

Contudo, encontramos aí um caso interessante: É que em todos os anos o número de alunos que escrevem para o jornal, é muito superior no comércio ao da indústria. Quais as causas de semelhante facto, não as encontramos; e êste caso é tanto mais para notar, quanto é certo que o número de alunos do comércio é bastante inferior ao dos industriais.

Tendo o nosso periódico em fito, como tão bem a Direcção o afirmou no seu primeiro número, *desenvolver e animar com a publicidade, todas e quaisquer inclinações literárias e artísticas*, não sabemos a razão que levou alguns alunos a por êle mostrarem má vontade.

Êle não representa mais do que o produto do nosso trabalho (pequeno ou grande, não o discutamos) e como tal tem o direito de por todos ser respeitado.

Se a causa que inibe alguns alunos das primeiras classes a escrever para o «Profissional» é o receio de escrever mal, tal facto não tem razão de existir.

Cada um dá o que tem... diz o provérbio. E assim deve ser. Cada um faz o que póde, na medida das suas fôrças, e o seu óbulo, pequeno que seja, deve ser respeitado pelos demais, porque representa um trabalho.

Dito isto, fazemos votos para que o futuro relatório nos indique percentagens bem diferentes das dêste e que mostre que a ideia altruísta da criação dêste periódico, honrado produto do nosso esfôrço foi enfim compreendida.

Alberto Rosa
Aluno do 6.º ano comercial

QUADRO I

Alunos que escreveram para **O Profissional** — *Classificação segundo os cursos*

1.º grau		2.º grau		1.º ano preparatório		2.º ano preparatório		Oficinais		3.º ano (1.º do curso elementar)						4.º ano (2.º do curso elementar)						5.º ano (3.º do curso element.)						6.º ano (1.º do curso secundário)					
										Comércio		Indústria		Total		Comércio		Indústria		Total		Comércio		Indústria		Total		Comércio		Indústria		Total	
Quantidade	Percentagem	Quantidade	Percentagem	Quantidade	Percentagem	Quantidade	Percentagem	Quantidade	Percentagem	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
0	0	0	0	0	0	0	0	2	7	2	16,5	0	0	2	11	3	37,5	0	0	3	13	7	70	1	8	8	36	4	100	2	100	6	100

QUADRO II

Alunos que escreveram para **O Profissional** — *Relação numérica e nominal*

Alunos				Artigos escritos								
				Números do «Profissional»								Total de artigos
N.º	Nome	Ano	Curso	1	2	3	4	5	6	7	8	
3	Barroso	5.º	Comercial	3	2	4	2	1	2	2	1	17
36	Mendonça	6.º	Industrial	1	3	4	3	1	0	2	1	15
13	Rosa	6.º	Comercial	4	3	2	0	2	1	2	1	15
15	Soares	6.º	Comercial	3	1	1	1	0	3	1	1	11
10	Lampreia	6.º	Comercial	0	0	1	2	0	0	0	1	4
67	Isidoro	5.º	Comercial	0	0	0	0	0	1	1	3	5
25	Malaguerra	6.º	Comercial	1	0	1	0	0	0	2	0	4
18	Salvador	6.º	Industrial	2	0	0	0	0	0	0	0	2
11	Calado	4.º	Comercial	0	0	0	0	1	1	0	0	2
132	Centeno	3.º	Comercial	0	0	0	0	0	1	1	0	2
18	Mota	—	Oficinal	0	0	1	0	0	0	0	0	1
53	Vieira	4.º	Comercial	0	0	1	0	0	0	0	0	1
23	Palma	—	Oficinal	0	0	0	1	0	0	0	0	1
77	Lucas	5.º	Comercial	0	0	0	1	0	0	0	0	1
28	Vidigal	5.º	Comercial	0	0	0	0	1	0	0	0	1
26	Franco	5.º	Comercial	0	0	0	0	1	0	0	0	1
61	Amaral	5.º	Industrial	0	0	0	0	1	0	0	0	1
30	Ramalho	5.º	Comercial	0	0	0	0	0	1	0	0	1
41	Mascarenhas	3.º	Comercial	0	0	0	0	0	0	0	1	1
58	Raúl	4.º	Comercial	0	0	0	0	0	0	0	1	1
109	Gouveia	5.º	Comercial	0	0	0	0	0	0	0	1	1

A Biblioteca dos alunos

Ao pedido de alguns alunos secundados pelo nosso tenente Ribeiro Gomes, para que se criasse uma biblioteca escolar, que melhor permitisse a todos a leitura dos livros da Biblioteca do Instituto, prontamente acedeu o nosso Regente, e no dia 6 de Fevereiro, vimos com alegria o nosso desejo transformado numa realidade.

Era nossa vontade mostrar a todos os leitores de *O Profissional*, um relatório detalhado do seu funcionamento.

Circunstâncias especiais, porêm, inibem-nos de publicar os gráficos que seriam as bases dêsse trabalho.

Contudo, para compensar essa deficiência, vamos tentar dar umas indicações, sobre o movimento da Biblioteca, para que, há falta de gráficos que melhor o indiquem, por elas o leitor fique fazendo uma ideia, embora sumária, de qual foi a sua concorrência durante o primeiro mês de actividade.

* * *

A biblioteca tem, até à presente data, estado aberta todos os dias úteis, das 18 às 19 horas durante o recreio e nos dias de feriado das 9 ás 12, das 13 ás 17 e das 18 ás 19,30 (*)

Movimento das obras

Em 1 de Fevereiro, fôram requisitadas à Biblioteca do Instituto 52 obras, reputadas úteis para os alunos consultarem. Além destas, foram-nos nesta data emprestadas mais 2 pelo sr. Tenente Ribeiro Gomes.

Ficamos assim com 54 obras, donde 17 eram romances e 37 com um caracter mais ou menos scientifico.

Foi com estas obras que em 6 de Fevereiro a Biblioteca começou funcionando.

Em 10 do mesmo mês deram entrada na biblioteca as obras que até àquela data eram pertença da companhia.

Ficamos pois com mais 8 obras literárias, cuja entrada não produziu nenhum acréscimo na afluência dos leitores, o que se compreende porque tendo elas estado durante dois anos à disposição dos alunos, já por todos haviam sido lidas (**)

Verificando que o número de leitores ia descrecendo, (**) com o fim de o aumentarmos, requisitamos em 14 mais nove livros à Biblioteca do Instituto, o que efectivamente o fez crescer um pouco, especialmente no que respeita a obras scientificas, o que não admira, pois a maior parte das obras requisitadas neste dia eram dêsse género.

Em 16, novamente com intuito de aumentar o número de leitores, que de novo descrecia, requisitamos à Biblioteca mais 11 obras, entre as quais 10 de Júlio Verne, e desta vez a medida foi eficaz, pois que o número de leitores, logo no dia seguinte, elevou-se a 42, isto é, atingiu o maximum de todo o mês.

Talvez seja agora ocasião de mostrar ao leitor, a fórma como estas obras foram acolhidas pelos alunos.

É inútil dizer que a obras literárias tiveram sempre a preferência às scientificas. Sómente no dia 13 estas últimas ultrapassaram as primeiras (10 literárias, 12 scientificas): pena é que não possamos apresentar o gráfico do seu movimento, onde os leitores teriam ocasião, de observar as suas variações.

Á falta de gráficos, porêm, podemos apresentar o seguinte:

Quadro indicativo do género de obras preferidas pelos alunos

Segundo os cursos

Cursos	Quantidades		Percentagens	
	Literárias	scientíficas	Literárias	Scientíficas
Oficinal	49	19	72	28
3.º ano	91	24	79	21
4.º ano	77	43	64	36
5.º ano	71	54	57	43
6.º ano	15	32	32	68
Total	303	172	64	36

Vemos pois o que acima dissemos: as obras mais procuradas são as literárias (303, enquanto as scientificas o foram só 172 vezes) que pode-se dizer tiveram o dôbro da procura que as scientificas (64 % contra 56 %).

E esta preferência deu-se em todos os anos excepto no sexto. Onde ela foi maior foi no 3.º

(*) Além destas horas, ao sábado, tem também funcionado durante a hora da tuna, das 19 às 21, para os alunos que desta não fazem parte.

(**) Adiante se verá isto, quando estudarmos o *movimento de leitores*.

ano, 91 literárias e 24 scientificas; segue-se-lhe o curso oficinal, depois o 4.º ano e por último o 5.º, onde a percentagem é sensivelmente igual (57 % lit. e 43 % scient.).

É fácil de compreender a causa destas variações: onde as obras literárias são mais procuradas é nos primeiros anos, pouco propensos a leituras mais instrutivas.

Mas não é esta a única causa de êles procurarem de preferência as obras literárias: a maior parte das obras scientificas é escrita em francês, lingua ainda bastante difícil para êles.

Os últimos anos, além de estarem mais preparados para a leitura de obras scientificas, compreendem melhor o francês; daí a preferência que o 6.º ano dá ás obras dêste género.

Se a percentagem dos leitores de obras de caracter scientífico é maior nos oficinais do que no 3.º ano, deve-se isto à existência na Biblioteca de grande número de manuais em português. Póde-se efectivamente verificar nos recibos da biblioteca que é êste o único género de obras instrutivas que leem.

* * *

Qual o autor mais procurado?

Qual a obra mais lida?

É chegada a ocasião de respondermos a estas duas perguntas.

O autor mais procurado foi António de Campos Júnior. Efectivamente as três obras que possuímos dêste autor foram procuradas o seguinte número de vezes:

Marquês de Pombal	30
Luís de Camões	28
Guerreiro e Monge	21

A êste seguiram-se como principais os seguintes:

Louis Figuier, D. Virginia de Castro e Almeida, Alexandre Herculano e Deniker.

É preciso notar porêm, que se as obras de Júlio Verne tivessem existido na biblioteca desde a sua abertura, seria certamente êste o autor mais procurado.

A obra mais lida foi o Marquês de Pombal; segue-se, o Luís de Camões, as Raças Humanas, o Guerreiro e Monge e o Norte Contra o Sul.

Todas estas são literárias. Das scientificas a mais lida foi as Notas sobre Portugal, 15 vezes, e esta mesmo, porque dela tinham de extrair apontamentos para a aula de geografia os alunos de quási todos os anos.

Movimento de leitores

Não podendo apresentar o gráfico vamos indicar, embora duma maneira geral, as suas diferentes modalidades.

O número de leitores, que em 6 de Fevereiro começou por 12, vai sucessivamente aumentando até ao dia 10, data em que atinge a cifra de 35. Descresse em seguida durante os dias 11 e 12 (22), torna outra vez a subir até 18, data em que atinge o seu maximo, tendo no dia 16 decrescido um pouco na curva ascencional (26). Em 18 baixa a 0; passa em 19 a 21, e a partir dêste dia vai decrescendo duma maneira muitissimo irregular mostrando nos fins do mês uma pequena tendência para subir.

Vamos explicar as causas destas variações.

Não se tendo feito propaganda alguma da biblioteca, e sendo além disso a data da sua abertura num belissimo dia de foot-ball (o jogo predilecto do Instituto), e em geral desconhecida, compreende-se fácilmente que à sua inauguração sómente afluissem 12 leitores.

Naturalmente êstes satisfeitos com a experiência fizeram-lhe boa propaganda, e assim se vê o seu crescimento progressivo auxiliado ainda pelo mau tempo que sobreveio durante os dias 9 e 10.

A totalidade atingida em 10 deve ainda ser atribuida ao facto dêste dia ser sábado, e portanto a biblioteca ter estado aberta durante 3 horas.

No domingo saíram bastantes alunos, mas como a biblioteca abriu por três vezes, ainda conseguiu atingir a totalidade de 33.

Tendo alguns dos livros já sido lidos, sendo poucas as obras literárias, sómente 17 (*), e sendo além disso o dia 12 um dia de foot-ball, a descida é por si só axiomática.

Novamente a chuva nos impede de irmos para o foot-ball, e a curva sobe, sobe, auxiliada, ainda que fracamente, pela entrada de livros novos em 14.

16, dia de foot-ball, descida na curva.

Mas eis 17 com o seu máximo de 42.

Razões:

a) A entrada de livros de Júlio Verne em 15. E para o provar bastaria examinar o gráfico em que está separado o movimento de obras literárias do de obras scientificas. Viamos aí, se o pudéssemos apresentar, o seguinte:

Que enquanto a cifra dos livros scientificos

(*) Dissemos 17 porque a entrada em 10, das ouras da companhia, de nada serviu, como já tivemos ocasião de dizer, quando tratamos do movimento das obras.

permanece estacionária, nos dias 15 e 16, (9) a das obras literárias passa nestes dias de 17 para 33, isto é, quási que duplica.

b) Dia chuvoso não permitindo o jôgo de foot-ball.

c) o dia 17 foi sábado; 3 horas de leitura, tendo a biblioteca abrido duas vezes.

Sendo três coisas a contribuirem para o mesmo fim, justifica-se bem o ser êste dia o do maximum de Fevereiro.

No domingo 18, os alunos que não foram a casa saíram a passeio, de forma que não houve ocasião de abrir a biblioteca.

Não se deve pois, dar importância a esta descida, motivada por um caso de fôrça maior.

A influência de Júlio Verne fez-se ainda sentir em 19, dia em que, apesar de haver foot-ball, ainda 32 alunos freqüentaram a bibilioteca.

De 21 a 25, dias de férias do Carnaval e a irregularidade da curva nada pode mostrar, visto que a abertura da Biblioteca era feita muita irregularmente, muitos alunos estavam em férias, outros saíam a passeio, etc.

No dia 25, por exemplo, as saídas não permitiram a abertura da biblioteca.

Em 22, 27 e 28, a pouca freqüência da biblioteca relativamente aos dias anteriores às férias, deve ser atribuída a três causas:

a) Os romances existentes, e os livros scientíficos *reputados interessantes* já tinham sido lidos por quási todos os alunos. Há muito tempo que não entravam obras novas.

b) O tempo manteve-se regular, primitindo livremente o foot-ball.

c) Foram êstes os últimos dias do 2.º periodo, o qual como acontesse com todos, foi *anunciado* pela acumulação de exercícios escritos, sendo portanto uma época em que para estudar todo o tempo era pouco, e que não permitia distracções literárias a ninguêm.

Freqüência

A biblioteca foi regularmente freqüentada, como se pode ver no quadro que se segue.

Freqüência da Biblioteca

Cursos	Totalidade de freqüência	Média por aluno
Oficinal	68	2,5
3.º ano	115	6,5
4.º ano	120	5
5.º ano	125	5,5
6.º ano	47	8
Total	475	5

Vê-se pois que saíram da Biblioteca, durante o mês de Fevereiro, 475 obras, o que dá uma média de 16 obras por dia. Indica isto uma freqüência média de 16 alunos por dia, isto é, 1/6 da totalidade dos existentes nesta secção. Foi, portanto, a Biblioteca regularmente concorrida.

Os alunos que mais a freqüentaram, foram os do 6.º ano. Este facto é não só devido ao seu maior grau de instrução, mas ainda a cada dia, um aluno dêste ano está de serviço à Biblioteca. A êste segue-se o 3.º ano, cuja afluência à Biblioteca (*) era motivada pela presença de romances, que durante o mês foram a sua leitura predilecta.

O curso oficinal foi o que menos vezes freqüêntou a biblioteca. Como as suas obras preferidas eram as literárias, foi êste o curso que menos aproveitou com a criação da Biblioteca.

Conclusões

a) Sendo uma das causas dos alunos dos primeiros anos não lerem as obras de carácter scientífico o facto de elas serem escritas em francês, necessário se torna que se requisitem à biblioteca do Instituto obras congéneres em português para que êles delas se aproveitem.

b) Sendo as obras de Júlio Verne, uma das principais causas do aumento de leitores na biblioteca, bom seria requisitar a colecção completa, pois, muito embora com estas obras poucos conhecimentos úteis venham adquirir, costumando-se a freqüênta-la, fácilmente isso se converte numa necessidade, e terminada a leitura das obras dêste autor, começarão lendo outras que mais úteis lhes sejam. Será então ocasião de aumentar o número de obras scientíficas tanto em português como em francês.

c) O movimento da biblioteca, duma forma geral, é regido pelos seguintes principios.

Aumenta:

a) com a renovação das obras, principalmente literárias.

b) com o mau tempo.

Diminue:

a) com o foot-ball.

b) com a proximidade dos fins dos periodos escolares.

(*) Comparar êstes dados com os fornecidos na tabela do *Movimento das obras*.

* * *

Eis aí, caros leitores, o que podemos dizer sôbre a nossa biblioteca.

Ela representa certamente um grande auxílio para os alunos, que ao mesmo tempo que nelas podem distrair o seu espírito fatigado das canseiras dos estudos, podem também encontrar os elementos necessários para completarem os conhecimentos adquiridos nas aulas.

Pena é que a verba destinada à aquisição de livros seja tão diminuta que nos não permita a compra de muitos livros que nos são indispensáveis.

Ao leitor benévolo que decerto compreende bem o alcance desta nova instituição, fazemos o seguinte pedido:

É que, caso possua alguns livros que, por ter já terminado os seus estudos ou por qualquer outro motivo lhe sejam dispensáveis, os ceda á nossa biblioteca, favor pelo qual todos nós lhe ficariamos extremamente gratos.

Alberto Rosa
Aluno do 6.º ano comercial

O NOSSO ANIMATÓGRAFO

Foi no dia 14 de Abril corrente mês que se inaugurou entre nós o animatógrafo tão anciosamente esperado, não só pelos alunos, como pelos nossos superiores. Deve-se isto especialmente à boa vontade e esforços dos Srs. Tenente João Ribeiro Gomes e do nosso regente, que têem sido unânimes em dotar êste estabelecimento de ensino com tudo que lhe seja necessário para o aperfeiçoamento dos alunos.

A sua inauguração constituíu uma pequena festa de caracter verdadeiramente íntimo, assistindo a ela além de todos os alunos, algumas famílias dos nossos professores e igualmente o nosso Ex.mo Director.

O programa foi deveras interessante. Muito contribuíu para o brilhantismo desta festa a tuna composta pelos alunos da 2.ª secção que executou vários números de música sob a regência do seu hábil professor. Mas de todos êstes números o que mais nos agradou, foi sem dúvida o Carnaval de Venêsa executado pelo nosso professor Snr. Joaquim da Costa Brás e acompanhado no piano pelo Snr. João Ribeiro Gomes. Todos os números musicais foram calorosamente aplaudidos, e bem assim a orquestra composta pelos aludidos professores e alunos Serra, C. Guerra, Correia, Gomes Barata e Américo Alves. Inútil será dizer que o animatógrafo tem sido um valioso auxiliar das nossas aulas de Geografia e História, constituindo um predilecto devertimento nos sábados à noite e nalguns recreios durante os dias úteis.

É mais um benefício que se introduz entre nós, e lógico será esperar que de futuro isto assim suceda, porque podemos afirmar que o Instituto vai sendo um grande estabelecimento de ensino onde não faltam comodidades.

O programa constava do seguinte:

CINEMATÓGRAFO

Actualidades n.º 45 (Gaumont)
Naufrágio (Drama - 2 partes)
De Marselha a Port-Said (Natural - 1 parte)
Destruição dum Zeppelim » - 1 »)
Dos Apeninos aos Andes (Drama - 4 partes)
As cidades conquistadas (Natural - 1 parte)
A caça aos piratas (Natural - 1 parte)
Julot de viagem (fita cómica - 1 parte)

MÚSICA — Nos intervalos

Hino nacional
Le gréviste travesti (passe-calle de C. Brás)
Lilaz (valsa de C. Brás)
Bon soir (polca de S. Morais)
Piirete (pas de quatre de C. Brás)
Fado da revista «Dominó» (de Del Negro)

MÚSICA — Durante o correr das fitas

Simple aveu (Romance de F. Tomé)
Pendant le Flirt (entre-acto de Berger)
Inquieta (Gavote de C. Brás)
Saca-muelas (passa calle de Carecedo)
Fantasia (Composição popular de C. Brás)

Mário Calado
Aluno do 4.º ano comercial

À tardinha

O sol escondia-se no horisonte deixando aparecer por entre a espessa folhagem de um pequeno bosque os seus já diminutos e fracos raios. Eu sentado na relva no cimo da encosta contemplava embevecido um majestoso quadro: Além nas ramagens de um veterano freixo ouvia-se o canto melodioso, e timbrado de um rouxinol.

Lá em baixo, no vale, por entre pedras poídas um fio cristalino ocultava-se correndo debaixo da fresca relva um regato no qual um pastor com o seu rebanho se refrescavam. O seu murmúrio ouvia-se distintamente no cimo da encosta. Aqui corria manso e limpido; além seguia abruptamente, saltitando por entre os seixos e arrastando consigo as fulvas areias.

Do outro lado do vale uma pequena aldeia com o seu campanário no meio, alvo como a neve tocava melancólicamente as 6 horas, incitando os aldeões que recolhiam dos trabalhos encostados aos braços de lindas camponesas, a resarem as ave-marias. Os pastores, recolhiam as suas reses para as dirigirem à aldeia pelos atalhos circundados de troncos rugosos de seculares oliveiras onde as avezitas em constante gorgeio pareciam despedir-se, tais eram os seus copiosos trinados. O sol ia-se afastando lentamente dando a êste quadro sumptuoso um aspecto de doçura e de beleza que jamais poderá descrever-se.

Por fim acabou por desaparecer. O silêncio era profundo, só no vale o regato parecia gemer. A visão então parecia mais encantadora, desperto por fim do torpor em que se encontrava contemplando êste panorama. A minha consciência aconselhava-me a pedir poisada numa dessas alegres herdades que a vista encantam e deslumbram, para ver despontar os primeiros raios anunciadores da alvorada !... mas a noite aproximava-se e eu recolhi à aldeia entristecido por não poder continuar naquele poético lugar e pensando nos deliciosos caprichos que nos reserva a natureza !....

J. Amaral
Aluno do 5.º ano industrial

O Coveiro

Vivia lá na aldeia um mísero coveiro
Um simples camponês, um obscuro obreiro
Encanecido e fraco no triste lidar,
Na fúnebre missão dos mortos enterrar.
Nunca da alegria, o riso embalador
Entrara no seu lar a dissipar a dor,
E jamais a esperança, a etérea mensageira,
Um dia lhe mostrou a face prazenteira
Ai! não, nunca! Que êle, o vil trabalhador,
Exgotara lentamente o calix da dor!
Era uma alma boa, carinhosa e santa,
Velada por tristeza que mata e quebranta
E todo o seu viver era oculto mistério,
Passado com pezar no triste cemitério.
Tinha só uma filha um anjo encantador,
Uma loira criança de riso sedutor,
De um encanto tão vivo, tão doce e fiel,
Como as que idealizou o grande Rafael.
Lindo botão de Abril desabrochando em flor
Beijado pelo luar, embalado pela dor...
Com uns olhos azuis de tão meigo fulgor
Que escondiam tesouros de filial amor.
Por ela com ardor o triste trabalhava;
E quando à tardinha, enfim, ao lar voltava,
Quando o doirado sol a explendorosa fronte
Num rubro cambiante sumia no horisonte,
E o terno rouxinol o canto delicioso
De súbito calava triste e receoso,
Nessa hora imensa de funda nostalgia,

Cheia de um vago encanto de doce poesia
Ao ver surgir a filha, que o vinha esperar
Com um sorriso meigo, com um doce olhar,
O misero, coveiro fraco e abatido
De todos desprezado, de todos esquecido,
Sentia ir-lhe n'alma um doce bem-estar
Que todo o consolava do vil labutar.
E, quando alguma vez, sob a canícula ardente,
No cemitério triste, solitário e quente,
Tinha de enterrar uma mimosa criança,
A imagem da filha, de confôrto e esperança,
Acudia-lhe à mente c'um riso magoado,
Com dorida expressão no rosto delicado.
E a cada enxadada que a custo vibrava
Na terra ressequida, ardente como lava,
Era como cruel e forte punhalada
Que lhe despedaçava a alma atribulada
O mártir coração...
E nessa ocasião,
Uma lágrima de dor bem a custo retida
Caia com vagar na terra endurecida,
Como uma fresca gota de orvalho matutino
Caindo sôbre a flor no colo peregrino,
Como as que no Calvário a Virgem derramou
Quando o meigo Jesus no suplício expirou...
E no entanto, o povo da graciosa aldeia,
Como de mil chacais esfaimada alcateia,
Que o fitava sempre de olhar coriscante
Como se visse ao pé o Inferno do Dante
Cheio de crença vã, de vã superstição
Que muitas vezes nubla o facho da razão
Dizia rancoroso:
«Que malditos coveiros,»
Bandos de homens crueis, miseráveis sendeiros;
Que raça infernal, de lúgubre mistério,
Que toda a vida passa pelo cemitério,
Sem dó no coração, aquilo é barro vil
De Judas ou Caim, uma cáfila servil.
A escória vergonhosa da civilização,
De fúrias de assassino e manhas de ladrão,
De bronzeo coração e alma de negreiro
Que explora a Morte e a Dor pelo Universo inteiro
Sem sentimento algum de carinho ou amor
E onde nunca brotou da piedade a flor!»
.....
Caia leda a noite e no cemitério
Velado pelo pavor de um terrivel mistério
Como de Ossian fantástica visão
Só um homem cavava à luz dum brandão
Mortiça e palpitante ao sôpro da nortada.
Alucinado e louco em fúria desvairada,
Inquieto e febril, o rosto macerado
Onde lagrimas de dor sulcos tinham cavado.
Era o pobre coveiro,
O simples camponês, o obscuro obreiro.
O seu destino atroz, fatal e doloroso
Perseguia-o sempre como um cão raivoso,
Como um bandido que na sombra espera
A vítima inocente e após a dilacera:
A filha encantadora, a criança tão querida
Dos seus olhos, a luz, a luz da sua vida,
Sucumbira há pouco em lenta agonia
Como ao vir a noite se extingue a luz do dia,
E jazia sem vida num torpor letal
No esquife funeral.
E êle, o trabalhador, denominado assim
De alma mesquinha e vil de Judas ou Caim,
Enquanto o vento agreste passava sibilando
Dos ciprestes os ramos, furioso, açoitando
E no etéreo azul de um puro resplendor
Mostrava a linda lua o eternal palor,
Ao vibrar finalmente a última enxadada
A terra ressequida pelo luar beijada,
Reunindo-se na morte ao anjo tão amado
Caia para o lado, inerte, fulminado!

Isidoro J. de Brito
Aluno do 5. ano comercial

OFERTA

Pelo Sr. Manuel Ramalho dos Santos, dig.mo alferes em serviço nêste Instituto, foi oferecido à nossa biblioteca um exemplar do *Collins Large Type Dictionary*.

É o primeiro, e não certamente o último, que acorre ao nosso pedido.

Em nome de todos os alunos, agradecemos-lhe reconhecidos a sua oferta, tanto mais valiosa, tanto é certo que êste livro foi um verdadeiro achado, pois na nossa biblioteca de há muito se fazia sentir a falta dum bom dicionário inglês, que nos facilitasse a leitura dos escritores da nobre Albion.

Direcção

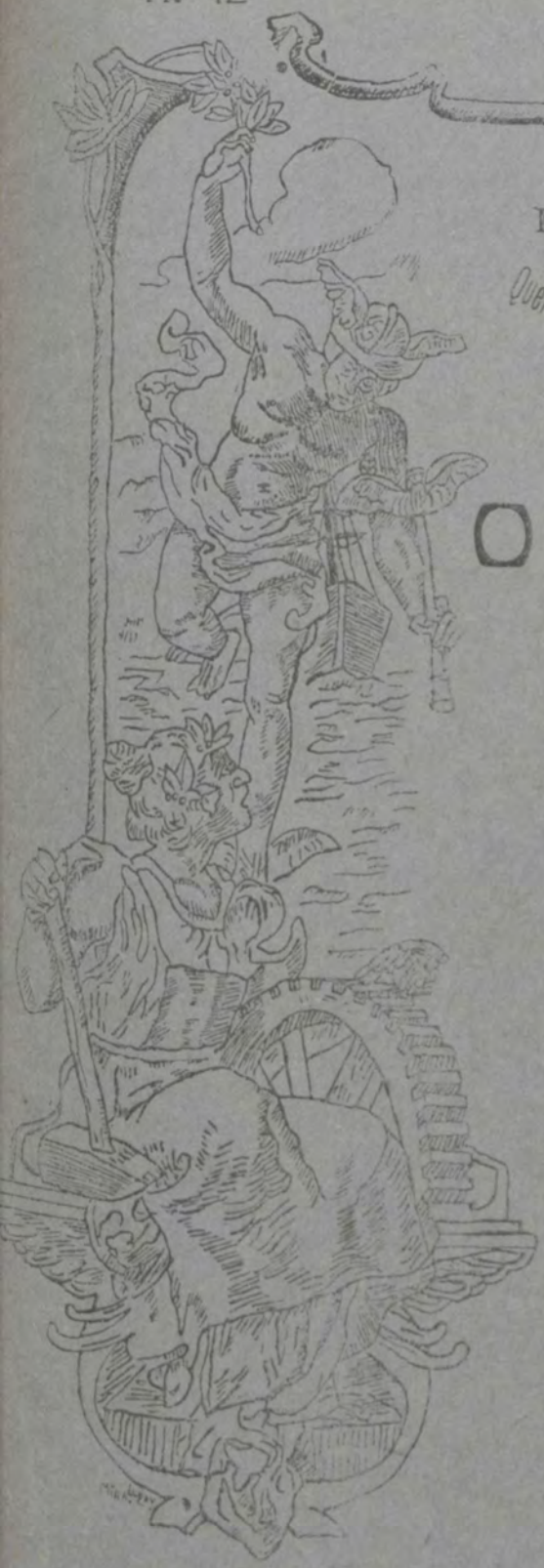
ÉCOS

Partiu no dia 25 do corrente para a França, no desempenho do seu serviço, o nosso ilustre capitão de administração militar Sr. Sá da Costa, provisor neste estabelecimento.

Em nome de todos os camaradas apetecemos um regresso muito breve e feliz ao brioso oficial.

Tivemos o prazer de ver entre nós o nosso Ex.mo Director Sr. Tenente Coronel Ortigão Peres, adido militar em Paris, e que por motivos familiares se demorará alguns dias em Lisboa.

N.º 12 Maio 1917



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

25 de Maio	*J. Barroso Júnior*
O Brasil	*J. Barroso Júnior*
Relatório da visita à Manutenção Militar	*Mário G. Pinto*
Aventuras de Fernão Veloso	*Leonel P. Cunha*
Descoberta do Brasil	*J. Júlio Denis Gago*
Oferta	*Direcção*
O Galo	*Isidoro J. de Brito*
Ecos	*Direcção*

Preço 4 centavos

1917
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
José C. Barroso Junior

Director: Mário A. Soares Pinto
Secretário da redacção: Júlio Aug.to Malaguerra

Conselho de redacção
Alberto de Sousa Rosa
Manuel de Mend.ça Pereira

N.º 12 — 2.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Maio de 1917

25 DE MAIO

Passou há poucos dias o aniversário da fundação do nosso querido Instituto, contando assim já seis anos de existência bastante proveitosa.

Com quanto houvesse feriado, à semelhança dos demais anos, não se pôde realizar, por motivos de fôrça maior, a festa anual, que ficou transferida para dia ainda desconhecido.

Entretanto êste dia não foi de todos esquecido, tendo o nosso Ex.mo Regente, Sr. 1.º tenente Antonio Ferreira de Sousa, ao saudarmos a Bandeira, proferido um breve mas entusiástico discurso, que terminou por mostrar qual a utilidade do Instituto para os membros da familia militar que se via impossibilitada de ministrar instrução aos seus filhos, se a República não cuidasse da educação e ensino.

Finalmente foram levantados vivas à Pátria e à República, correspondidos sempre com o maior entusiasmo.

A noite houve sessão animatográfica que decorreu animadíssima, sendo para louvar a iniciativa de alguns alunos que tocaram vários trechos musicais escolhidos, entre os aplausos da selecta assistência.

Barroso Júnior
Aluno do 5.º ano comercial

O BRASIL

Sempre nos é deveras consolador registar aqui datas memoráveis, factos heróicos e nobres que nos façam relembrar o passado, que encerra qualquer coisa de grande, sublime e virtuoso.

E esta data é daquelas que nos rejubilam, porque nos evocam os tempos redentores das descobertas marítimas e das conquistas, à sombra das quais Portugal se dignificou, tornando-se o senhor supremo do universo.

Foi o que se deu após o descobrimento desta extensa região hoje denominada Brasil, e à qual estamos íntimamente unidos pelo sangue, pela língua e tradições gloriosas e imorredouras.

Entre nós foi êste dia celebrado com uma sessão animatográfica, havendo também recitações várias pelos alunos da 2.ª secção que foram sempre bastante aplaudidos.

Porém, o que constituiu maior importância foi a conferência realizada pelo aluno José J. Dinis que decorreu brilhantíssima pela irrepreensivel maneira como a conduziu, sendo com imenso prazer que abaixo a reproduzimos, dado o interesse que deve despertar em todos, que, excluindo os dotes oratórios do nosso colega, encontrarão mais sinais evidentes do esfôrço de um rapaz que se abalançou pela primeira vez a um trabalho que demanda muita perseverança e inteligência.

José da C. Barroso Júnior
Aluno do 5.º ano comercial

Relatório da visita à

Manutenção Militar de Lisboa

(Continuação do n.º 10)

Para a regulação dos moinhos há vários parafusos. Os moinhos são todos munidos de aberturas laterais, que permitem a ventilação dos moinhos. A conveniência destes orifícios está no evitar o aquecimento demasiado dos cilindros.

Peneiração — Os aparelhos empregados para esta operação são: peneiros e sassores.

Peneiros — Compõem-se em geral de uma caixa de madeira, rectangular, colocada com a face maior para baixo e suspensa por hastes oscilantes e flexíveis. Na parte inferior estão ligados a uma roda horisontal animada dum movimento muito rápido.

As faces inferiores dos cofres, nome dado à caixa, têem apenas os orifícios necessários para a saída da farinha.

Sassores—O papel dos sassores nesta operação é separar os rolões, sêmolas e sêmeas, por forma a reunir cada um daqueles produtos, com as mesmas dimensões e densidades, depois de lhes tirar alguma farinha que os peneiros não tiraram. Neste estabelecimento há 2 espécies de sassores: sassores de rolões e sassores de sêmolas. Dos primeiros existem 4 e dos segundos 6.

Fábrica de pão — Geralmente para a fabricação do pão não se emprega apenas uma farinha. Justifica-se esta mistura pela necessidade de fixar tipos uniformes e invariáveis de pão; sobretudo quando se trata do fornecimento às tropas, como sucede neste estabelecimento. A primeira transformação que a farinha sofre nesta dependência é a que sofre nos aparelhos chamados lotadores mecânicos. Têem por fim misturar as farinhas que hão de compor o pão; esta operação pode-se renovar tantas vezes quantas quizermos em virtude duns parafusos que existem dentro duma caixa e que estão animados do movimento de rotação. São êstes parafusos que misturam as farinhas que antecedentemente são lançadas numa caixa, que também fazem parte do aparelho, e que projectam a farinha para uns peneiros de onde sai para outra caixa e assim sucessivamente.

Amassadura — Na Manutenção esta operação é feita com os amassadores mecânicos do tipo Borbeck e do tipo Wermer & Pfleiderer. Estes últimos são os melhores e está demonstrado pela experiência que a amassadura com êles efectuada é mais perfeita do que a dos manuais, com maior uniformidade, e com mais facilidade e rapidez. Consistem em tinas metálicas dentro das quais giram uma hélice e uma pá, que revolvem a massa a ponto de ser praticável a cosedura. Esta massa é composta de farinha, água e fermento. A fermentação é uma das operações indispensáveis para o fabrico do pão. O objecto do fermento é a distensão do glúten, e o desenvolvimento do anidrido carbónico, tornando deste modo a digestão mais fácil e fazendo com que o pão seja, como vulgarmente se diz, mais leve.

A massa ao sair dos amassadores é lançada numa balança que pesa sempre a mesma quantidade de massa, que a põe sempre da mesma espessura e que depois a divide em partes iguais constituindo cada uma destas partes um pão vulgar.

É preciso atender a algumas condições no funcionamento dêstes amassadores.

Estas condições são: as quantidades relativas de água, farinha e fermento.

Cosedura — Para o cosimento do pão há na manutenção um forno modelo a que chamam o forno de *Perkis*, que consta de 2 partes perfeitamente distintas: a câmara e a fornalha. Esta é separada da primeira por meio duma grossa parede de barro refractário. Esta separação tem a conveniência de a câmara e a padaria estarem isentas de se sujarem do pó do carvão ou do elemento empregado para o aquecimento, das cinzas, etc. A parede que separa as duas câmaras é atravessada por uns tubos metálicos, hermeticamente fechados, e que contêem agua. Uma das extremidades dêstes tubos fica mergulhada no fogo existente na câmara, transmitindo-se o calor por meio deles, dela para a fornalha.

Geralmente para aproveitar o calor os fornos são duplos, isto é, 2 fornos sobrepostos e aquecidos na mesma câmara. Estes estão ligados a um manómetro que indica a pressão a que as suas paredes estão submetidas.

Êstes fornos são melhores que quaisquer outros porque os tubos estão dispostos de forma a coser o pão igualmente, o que se vê pela côr que todos trazem ao sair do forno; porque o consumo do combustível é menor, aumentando portanto o rendimento; o carregamento e a descarga do forno é fácil e rápida porque o lar é móvel; sendo os fornos construidos quasi todos de ferro as reparações tornam-se raras.

O transporte de pão para os depósitos faz-se por intermédio de estantes móveis, nas quais pode permanecer para enxugar.

Fábrica da Bolacha — A bolacha aqui fabricada tem a seguinte composição: água, farinha, fermento e sal, compreendendo as seguintes operações:

Amassadura — É feita em amassadores mecânicos semelhantes aos usados na amassadura de pão.

Dêstes amassadores a massa vai para uma máquina: a máquina de laminar; onde é reduzida a lâminas tão pouco expessas quanto quizermos.

Desta máquina passa para outra: máquina de cortar, onde é reduzida a rectângulos de $0,^{m}07 \times 0,^{m}05$.

Desta seguem para outra ondes são picotados.

Esta picotagem tem a vantagem de tornar o cosimento mais fácil.

Cosedura — Esta operação é feita em fornos como os de coser pão, sendo porêm a temperatura mais baixa, onde permanece durante 15 minutos. Lança-se a bolacha em prateleiras que são transportadas para dentro do forno por meio duma corrente sem fim sendo ela própria que os transporta.

Fabrica de massas alimentícias — A massa faz-se num aparelho semelhante aos usados para esta mesma operação no fabrico do pão mas com formas adquadas para êste trabalho. A massa deve levar pouca água, não só para auxiliar o enxugo, como também para impedir a fermentação.

No laminador a massa é reduzida a lâminas de fraca expessura. Estas lâminas são depois enroladas e levadas para o cilindro onde serão comprimidas e obrigadas a passar por uns orifícios praticados numa das bases do cilindro de compressão formando dêste modo tubos de massa, da grossura de 3 decimilíme-

tros sem quebras nem defeito. Estes tubos são cortados por uma faca animada dum movimento circular em torno do centro do círculo da base, podendo ser êste movimento tão rápido, quanto mais pequenos se quizerem fabricar os tubos. Depois de cortados segue-se a operação seguinte :

Secagem — Os tubos são transportados para umas caixas herméticamente fechadas ficando sugeitos a uma forte corrente de ar originada por uma ventoinha colocada num dos lados da caixa. Daqui é encaixotada e transportada para os armazens.

Armazêns — Existem vários nos quais se vê o bom estado de conservação de todos os produtos e o aceio em que se encontram.

Quási todos os trabalhos são feitos por mulheres o que se torna mais económico.

Mário Gouveia Pinto
Aluno do 5.º ano comercial

Aventuras de Fernão Veloso

(Lusiadas, canto V., est. XXIV-XXXVI)

No dia 4 de novembro com grande alegria dos portugueses foi pela atalaia denunciada a presença de «terra».

Esta que ao princípio mal se podia enxergar pelas suas linhas apenas esboçadas, começou pouco a pouco a tornar-se mais nítida de forma a apresentar ante os olhos dos audazes marinheiros todas as belezas duma paisagem Africana.

Vasco da Gama deu ordem para lançar ferro e em breve todos os portuguêses se encontravam pisando as ardentes areias da Etiópia.

Porêm Vasco da Gama e os seus pilotos não descançavam: Munidos dos aparelhos que então possuíam trataram de tirar o ponto da costa em que se encontravam, verificando que se encontravam para alêm do trópico de Capricórnio em plena zona temperada do sul. Encontrava-se Vasco da Gama fazendo as suas observações, quando notou que alguns dos seus traziam prisioneiro um Indígena que haviam encontrado no mato.

Quizeram perguntar-lhe novas da Índia mas como o não compreendiam nada puderam fazer limitando-se sómente a mostrar-lhe alguns objectos de oiro e prata ante os quais o selvagem ficou indiferente.

Mostraram-lhe depois outros objectos de menor valor, como contas, guisos e barretes vermelhos com os quais o selvagem se mostrou contentissimo.

Deixaram-no então em liberdade levando consigo todos êsses objectos.

Logo que se viu solto, o preto dirigiu-se para à sua povoação que ficava próxima.

No outro dia, com grande espanto, todos os navegantes viram uma grande quantidade de pretos todos nus que vinham ver se também alcançavam os mesmos objectos que seu companheiro havia levado. Tão dóceis se mostraram que Veloso, um dos navegadores portuguêses, confiado na sua força, teve a arrojada ideia de os acompanhar para estudar os seus costumes e vêr as suas habitações.

Já havia passado longo tempo que o Veloso tinha desaparecido ao cimo do outeiro, quando os seus companheiros já cheios de ansiedade, o viram aparecer correndo na direcção da praia. Seguiam-no alguns indígenas que pelos seus gestos pareciam aprisioná-lo. Imediatamente Nicolau Coelho partiu em seu auxilio com a sua gente.

Mas antes que tivesse tempo de lhe prestar qualquer socorro, um bando dêsses selváticos íncolas, que até então se conservara, escondido apareceu de súbito despejando sôbre os portuguêses uma saraivada de pedras e azagaias, que feriram alguns, dos nossos, entre êles o próprio Vasco da Gama.

Então êste audaz navegador deu ordem para atacar os selvagens que em breve foram postos em fuga não sem que muitos dêles tivessem pago caro a sua traição.

Encontrava-se já Veloso a salvo e os

portugueses navegando de novo por essas desconhecidas paragens, quando um dos marítimos perguntou irónicamente a Fernão Veloso:

Então Veloso amigo aquele monte é mais fácil de descer que de subir! Ao que o arrojado português respondeu sem se perturbar:— Sim é...

Mas quando eu para cá vi vir tantos daqueles cães, depressa um pouco vim por me lembrar que estaveis cá sem mim.

Leonel Pereira Cunha
Aluno do 5.º ano industrial

DESCOBERTA DO BRASIL

Passados dois anos sôbre a descoberta do caminho marítimo para a Índia, que veiu acrescentar à história da Humanidade as páginas mais brilhantes que enaltecem os fastos da nação portuguesa, D. Manoel encarregou Pedro Álvares Cabral, do mando de uma armada de treze navios, que devia assegurar o comércio e o poderio das Índias a favor de Portugal, visto já estarem entaboladas por Vasco da Gama as primeiras relações comerciais que deveriam trazer resultados profícuos ao reino.

Era a frota magnífica e poderosa e tinha como capitães, além de Pedro Álvares Cabral, Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias, o primeiro que ousara dobrar o cabo da Boa Esperança e que por uma fatalidade do destino no seio das suas ondas ia encontrar desta vez o perpétuo sono da morte.

No dia 8 de Março, domingo, o sol resplandecente espalhava os seus rutilantes raios sôbre a cidade de Lisboa que ostentava nêsse dia galas festivas e pompas sem egual.

Os sinos das diversas egrejas de momento a momento, repicavam alegremente, dando sinais de festa relegiosa e a população de quási toda a cidade, atavia-se jubilosa para assistir ao acto solene há dias anunciado de bôca em bôca.

Nas águas do soberbo Tejo, vê-se a frota empavesada de flâmulas e galhardetes, desfraldados airosamente ao vento, dando um imponente e magestoso espectáculo àquelas praias.

Nestas, o povo alegre e triste, aglomera-se para ver de perto a magnificente e poderosa armada; há ali entre a multidão, mães e esposas que choram angustiadas pelos que em breve partem, deixando-as cheias de amarguras e cuidados pelo seu destino; há também corações amantes e frementes de dor que possuem apenas como refrigéro para as candentes frágoas que lentamente lhes consomem o peito, as etéreas lágrimas que rolam pelas suas faces.

Principiou então a missa na capela do Restelo, fundada pelo Infante D. Henrique para animar a devoção e fé dos marítimos. Estavam presentes os grandes do reino e entre êles o rei de Portugal D. Manoel tendo ao seu lado Pedro Álvares Cabral que dêste modo recebia solene testemunho do apreço e consideração com que era tido na côrte.

No altar mór, magnificente e grandioso, eleva-se o estandarte real da ordem de Cristo e das tribunas pendem colchas de fino damasco que dão imponência magestosa aos atavios da capela.

Terminada a cerimónia relegiosa, o rei com a sua côrte deslumbrante, dirige-se para a praia do Restelo por entre aclamações e vivas retumbantes da população entusiasmada. Nas eminências da cidade, a multidão apinha-se compacta, para ver melhor o magestoso espetáculo, que se desdobra ante os seus curiosos olhos.

No cais, D. Manoel despede-se comovidamente do capitão mór e dos outros comandantes; dado o sinal da partida, levantam-se âncoras, desfraldam-se velas, e a gloriosa armada impelida pelo sôpro da fagueira brisa, sai pela barra fora e toma a direcção do cabo Espichel.

Em terra o povo comovido saúda os arrojados filhos do mar, que vão arrostar as fúrias oceânicas para darem a Portugal o lugar de honra na história universal.

Apoz alguns dias de próspera viagem, avistaram o arquipélago de Cabo Verde, onde uma violenta tempestade de tal modo agitou os mares, que os navios envolvidos por serras de ondas, ora lhes tocavam as cristas, ora se profundavam nos abismos cavados por elas.

Acalmada a procela, juntou-se toda a frota, com excepção do navio S. Nicolau que depois arribou a Lisboa, continuando os 12 restantes pelo oceano, e afastando-se um pouco da costa, segundo as instruções do eminente navegador Bartolomeu Dias.

A 21 de Abril, as aves redemoinhando no espaço ou poisando airosamente sôbre as vagas e as auras fragrantes que impregnavam a atmosfera, anunciaram aos viajantes a proximidade de regiões desconhecidas.

No dia seguinte apareceu no horisonte um ponto escuro, que gradualmente ia crescendo; a anciedade de todos é enorme; subitamente ouve-se a voz possante do gajeiro da nau capitânia que grita do cesto da gávea: terra!... terra!... É indescretível o que se passou no ânimo daqueles homens, habituados aos rudes trabalhos do mar; um grito unânime de contentamento saiu de todas as bôcas, e até mesmo aqueles a quem o encarniçamento de sucessivas batalhas tinha endurecido o coração, se descobriam comovidos perante aquele monte de formas arredondadas que lhes lembrava com funda nostalgia as serranias e alcantis da sua ditosa Pátria.

O monte que se destacava de um prolongado negrume, constituia as eminências da serra dos Aimorés, parecendo saudar em sua mudez os intrépidos navegadores, que tinham sulcado ignotos mares, para virem plantar a invicta bandeira de Portugal, nestas remotas paragens de todos desconhecidas.

Depois de se terem reünido em conselho os capitães dos diferentes navios, ficou resolvido que iria a terra Nicolau Coelho, um dos companheiros de Vasco da Gama na sua famosa viajem á Índia.

À medida que a embarcação em que ia Nicolau Coelho se aproximava da costa, ia aumentando o número de indígenas, armados de arcos e de flechas e testemunhando no rosto o espanto que lhes causavam as embarcações coisas como que animadas e sobrenaturais, que pareciam apenas obedecer ao impulso de uma vontade única.

Entretanto os marinheiros olhávam maravilhados para o grandioso espectáculo que se desenrolava aos seus olhos; dir-se-ía que alguma fada encantada, tinha vindo bater com a sua varinha mágica, naquela soberba região; vastas florestas que se revestiam miraculosamente em todos os tons; plantas trepadeiras esbracejando e espreguiçando-se, cercavam os carcomidos troncos, das árvores mais remotas; pelo chão o musgo desde o mais claro ao mais escuro formava verdadeiros bancais de veludo; flores peregrinas de graciosas nuances desprendiam aromas subtis; um verdadeiro mar de folhagem que ao sopro da nortada e se assemelhava a um oceano de ondas diversamente coloridas; a natureza ostentava a magestade sem egual das suas louçanias.

O sol ardente e tropical reflectindo-se na brancura da praia, inundava de luz o vasto horizonte da terra descoberta; nos seus bosques milhares de avesinhas gorgeavam alegremente, saúdando dêste modo os impávidos navegadores, impelidos pelo furor do oceano para tão longínquas paragens.

Desconfiados os indígenas por verem em suas plagas homens desconhecidos tinham receio de se aproximarem, mas vendo os gestos amigáveis dos portuguêses em que lhes pediam para abandonarem as armas, aproximaram-se a medo, recebendo com demonstrações de alegria algumas dádivas das mãos de Nicolau Coelho.

Estavam assim estabelecidas as primeiras relações de amisade entre portuguêses e arborígenes.

No dia 24 de Abril, Pedro Álvares Cabral mandou levantar âncoras e correr para o norte, em procura de um pôrto seguro onde pudessem abastecer-se de água e lenha. Tendo navegado cerca de 10 léguas, encontraram uma enseada onde entraram os navios menores ficando as naus fora dos recifes por não haver fundura suficiente.

Alguns marinheiros apanharam dois indígenas que pescavam numa almadia apresentando-os ao capitão que os recebeu com bonhomia dando-lhes o que indicavam desejar.

Para comemorar êste glorioso feito, Pedro Álvares Cabral mandou erguer perto da praia uma tosca cruz de madeira junto á qual ouviu missa, embarcando em seguida para a Índia depois de ter plantado o padrão das quinas, símbolo de posse da ditosa Pátria Portuguêsa.

No entanto, esta preciosíssima descoberta que mais, tarde havia de legar explêndidos tezoiros, passou quasi que despercebida aos olhos dos portuguêses, que concentravam toda a atenção nas riquesas maravilhosas da Índia. A *Índia!* Que nome tão mágico que alvorotava e deslumbrava tantos corações, bastava pronuncia-lo para se sentir na alma um louco desejo de riquesas, que esquentava o sangue, e impelia o ânimo a audaciosas aventuras.

Foi um sonho que teve a duração de um relâmpago, aquêle que nas épocas áureas absorveu Portugal.

Caravelas entravam e saíam sem cessar, no vasto e concorrido estuário do Tejo, trasendo desfraldada galhardamente ao vento, a gloriosa bandeira das quinas.

Mancebos levados pela ambição insana e sórdida que lhes inspirava o oiro, êsse metal vil e mesquinho que ha de ser eternamente o grande agnete da ruína e corrupção da humanidade, para lá partiram com o cérebro esbraseado, abandonando a sua pátria, os seus amigos e os seus lares!

A Índia era como um manancial de oiro, de riquesas e de maravilhas extraordinárias, onde os portuguêses cevavam as suas ambições. E, quantos dêles na sua pátria ignaros e réprobos, de lá voltavam cheios de felicidade, com uma riquesa obscura e duvidosa, talvez regada com o sangue de muitos Indios, ou adiquirida à custa de ignomínias e traições. Houve mesmo até alguns governadores portuguêses, de sanguinários instintos, que praticaram crimes de requintada selvageria desprestigiando um pouco o brilho a toda a nossa glória.

Portugal tinha atingido o seu apogeu; Lisboa tornara-se o maior empório comercial do mundo, dando assim o derradeiro golpe no predominio das repúblicas do Levante. Navios extrangeiros de aspectos curiosos aglomerávam-se no porto, atraídos pela fama dos portuguêses; grandes caravelas entravam e saíam abarrotadas do oiro e das especiarias, que da Índia nos eram enviadas para encherem os cofres do Estado.

Porêm, êste fausto espantoso e louco que tanto poderia beneficiar o reino, foi a causa da sua ruina

Os campos desertos pela falta de braços, faziam prever em longínquos rebates uma época de fome e de miséria; as indústrias quási que se tinham paralisado e o povo amolentado e prevertido pela sêde do oiro, perdera aquele carácter belicoso e sóbrio, com o qual tinha assombrado a humanidade.

Passada esta época de febre e de desvario, D. João III, teve a feliz ideia de mandar colonisar o Brasil, até então esquecido pela ambição portuguesa. Para êste fim começaram a saír do reino um grande número de emigrantes, na sua maioria condenados, jesuítas e criminosos, que aí principiaram a estabelecer colónias ou capitanias, governadas por capitães, nos quais o governo da metrópole depositava a maior confiança.

Cada capitão podia alargar á sua vontade o território para o interior, contanto que não desse logar a

conflitos de espécie alguma. Convêm aqui notar dois elementos que embora divergissem de ideias tinham o mesmo fim: ganhar muito; êstes elementos eram os jesuítas e os judeus. Os últimos ficaram tristemente célebres na história brasileira, pela série de violências que praticaram. Fundavam aldeias, deslumbravam os selvagens com os explendores do culto católico, explorando habilmente a conhecida acção da música, sobre toda a casta de animais.

Havia uma feitoria donde saiam para o sertão um grande número de bandeiras, com o torpe fim de apanhar escravos; a crueldade dêste comércio chegava a ser feroz; a morte esperava os que resistiam à prisão e as vendas no curral era a sorte dos submissos; foi uma guerra primitiva e selvagem, sem vislumbre de humanidade. Em 1665 um certo Fávila incendiou 800 malocas, matou mais de 1000 índios e trouxe escravizados um rebanho de 400.

Mas por outro lado se a falta de braços para a agricultura obrigava a estas carnificinas, é evidente que para a defesa também eram necessárias represálias terríveis. Eram enormes as perdas dos portuguêses nestas horríveis lutas; a gente de Coutinho foi trucidada e devorada na Baia. Além dêste tétrico acontecimento deram-se ainda muitos outros que nos mostram bem o ódio e a ferocidade que os selvagens usavam para com as nossas tropas.

Os jesuitas que impassiveis tinham presenciado esta guerra de exterminio, quiseram domesticar para Jesus os indigenas americanos, como tinham já feito à gente civilisada da Europa; para êsse fim, deslumbravam-nos com cerimónias vistosas, encantavam-nos com a música e apareciam-lhes como seres superiores, quási deuses. A instalação de um colónia francêsa no Rio de Janeiro veiu complicar com um novo elemento, os anteriores motivos de desordem. Mem de Sá conseguiu expulsa-los, mas não pôde vencer as tribus tupinambas que se encontravam ao lado dos novos colonos.

Enquanto os aimores saqueavam o litoral, os tamoires atacavam S. Paulo. Nesta ocasião, os portugueses encontraram um precioso auxiliar num facto de ordem natural, sempre repetido mas ainda não explicado; a extraordinária severidade das epedemias nas raças arborígenes, em contacto com os emigrantes.

Em 1564, as bexigas lavrando os indios exterminavam-nos; vendiam-se famintos para escravos e abandonavam os filhos fugindo à peste.

Durante o último reinado dos monarcas castelhanos, a maior parte do Brasil passou para as mãos dos Holandeses. Em 1621 fundou-se a Companhia das Índias Ocidentais, cujo fim era a conquista e saque do Brasil e o apresamento das mercadorias do Perú e do México nas águas do Atlântico. A organisação era em larga escala a reprodução do que antes e particularmente, tinham feito os mercadores de Londres.

Embora a nossa administração colonial fôsse viciosa como nos acusam, o facto é que ela criou nações, fez germinar e nascer as sementes de novas pátrias ultramarinas, enquanto que as companhias holandesas, apenas souberam criar um sistema de roubar os trabalhos aos indígenas, depois de terminado o período das rendosas piratarias.

Em 1624 apareceu uma esquadra em frente da Baia; a cidade foi tomada sem resistência, o saque abundante e as egrejas profanadas. Vendo o estado de abandono em que se encontrava a cidade, o bispo D. Marcos Teixeira, num rasgo épico e sublime colocou-se à frente dos índigenas fugitivos, trocando o báculo pela espada como nos tempos medievais. Os holandeses foram derrotados mas a cidade não pôde ser reconquistada.

Estavamos numa época em que Portugal não era mais do que um coval de lodo para receber o tábido cadáver de um pobre povo escravo! Entretanto lá fora, nessas regiões maravilhosas, em que o sol tem mais brilho e o ceu mais claridade; em que há pérolas que rutilam como estrêlas; onde as energias se quebravam e os espíritos se currompem numa tiste promiscuidade de chatins e de herois, viam-ss os últimos pladinos envolverem numa apoteose de heroicidade a invicta bandeira portuguesa.

Débeis eram pois os esforços que Portugal podia fazer nêste período de opróbios e de vergonhas, para livrar a sua colónia americana do jugo extrangeiro.

Os holandeses iam avançando; em 1636 dirigiram-se para a opulentíssima cidade de Pernambuco onde de certo havia muito a roubar. Matias de Albuquerque enviado a defender a cidade, não lhes podendo resistir retirou-se para o campo entrincheirado do Bom Jesus que se tornou o primeiro baluarte da independência, do norte brasileiro. A lição da Baia servia agora aos holandeses, que se preparavam para a guerra planeando a conquista de todo o Brasil. As primeiras tentativas porêm foram infrutiferas.

Uma esquadra espanhola enviada para expulsar os holandeses obrigou-os a recolherem-se ao Recife onde esperaram por reforços.

Nada lhes podia valer, senão a inopinada e pérfida traição do mulado Calabar que se ofereceu para os guiar pelos caminhos mal trilhados do sertão, pelas angras e canais da costa que êle conhecia de cor, com a agudesa de sentidos de um selvagem.

Enquanto os nossos premaneciam no seu arraial sem atacarem, os holandeses iam ocupando os portos, e assenhorado-se da costa. Obrigados a retirar para o Sul, os portugueses entraram em Porto Calvo onde Calabar, o causador de tantas vicissitudes lhes caiu nas mãos. O mulato foi enforcado e esquartejado, pagando assim a infame vingança, que via consumada.

O êxodo dos pernambucanos, é uma página fúnebre e sangrenta da história brasileira. Perdidos pelos áridos sertões, amarelos de febre, sequiosos e famintos, ouviam horrorizados o rugido aterrador dos animais selvagens e o tétrico gemer das selvas, que lhes dava a ideia de um carpido côro de finados. A coluna que avançava ia deixando uma esteira de cadáveres, que as feras e os abutres esfaimados devoravam ávidamente.

Em 1644 os holandeses perderam Maranhão e o Ceará;

dois anos depois, os brasileiros levados ao extremo pelas opressões e vexames de toda a ordem, libertaram definitivamente a sua pátria, da dominação estrangeira.

Com a descoberta das minas de oiro e de diamantes, o Brasil começou a prosperar indo para lá todos os anos um grande número de colonos.

No fim do século XV as minas principiaram a exaurir-se e os jasigos quási improdutivos, não davam para pagar o sustento dos mineiros que se arruinavam, quanto mais para enviar 100 arrobas de ouro para Portugal essa metrópole madastra, que nada saciava, nem os impostos nem os monopólios, entre os quais o do sal vexava todos!

Fanatisados pelo fogo do entusiasmo liberal que os filósofos franceses derramavam como lava pelo mundo, os brasileiros iam lenta e progressivamente despertando da atonia, em que tinham estado imersos por tantos anos.

Ao mesmo tempo em que rebentava uma revolução na França, ia rebentando outra em Minas. Tiradentes e Freire de Andrade, os principais chefes da conspiração, pagaram no patíbulo a sua nobre audácia, mas conseguiram aliviar os sofrimentos da população e definir o pensamento nacional, maduramente elaborado, no século anterior.

Em 1807 D. João VI, ante os perigos da invasão francesa, que não soube arrostar, deliberou como mais prudente abandonar a Pátria, fugindo para o Rio de Janeiro, onde desembarcou com dusentos milhões de crusados e 15000 servidores, entre marqueses, condes, comendadores e cónegos.

Deslumbrados ao princípio, pelo espantoso fausto da nação portuguesa, os brasileiros não tardaram a observar, quanto valiam êsses explendores da metrópole.

(Continua)

José Júlio Dinis Gago
Aluno do 4.º ano comercial

Oferta

Bem pensavamos nós, quando depois do pedido feito pelo nosso condiscipulo Alberto Rosa, para que oferecessem livros à nossa biblioteca, (*) tivemos no passado número o prazer de agradecer a oferta do nosso alferes Ex.mo Sr. Manuel Ramalho dos Santos, que êste não seria certamente o último a atender o nosso pedido.

E não foi:

O distinto aluno do 2.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, Ex.mo Sr. Arnaldo Brazão, acaba de oferecer à nossa biblioteca um livro intitulado *COMÉRCIO INTERNACIONAL DE PORTUGAL*, com esta dedicatória, que honra sobremaneira o já bem conhecido nome do nosso Instituto:

Ao Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, obra meritória e altruísta, verdadeiro orgulho da República,

Oferece

(a) Arnaldo Brazão

Abril de 1917

A Sua Ex.ª. os nossos sinceros agradecimentos.

A Direcção

(*) Vide n.º 11 (Abril de 1917) *A Biblioteca dos alunos.*

O Galo

Airoso e marcial, soberbo de vaidade,
Garboso o busto erguido, a crista avermelhada,
Ao romper da manhã, a viva claridade,
Solta o seu canto forte, o canto da alvorada.

E todo se espaneja, Sua Magestade,
Alada sentinela, alegre e descuidada,
Dizendo em seu cantar: Despertai mocidade.
Erguei-vos pr'o labor. pr'a lide abençoada;

Raparigas, ceifai as messes aloiradas.
Lavradores. semeai as terras desbravadas
Que o trabalho vos seja e nobre galardão

E sempre da manhã, ao explendido clarão.
Do galo ao canto forte, tudo se levanta,
Do galo ao canto forte, tudo parte e canta!

Isidoro J. de Brito
Aluno do 5. ano comercial

ÉCOS

Durante êste mês foi o Instituto visitado por algumas individualidades de destaque no nosso país.

Assim deram-nos o prazer de vir apreciar os nossos trabalhos escolares, alguns membros da Comissão Pró-Pátria do Rio de Janeiro, que se demoraram entre nós horas, apreciando meticulosamente tudo o que havia no Instituto que lhes pudesse servir de modelo para a organisação dum colégio destinado aos filhos dos nossos soldados mortos em campanha.

Bastará dizer unicamente que depois da visita passada e terem assistido a um exercicio militar os ilustres visitantes sairam daqui perfeitamente satisfeitos e maravilhados pelo valor que encerra êste estabelecimento inscrevendo no livro dos visitantes as palavras que se seguem e que constituem o nosso orgulho, o do país e o dos nossos superiores.

Saimos desta casa mais do que nunca confiantes nas capacidades da nossa raça e admirando os oficiais a cujas competência e dedicação o governo confiou esta obra.

Possam escolas como esta multiplicar-se pois que nelas se poderá crear uma nova geração digna de um grande destino!

Lisboa, 22-5-917

a) Candido Sotto Maior
Carlos Malheiro Dias

Dignou-se S. Ex.ª o Ministro da Guerra, antes da sua partida para a frente de batalha, deixar-me o honroso encargo de acompanhar a digna comissão do Pró-Pátria do Brasil aos estabelecimentos de obra Social e Tutelar do Exército. A opinião de S.as Ex.as bem expressa fica acima. Faço votos pelo êxito da obra grandiosa que se propõem realizar. Mais uma vez me congratulo com o progresso do Instituto.

Lisboa, 22-5-917

Desidério Beça
T. coronel

* * *

Igualmente nos visitaram em missão de estudo os distintos alunos da Escola Normal de Lisboa, acompanhados pelo digno Director Snr. Tomás da Fonseca que levaram daqui as melhores impressões, como bem se pode apreciar no que se segue:

Visitei, com professores e alunos da Escola Normal de Lisboa, este Instituto de que todos levaram as mais vivas impressões.

Asseio, método, e disciplina, tudo aqui impressiona e encanta.

Obra de verdadeiros educadores e patriotas, ela é sobretudo uma obra digna da República que lhe deu origem.

Lisboa, 30-5-917

Tomás da Fonseca

Em excursão de estudo, com os alunos da 3.ª classe da Escola Normal de Lisboa, visitei hoje este Instituto de educação, que reputo modelar, tanto sob o ponto de vista higiénico, como profissional. E é para louvar o zelo, e perseverança, o esforço que êle representa por parte do corpo docente.

Lisboa, 30-5-917

Alberto Pimentel

* * *

Partiram para França os ilustres oficiais do Exército, Snrs: Capitães Vitorino Guimarães e Freire Quaresma, que desempenhavam aqui os lugares de Regente da 1.ª Secção e Comandante de Companhia da 2.ª Secção.

A estação foram despedir-se dos briosos militares uma comissão de alunos do 6.º ano.

Aos dignos oficiais que tiveram a penhorante amabilidade de nos deixarem o seu cartão de despedida os mais respeitosos agradecimentos, da parte de todos os alunos.

A Direcção

N.os 13 - 14 Junho - Julho 1917

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

A favor da
Cruzada das Mulheres Portuguêsas

SUMÁRIO

No Instituto ..... *Mário Soares Pinto*
Instrução Militar ..... *Mário Soares Pinto*
Os Escritórios ..... *José D. Lampreia*
Oficinas ..... *Alberto de S. Rosa*

Secção Literária

Descoberta do Brasil ..... *J. Júlio Denis Gago*
O Macaco e o espelho (*Sonetilhos*) ..... *Isidoro J. de Brito*
Relatório dos exercícios observados pelos alunos e efectuados pela Escola de Guerra ..... *Mendonça Pereira*

Secção Scientífica

Siências físico-naturais

Máquina electrica para contar dinheiro ..... (*da «Electricidade e Mecânica»*)

Matemática

Método de calcular aproximadamente a largura dum rio .. *Alberto de S. Rosa*
Operações simplificadas ..... *Alberto de S. Rosa*

Comércio

Sua evolução ..... *Mário Soares Pinto*

Secção Desportiva

Crónica desportiva ..... *Mário Soares Pinto*

Assuntos Escolares

Exames ..... *Direcção*
O Dia dos aliados ..... *Cesar M. Vidigal*
Ecos ..... *Direcção*

Preço 8 centavos

1917
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
José C. Barroso Junior

Director: Mario A. Soares Pinto
Secretário da redacção: Júlio Aug.to Malagueira

Conselho de redacção
Alberto de Sousa Rosa
Mánuel de Mend.ça Pereira

N.º 13-14 — 2.º ano

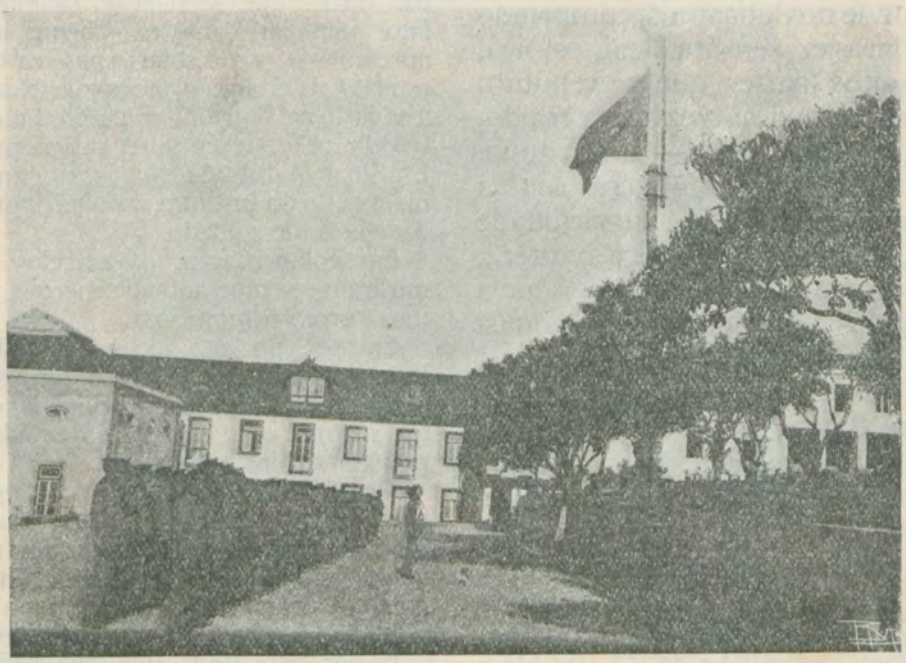
Número especial

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Junho-Julho de 1917

NO INSTITUTO

Enquanto o tempo corre, enquanto a vida se estiola em ações efemeras, em casos grotescos, alguma coisa materialmente se realisa, nesta obra providencial do governo republicano, obra imensamente justa, essencialmente necessária, e que se chama o «Instituto Profissional dos Pupílos do Exército».



O içar da bandeira no Instituto

Considerando os esforços que o governo envida para pecuniariamente manter esta instituição, mas saltando o capítulo dos sacrificios, porque na hora presente essa palavra, na sua mais restrita significação, é comum aos povos, e consequentemente aos governos, seus representantes, entro unicamente no caso mais geral, no de interesse mais palpitante, isto é no que, poderia vir a ser, e no que certamente será, dadas as condições económicas e politicas do período que atravessamos, êste estabelecimento de ensino.

Enquanto uma grande parte das forças vivas da nação, se encontram deslocadas dos seus misteres pugnando

pela causa da Pátria, enquanto essa geração, que constitue a geração presente, se esfacela e aniquila, existe no torrão natal uma camada nascente, a geração futura.

Esta, que constitue uma formidavel fonte de energia, que ha de preparar e sustentar o resurgimento da vida económica, é aquela para a qual todos os paises olham como seiva que virá vivificar num impulso seguro, a arvore da nação, semi amortecida, quasi exausta pelo esforço aturado, enorme e grandioso que neste momento patenteiam à face do mundo, esses agrupamentos de povos.

Chegou até nós neste recanto ocidental da Europa a atração poderosa da guerra, a voragen tragadora do abismo, onde nos lançamos, cumprindo numa honradez sensáta, leal, estoica, o que muitos países que se reputam grandes mais de uma vez têem traido, abusado, ou esquecido — um tratado.

E enquanto para a guerra parte a geração no pleno uso da sua virilidade mascula, no torrão natal fica o quê?... a criança guiada na sua inexperiência da vida, pelos cuidados maternos quasi sempre deficientes.

Surge neste momento crítico, a ação protectora d'uma instituição de moral sã, de instrução sólida, que arranque num impulso seguro, forte, consciente, a criança do pantano onde se pode abismar, para a erguer pelo esforço sublime do trabalho, à vida honrada dos que querem e podem honrar a sociedade em que vivem.

Esse papel protector pode ser representado pelo Instituto ou por quaisquer outros estabelecimentos similares, mas nenhum melhor que a instituição que actualmente frequentamos, pode desempenhar, atendendo as suas disposições, a missão altruista, imensamente nobre, de educar e proteger uma parte da jovem e futura geração pórtuguesa.

Mário Soares Pinto
Aluno do 6.º ano comercial

INSTRUÇÃO MILITAR

Vejamos como, proseguindo na evolução dos anos, a I. Militar no Instituto, tem sofrido alternativas de intensidade diversa, descrevendo oscilações pronunciadas, que mais ou menos estreitamente se relacionam com o fim a atingir, com a orientação dos instrutores, com a época do ano, e com o grau de instrução militar dos alunos.

No ano lectivo de 1911-12. o primeiro do funcionamento deste estabelecimento e que por sinal começou por meiados de Janeiro, vêem-se conjugar elementos de natureza diversa, originando uma corrente de oposição lenta e passiva ao desenvolvimento do ensino militar.

Como factor principal, como força dirigente é a orientação seguida, fundada numa determinada ordem de ideias, totalmente diferente das atuais, que se relevam facilmente. Como fator secundário, mas não menos importante, apresenta-se a resistencia passiva do corpo e espirito, da criança principalmente acostumada á vida livre, descuidosa, e fácil do lar paterno.

Pela ação dessas duas causas principais, a I. Militar ministrada no primeira ano de funcionamento do Instituto, veio um pouco aquem da escola de soldado.

Em compensação, os exercios ginasticos, mostram-se exuberantes de energia, denotando uma correção minuciosa.

Entra-se no ano lectivo de 1912-13 e o Instituto compreende então duas secções autonomas, estreitamente relacionadas concorrentes mesmo num fim unico, a educação e a preparação dos alunos.

Mas... o momento é critico: a partir dentão internado em Alfarrobeira, passo a ignorar completamente os factos, e por isso desconheço os dados em que possa fundamentalmente basear qualquer apreciação ao ensino militar dos meus colegas de S. Domingos.

E por isso ainda que sinceramente constrangido entro agora a tratar esse assunto unicamente no qu se relaciona com a 2.ª secção.

Estamos no 2.º ano da fundação do Instituto. Com a cedencia dumas 30 ou 40 armas Sneider os nossos conhecimentos militares parecem tender a evoluir, caminhando numa tropega marcha ascencional, obstinadamente amparada por esse velho instrumento de guerra, visualmente deselegante, materialmente pesado, que nos fazia contrair todos os musculos do corpo, em arrancos desesperados quando o tentavamos elevar a altura respeitavel.

Conseguimos todavia juntar aos conhecimentos rudimentares que possuiamos mais um fator importante da escola de soldado — o manejo de arma —.

O ano decorreu lentamente como sempre; e como é natural, passado o inesquecivel periodo das férias, o sol ao nascer tornou outra vez a deparar com estes seus infatigaveis admiradores, ferverosos crentes nos dias de inverno, mas já frequentando o ano letivo de 1913—14.

Começou-se então a acentuar um fenómeno vulgar mas de capital importancia, que marcava o inicio duma nova orientação que sistematicamente se foi anunciando na adaptação dum regimen interno mais ou menos militarista.

A isso não andou extranho a desejada substituição das terriveis Sneider, pelas modicas Manhlicker.

Um sopro de energia, parecia então querer avivar o surgimento dessa ideia nova saida da orientação tomada, que intensificava duma maneira extranha, num aturado impulso, o seguimento dos exercicios militares.

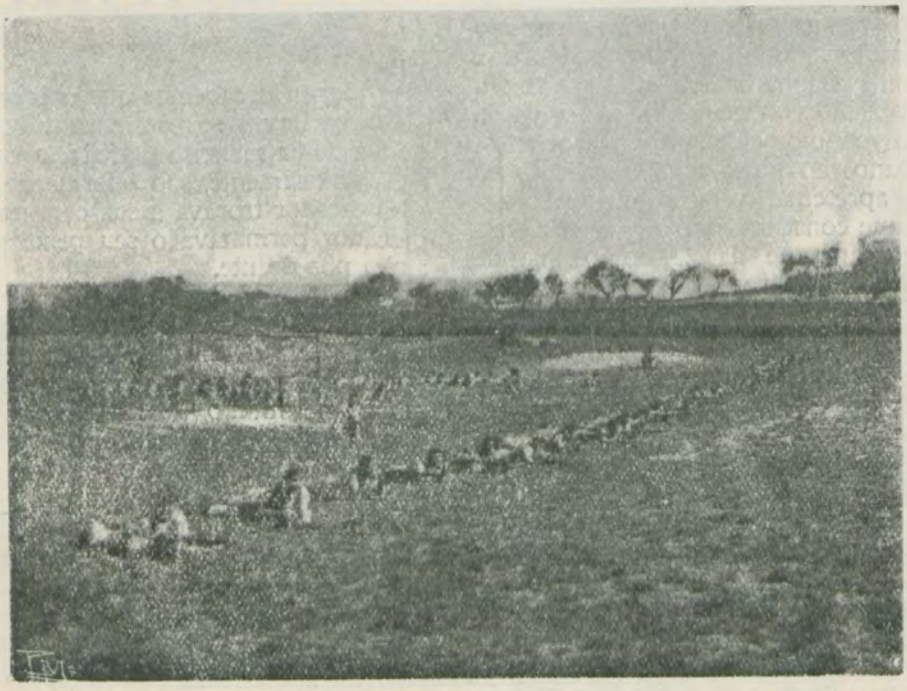
Ao rufar dos tambores, ao toque estridente dos clarins, revela-se e acentua-se a primeira disciplina séria, rigorosa e implacavel.

Enquanto o paisanismo vai fugindo aterrorisado com estes ardores bélicos, o fardamento começa sofrendo tambem esta influencia em mudanças radicaes.

Predominam as marchas gradualmente extensas, educativas da resistencia e da vontade.

A escola de pelotão, e depois a escola de companhia vão-se sucessivamente executando ainda que nas suas formações mais rudimentares.

Tudo enfim evoluiu gradualmente quando o final do ano veiu opor nm dique insuperavel a essa torrente belicosa.



Instrução militar

Mêses decorridos e o novo ano lectivo de 1914-15, começa envolto nas brumas do inverno, a estação terrivel duma monotonia incomoda, durante a qual paralisam quasi os exercicios militares executados no campo.

Chega a primavera, e ao lado do resurgimento da natureza cheia de seiva e vida de sorrisos e flores, resurge tambem o som rouco dos tambores de guerra, marcando o passo de parada.

O solo agora regado pelas chuvas primaveris está um pouco mais consistente. E os exercícios recomeçam, seguindo a escala ascendente e gradual das intensidades.

Executam-se marchas ordinárias em que a companhia atravessa armada de espingarda e

sabre distancias de 12 a 13 Km. ao fim dos quais executa um pequeno ou grande alto conforme o tempo de que se dispõe.

Ao armamento existente havia-se juntado umas 50 armas Kropatchek com o seu respectivo sabre; grande quantidade de panos para tendas de campanha; e finalmente a acquisição de 15 bicicletes permitiu formar um pelotão de ciclistas.

A instrução agora é completa, tanto quanto pode ser a instrução ministrada nos quarteis.

Os movimentos são precisos e bem executados, a escola de companhia já não é nenhuma novidade que nos intimida. A disciplina parece ir lançando raizes a dentro das formaturas, nos exercicios militares.

E assim passam lentamente os 9 mêses do ano lectivo, ao fim dos quais, após o periodo de ferias entramos de novo no ano seguinte.

Este, junto a uma maior intensidade e a um mais perfeito conhecimento da escola de pelotão, talvez motivada pela concorrencia dalguns alunos ao posto de 2.º sargento de infantaria, apresenta o facto anormal dum exercicio, que consistiu na permanencia e bivaque em Carenque da 2.ª companhia de alunos.

Apesar de ai se haverem executa varios exercicios militares, como ataques a posições, empregando a bala simulada, poderiam ser esses exercícios de fraco efeito instructivo, mas o que é incontestavel, e o que ainda não tinhamos experimentado, eram as delícias do bivaque sobre a palha e sobre a serra emquanto o vento assobiava em impetos terriveis nas quebradas proximas.

Este exercicio que poz fim à série de exercicios militares do ano lectivo de 1915-16, foi extremamente interessante.

Pormenorisa-lo seria conveniente, mas a falta de espaço impede-me e por isso passo a tratar do que se refere ao ano lectivo de 1916-17, isto é, ao ano presente.

Como no ano passado um factor extremamente atendivel, a preparação de alunos que queiram seguir a carreira das armas, tem imposto ao ensino militar uma intensidade grande, junta a um cuidado meticuloso.

Com efeito, a mais pequena parcela de tempo, não pode nem deve ser despresada, porque para um bom graduado a matéria é extensa e o tempo rareia.

Nesta orientação, procurou-se moldar o ensino pratico, por uma orientação pratica tambem, tentando obviar ao inconveniente e atraso das condições atmosfericas.

Com esta ordem de ideias, passou a instrucção de recrutas, por exemplo, que em parte não requer grande movimento, a ser ministrada na sala de armas.

A instrucção está subordinada a um programa unico, a que os instrutores militares — oficiais de serviço — se teem cingido.

Deste modo desapareceu a variedade de orientações que a diversidade de instructores fazia sentir, concorrendo assim para que no Instituto dos Pupilos do Exército o caminho a seguir seja direito, invariavel e firme, e a disciplina um facto incontestavel.

Mario Soares Pinto
Aluno do 6.º ano comercial

Os Escritórios

Todos nós sabemos que outr'ora, quando ainda os povos se não encontravam constituidos duma maneira perfeita, o comércio se fazia directamente, sob a forma de *troca*.

O caçador trocava a sua caça por vinho, o pescador permutava o seu peixe por pão, e assim por deante.

Presentemente tal não sucede, porque pouco a pouco as necessidades foram sendo cada vez maiores, e à medida que se caminhava para o progresso iam germinando no homem ideias novas, no intuito de preparar por si só o essencial para a sua habitação, vestuário, alimentação, mobiliário, etc.

Já não bastava só a natureza, era tambem preciso o producto da sua imaginação.

De modo que como o seu trabalho ia prosperando conforme a civilisação se desenvolvia, e, dado o caso que o regimen da troca primitiva originava graves inconvenientes, surgiu, por fim, um outro produto que os veiu obviar, foi a *moeda*.

A moeda não é portanto mais do que uma mercadoria mediante a qual se torna facil a troca dos produtos.

Todavia as operações foram-se espargindo sucessivamente atravez das nações, até aparecer à luz um documento muito importante, a letra, que trouxe como resultante a abreviação e vulgarisação das transações comerciais.

A venda das mercadorias não se produz já como nos primordios da civilização, mas em logares exposto sómente para exercer o comércio, em casas que formam o verdadeiro meio comercial.

Temos assim os comerciantes propriamente ditos cujo fim é o de vender as mercadorias, mercê das quais obtêem um certo lucro.

Contudo as operações que êstes realizam são muitissimas e portanto não podiam, chegado um certo termo, recordar-se como se

tinham efectuado, embora ainda existissem na sua memória uns leves rastos.

Daí a creação de escritas comerciais, como as de *partida simples partídas dobradas* e recentemente as dos *diarios multiplos* baseadas segunda uma certa norma, tendentes a dar ao comerciante a sua situação economica e financeira. E como há uma grande utilidade em que os alunos saiam das escolas com o exato conhecimento dessas escritas e bem assim de todo o conjunto de noções comerciais, é essa a razão por que nas escolasde comercio existe a aprendizagem no escritório.

que dará brilho e valor à nossa história repassada já de feitos sublimes.

Os nossos escritórios acham-se divididos em várias secções: casas comerciais com situações diversas, como em Lisboa, Porto, colónias, no estrangeiro, um Banco e uma Companhia de Seguros.

E assim surgirão certamente depois de uma preparação completa, empregados aptos a desempenhar a sua missão no meio comercial.

José Domingos Lampreia
Aluno do 6.º ano comercial

Os Escritórios

E o nosso Instituto, que debaixo das suas asas protectoras nos acolheu, proporcionando-nos todas as vantagens possíveis, e cujo programa de ensino é essencialmente comercial e industrial, a par das disciplinas liciais é tambêm ornado com uns escritórios.

Encontram-se numa ampla e vistosa sala onde se erguem sobre quatro resistentes colunas.

Ao surgir ai experimenta-se em nós uma viva sensação porque espraiada a nossa vista em redor se nos depara uma bela obra lançada à luz nêste Instituto.

Não estão ainda como seria para desejar mas são consequências da guerra que avassala toda a Europa onde tambem os nossos heroicos soldados se encontram lutando pela causa

OFICINAS

Tendo o nosso Instituto sido creado com um caracter essencialmente prático como o indica o seu nome «Profissional» fácil é de ver que se devia dedicar ás oficinas uma especial atenção.

E isto foi tanto assim, quanto é certo que desde o primeiro ano, mesmo antes de haver escritorios e até ensino comercial, se estabeleceu no Instituto, ainda que duma foram bastante empirica e rudimentar uma oficina de carpintaria serralharia e cartonagem.

A falta de maquinas, ferramentas e mesmo

dum edificio apropriado; a nenhuma pratica dos alunos, creanças ha dias saídas dos lares paternos; a falta de tecnicos, especialistas na matéria, que com autoridade dirigissem o ensino, fizeram com que a aprendizagem do 1.º ano fosse muito deficiente.

No 2.º ano, tendo sido creadas no Instituto 2 secções perfeitamente autonomas, e vindo os cursos mais adeantados para Alfarrobeira, foram para aqui tambem transferidas as oficinas.

Especificando cada uma delas, examinemos as suas evoulções e progressos.

Estamos, como já vimos no 2.º ano do Instituto, isto é, no ano lectivo 1912-13.

Carpintaria — Tendo-se em Alfarrobeira creado um edificio relativamente amplo para os alunos então existentes, pôde-se dar a este ramo uma maior intensidade, sendo o ensino dirigido por um mestre carpinteiro.

Deixou então a carpintaria de ter o caracter de primitivo exercicio de correcção e aplicação, para apresentar uma forma mais util e pratica.

Tendo sido este o primeiro ano em que se especificaram os cursos, esta oficina foi frequentada por todos os alunos do ultimo ano (2.º) não sendo ainda privativa do curso industrial.

Serralharia — Não havendo edificio apropriado não pôde funcionar durante este ano.

Cartonagem — Limitou-se como no ano antecedente a exercicios de correcção e precisão feitos pelos alunos do primeiro ano.

No ano seguinte, 1913-14 tivemos pela vez primeira um director tecnico, o sr. tenente Migueis, pelo que deste ano resultou maior aproveitamento pratico, ao mesmo tempo que as oficinas se desenvolviam e o seu numero aumentava.

Neste ano somente os industriais frequentavam as oficinas, excepto a cartonagem e a tipografia.

A primeira era frequentada por todos os alunos do 1.º ano, a segunda por alguns alunos comerciais e industriais. Examinemos cada oficina de per si:

Carpintaria — Tendo mudado para um edificio de dimensões mais restrictas, poucos foram os progressos por ela efectuados.

Serralharia — Foi este o 1.º ano em que no Instituto existiu uma verdadeira serralharia.

Construiu-se para isso um edificio apropriado e contrato-se um mestre que sob a regencia do Director das Oficinas tenente sr. Migueis auxiliava estes trabalhos.

A sua produção porêm, era diminuta pois a escassa verba do nosso Instituto não nos permitia a aquisição das maquinas necessarias.

Somente se conseguiram comprar um pequeno engenho de furar e um torno.

A boa vontade dos nossos superiores, porêm, conseguiu suprir estas dificuldades e mais tarde veremos o desenvolvimento metodico desta oficina, então já pequena para o numero de alunos industriais existentes.

Cartonagem — Continuou funcionando da mesma forma que no ano anterior.

Tipografia — Pela primeira vez tivemos este ano uma tipografia que, a principio, sem mestres que a dirigissem pequena e rudimentar conseguiu ainda no fim desta ano lectivo, apoz ter vindo um mestre pare a dirigir, tomar bastante desenvolvimento e importancia.

Durante as ferias deste ano construiram-se mais dois barracões destinados à serralharia e forja o que bastante vem desenvolver o ensino profissional.

O ano 1914-15 foi o 1.º em que houve no Instituto alunos oficinais, isto é, alunos especialmente dedicados aos oficios.

Examinemos o progresso de cada oficina de per si:

Carpintaria — Foi transferida para o antigo edificio da serralharia que sendo mais vasto lhe permitiu rápidos progressos. Faltavam porêm as maquinas que a exiguidade da verba não permitia comprar.

Serralharia — O novo barracão, mais vasto e apropriiado foi dotado de 3 màquinas:

Um torno, um limador e um engenho de furar que aproveitando a montagem electrica, então feita no Instituto, puderam ser movidas a electricidade.

Forja — Num edificio para esse fim construtdo, começou êste ano funcionando essa oficina.

Cartonagem — Foi êste ano transferida para a primeira secção,

Tipografia — Embora com uma máquina pequena que inda hoje possue, conseguiu realizar rápidos progressos chegando mesmo a fazer trabalhos para fora.

No passado ano lectivo (1915-16) continuaram as oficinas funcionando nos mesmos edificios, tendo-se contudo dado a intensificação dos trabalhos. Somente a tipografia sofreu uma reparação no edificio de que resultou êste ficar mais amplo e apropriado.

Começaram-se construindo no meio da encosta dois grandes barracões destinados à carpintaria e serralharia.

Tipografia e Encadernação

Este ano tendo estas oficinas sido transportadas para os seus novos edificios creou-se no antigo local da serralhariia uma oficina de fundição a que ficou adjunta a forja.

Examinemos « *de visu* » cada oficina de per si.

Tipografia — Embora com amesma màquina continua aumentando a sua producção que dá já uma boa receita para o Instituto.

Ao seu lado foi criada uma oficina de

Encadernação — destinada a trabalhos tanto do Instituto como de fora, e onde já se tem produzido muito e bem.

Fundição — Esta oficina, este ano criada, possue um «forno de cadinhos» e em breve se espera ver provida dum forno de manga.

Apesar de recente, já nela se teem fabricado grande número de trabalhos, podendo-se citar entre eles algumas peças para a maquina de serrar que cá se está construindo.

Forja — Funcionou durante este ano junto á fundição, tendo sido o antigo e clássico fole substituido por uma ventoinha movida a electricidade.

Serralharia — Instalada no seu novo edificio continuou, embora com as mesmas maquinas, realisando os seus progressos na producção, a ponto de se estar hoje lá fabricando uma maquina de serrar que vai evitar ao Instituto a despeza de algumas dezenas de escudos.

Carpintaria — No seu novo local, realizou rapidos progressos tendo-se subvidido em 2 especialidades:

Carpintaria de branco e **Carpintaria de moldes** tendo cada uma um mestre á sua testa.

* * *

Examinando assim por «ordem cronológica» as diversas evoluções sofridas pelas nossas oficinas, será talvez um pouco dificil notar os seus enormes progressos. Porêm, se nos lembrarmos que ainda ha 5 anos, na nossa serralharia não se fabricava uma unica peça de ferramenta e que hoje se está lá fabricando uma máquina de serrar, que há 3 anos a tipografia não conseguia produzir os trabalhos necessàrios ao Instituto e que hoje possue numerosa clientela, êstes progressos tornar-se-hão evidentes.

Á boa vontade da direcção do Instituto,

principalmente do nosso Regente Ex.mo Sr. Ferreira de Sousa e do chefe das oficinas, Ex.mo Sr. tenente Migueis, se devem tão rápidos e brilhantes progressos. A eles todos os alunos, especialmente os industriais, devem agradecer a boa vontade que nisso sempre tem mostrado, e de que resulta o enaltecimento do bom e já tão conhecido nome do nosso querido e belo Instituto.

Alberto de Sousa Rosa.
Aluno do 6.º ano comercial

Secção literária

DESCOBERTA DO BRASIL

(Continuado do n.º 12)

A côrte composta por um principe fraco e boçal, governando em nome de sua mãe louca e duma princesa intrigante, pródiga e impúdica, de quem vivia separado, pelas suas constantes infidelidades.

As ideias separatistas começaram a germinar em todos os espíritos que viam em volta de si a emancipação das colónias espanholas; em 1817 deu-se o primeiro levantamento republicano em Pernambuco, sufocado logo à nascença, em ondas de sangue.

Não obstante ia-se acentuando cada vez mais o antagonismo entre portugeses e brasileiros, antagonismo que obrigava o governo a decretar medidas rigorosas, a que os brasilefros respondiam com impetos duma indjgnação aliaz justificada.

Era pública a inimisade entre o rei e D. Pedro, cujo favorito o conde de Arcos, lhe aplaudia todos os desvarios da mocidade e todas as veleidades duma ambição bulhenta e ininteligente, sem deixar de ter nobresa.

Indolente e infelis e tiranisado pelo filho, que á irenda população do Rio, o obrigou afinal a embarcar para a Europa, D. João vl representou os papeis mais burlescos.

Nesta época aparece então o vulto emineute, de José Bonifácio de Andrada. Terminada a guerra com os franceses, em que combatera, vendo a miséria e a inépcia, a ruina e a corrupção duma terra de que a sua era vassala, voltou ao Brasil para levar a cabo a altruista causa, da independência nacional.

Estadista e não soldado, mais habil que audaz e mais forte do que ambicioso, conseguiu com uma perspicácia inaudita, aproveitar-se do orgulho e da dmbição de D. Pedro, que era apenas o joguete inconsciente do seu trama político.

Bem depressa se começou a sentir a preponderância de José Bonifácio; os portugueses foram expulsos da Amèrica, dizendo o novo Regente do Brasil, para Portugal, que o seu fim era salvar a colónia da tirania das côrtes, que dominando e oprimindo seu pai, faziam com que se perdesse a melhor joia da coroa.

Em 1822 D. Pedro era proclamado defensor perpétuo e em Setembro do mesmo ano imperador.

O sentimento e a falta de acôrdo, entre o príncipe e o povo e a consciência de que êle era estrangeiro lançava nos espíritos desconfianças e suspeitas constantes fundadas nos atos irrefletidos do soberano.

Em 1831 deu-se uma revolução em que D. Pedro foi destronado; pelas seguintes palavras que pronunciou com sublime entono, quando o obrigaram a abdicar pode-se avaliar bem o desacordo que existia éntre êle e a nação: abdiquei a coroa e saio do império; seijam felises na sua pátria. Disse na *sua* e não na minha; com efeito não era dêle o Brasil, mas sim da então criança a quem o trono ficou, sob a tutela de José Bonifácio, o único patriarca da independência, o verdadeiro representante da alma nacional.

Para temrinar, transcrevo aqui algumas palavras eleqeontes e inflamadas, do eminentíssimo poeta Guerra Junqueiro ácerca desta nação tão unida a Portugal por fortes e indissoluveis laços de amisade. O Brasil — diz êle — fizémo-lo á nossa imagem e semilhança, com torrentes de vida, o nosso sangue; com um hino de áurora, a nossa fé; com estrêlas de dor, as nossas lágrimas.

Em 1645 ergue-se grande como Portugal em 1640 e a mesma fé que nos conduz à revolução em 1820 os arrasta â independênsia em 1822. Abrasou-nos o mesmo ideal, ardemos na mesma chama; Fernandes Tomás e José Bonifácio, em vez de inimigos eram irmãos. As uossas pátrias desligaram-se para melhor se casarem.

Desuniram-se os corpos, para se estreitarem as almas.

Duplicando-se, quiseram-se mais. O amor cresceu em belesa porque aumentou em liberdade. Vivendo tão livres e distantes, fraternisamos como nunca; na glória e no sonho nos ais e nos beijos, no riso e na dor.

Amando-nos atravez da história, vencemos o tempo que já foi. E, como imortalidade do nosso amor venceremos a morte no porvir.

José J. Denis Gago
Aluno do 4.º ano de comércio

SONETILHOS

O MACACO E O ESPELHO

Segundo a lenda dizia
É caso certo e provado
Que um macaco, certo dia,
Num tosco espelho quebrado,

Crendo ver, oh! que pecado
Um outro que o escarnecia
Não se lembrando coitado
Que era a imagem que via

Soltou tremenda ameaça
E tal berreiro fazia
Que até tudo estremecia.

Mas... oh! milagre, oh! desgraça,
Quanto mais assim guinchava
Mais o outro o imitava.

Até que enfim o bichano
Tão tolo e tão exaltado
Se lança furioso, insano
Contra o rival odiado,

Lucrando ficar magoado
E perceber o engano
Pelo que o desgraçado
Morreu de desgosto e dano.

E assim em qualquer questão
Quando criticando estão
Como o macaco selvagem

Procedem sempre os mortais
Sem se lembrarem de mais
Que falam da sua imagem.

Isidoro J. de Brito
Aluno do 5.º ano comercial

até ao cais de Sodré não permite demoras nem vistórias. Atravessamos em breve os populosos quarteirões da Baixa e com pouco trabalho nos achâmos à vista dos antigos terrenos da Ribeira.

Um pouco de tempo se faz esperar o comboio, tempo que aliaz foi aproveitado pelo Sr. Tenente Centeno que nos acompanhava, elucidando-nos sobre qual o fim dos exercícios, etc. Eis o extrato que pude ter a mão:

Estão-se realisando os exercicios do fim do trimestre, executados pelos alunos da Escola de Guerra. A hipótese a que é submetida a manobra, assenta a que o partido azul que ocupava a margem direita da Ribeira de Jamôr, retira sobre Trajouce, tendo destruido as passagens da Ribeira da Lage.

O partido vermelho representado pelo corpo de alunos tinha marchado pelas estradas, Benfica, Casal do Canas e Carnaxide. indo estabelecer postos avançados na linha S Miguel. Laião, Porto Salvo.

Em 28 o partido vermelho partindo para Laião a oeste de Barcarena tinha procedido aos trabalhos preparatórios para a engenharia restabelecer as passagens destruidas

Carpintaria

Relatório dos exercicios observados pelos alunos e efectuados pela Escola de Guerra

O passeio que empreendemos teve por fim seguir uma das fases dos exercícios militares executados pelos alunos da Escola de Guerra. Para êsse fim saímos na manhã de quinta-feira, 30, pelas 7 horas tomando nós em breve o comboio que nos devia transportar à estação do Rocio.

Chegamos. As imediações achavam-se extremamente concorridas, mas a pressa que nos arrasta

Em 29 o partido vermelho segue a marcha em sua perseguição, ocupando a respectiva guarda avançada a povoação de Alcabideche.

Aproxima-se o comboio; tomamos assento nêle, pondo-se em breve em marcha. A manhã vai arrefecendo devido à brisa que corre do mar, mas que não nos inibe de seguirmos com prazer: nas plataformas das carruagens, a linha nítida e caprichosa que o cais, e mais alêm as pregas de água traçam no terreno.

Barcos veleiros correm constantemente rio acima rompendo veloses o seio tão azul e calmo do nosso Tejo que se extende quasi a perder de vista para as elevações arenosas da outra Banda.

Começam chegando as margens mais arenosas para além de Pedrouços, onde a areia é mais fina e alguma pequena vegetação cactosa das zonas quentes que até aqui aparecia, começa de se trocar por lindas trepadeiras e arbustos. Passam com rapidez pelo lado oposto do nosso campo de observação elegantes chalets que se extendem paralelamente à linha férrea, acompanhando-nos até ao apeadeiro de Paço de Arcos. São 9 horas.

Já nos achâmos em estrada, num caminho rasgado à vista, limitado por muros de pedra solta, com plantações de fava à esquerda e á direita, estrada que nos leva a Cospolima, a povoação mais próxima.

Rápidos correm os minutos, o día vai aquecendo, mas as vestes leves e panamás brancos pouco nos afrontam,

As belezas pouco destacantes da Cospolima pouco nos atraem e quasi que nos passa despercebida.

Não acontece o mesmo em Porto Salvo, onde as informações precisas do itinerário a seguir, e o local aproximado onde se deveriam encontrar os alunos da Escola de Guerra. Muda-se agora visivelmente a constituição geológica dos campos e seu aspecto. São verdadeiramente extensas pedreiras mais ou menos niveladas nas quais o rolar dos tempos e as chuvas cobriram com alguns poucos palmos de terra cultivada.

Precipitamo-nos por descidas ingremes para a povoação de Laião situada no alinhamento da mesma estrada. Aí um magote de povareu espera, olhando-nos admirados, na sua rudeza de saloios, elucidando-nos tambem sobre os caminhos praticaveis.

Entre perguntas e respostas conseguimos inquirir que os alunos em exercícios tinham construido uma ponte sobre a Ribeira da Lage e que o momento presente se deveriam encontrar perto da povoação da Ribeira.

O caminho não cessa; o calor corta um tanto a prumo e a sêde não se faz esperar. Mais uma estrada a galgar de Laião a Talaide, tambem delineada por muros de pedra solta, e algumas culturas em redor, mas quanto à arborisação pouca ou nenhuma distinguimos. Está escrito que durante a caminhada não lograremos apanhar pedaço de sombra ameno e fresco.

A estrada parece querer acabar. Com efeito alguns passos mais e nós metemos em verdadeiros caminhos de cabras profundos aqui, cheios de pedras roladas e escorregadias além. O nível é extremamente baixo, o que mostra por o conjunto ter sido o leito de uma antiga ribeira.

A vegetação de charneca extende-se infinitamente e cança a vista com a presistente monocromia baça.

Chegamos a uma ribeira e por indicações colhidas cortamos atravez de um rancho de casas por onde somos encaminhados a outro ponto da mesma onde fora construida a ponte.

Esta apresenta-se sólida apezar de pequena; é um trabalho dos alunos sapadores, já muito louvavel para quem não está acostumado.

É esta pois a sobredita Ribeira da Lage ponto importante de operações passadas futuras.

São então 10 horas e 15 minutos. Retrocedemos o caminho já andado ao que depois constatamos com uma certa alegria. (afora prazer gastronómico de selvagem) que essa pequena evolução de nossa parte tivera por fim levar-nos a um qualquer casinhoto, onde fora de olhares curiosos pudéssemos definitivamente comer o lunch já tantas vezes depenicado.

Seriam 11 horas quando apoz um confortavel descanso à sombra, sobre uma dispersa rama de pinheiros avistamos ao longe, pela estrada da Ribeira a Talaide, o 1º troço de alunos sapadores, a cavalo com os respectivos carros de engenharia. Pedem-nos alguns esclarecimentos, fazem um pequeno alto e pouco depois pôem-se a caminho protegidosor p uma fôrça de infantaria reconstruirem a ponte que hipoteticamente se supunha destruida.

Quando chegamos a ela já as fôrças de engenharia a tinham ocupado, achndo-se presente o general Pereira de Eça, ajudante e chefe do Estado Maior.

A passagem dos cavaleiros pela ponte fazia-se a um e um, com os animais á rédea, serviço feito com todo o cuidado e boa ordem. Começam de chegar os fotografos e homens com um aparelho de cinematografia subindo para os lados de Polima.

Manuel M. Pereira
Aluno do 6.º ano industrial

Cnnontin

Secção scientifica

Sciências físico naturais

Máquina electrica para contar dinheiro

Não é com certeza um aparelho de que toda a gente precise — infelizmente — mas nem por isso deixa de ser uma realidade pratica, e, nos Bancos da América em que o seu emprego tende a generalizar-se de dia para dia, a máquina de contar dinheiro toma sobre si o serviço de pelo menos quatro empregados, o que dá sobretudo uma famosa ideia de quanto é engenhosa.

Deve-se ao génio inventivo do sr. Edouard Van Winkle, um engenheiro electricista de New York que se havia preocupado com a lentidão com que os empregados dos estabelecimentos financeiros, apezar da sua destresa profissional, contavam os dollars ou os meios dollars, os punham em pilhas e os embrulhavam em papel, porque a máquina que construiu faz sucessivamente todas essas operações, e com uma rapidez e precisão taes que mesmo no pais dos *records* nenhum grupo de empregados de Bancos por melhor treinados que estivessem seria capaz de bater os resultados do aparelho de Van Winkle, cujo rendimento, conforme a média dum grande número de experiencias não é inferior a 300 moedas por minuto.

Na parte superior da máquina acha-se uma espécie de taboleiro de cerca de 30 centimetros quadrados, no qual o operador põe as moedas que deve examinar, uma a uma antes de as deitar na tremonha que está no seguimento do taboleiro de que acabamos de falar.

Retira do monte as peças mutiladas, muito usadas, ou que lhe pareçam falsas. Só a isso se limita a sua intervenção. Tudo o mais — contagem, pilhas, empacotamento—faz-se automaticamente por meio de um pequeno motor cujo consumo não passa de 3/10 de ampères á tensão de 110 voltios e que aciona o aparelho por intermédio de uma correia sem fim.

Uma vez na tremonha, as peças caem uma a uma por gravitação atravez um canal, numa espécie de goteira, onde um engenhoso mecanismo as alinha e as junta umas contra as outras em pilhas de vinte.

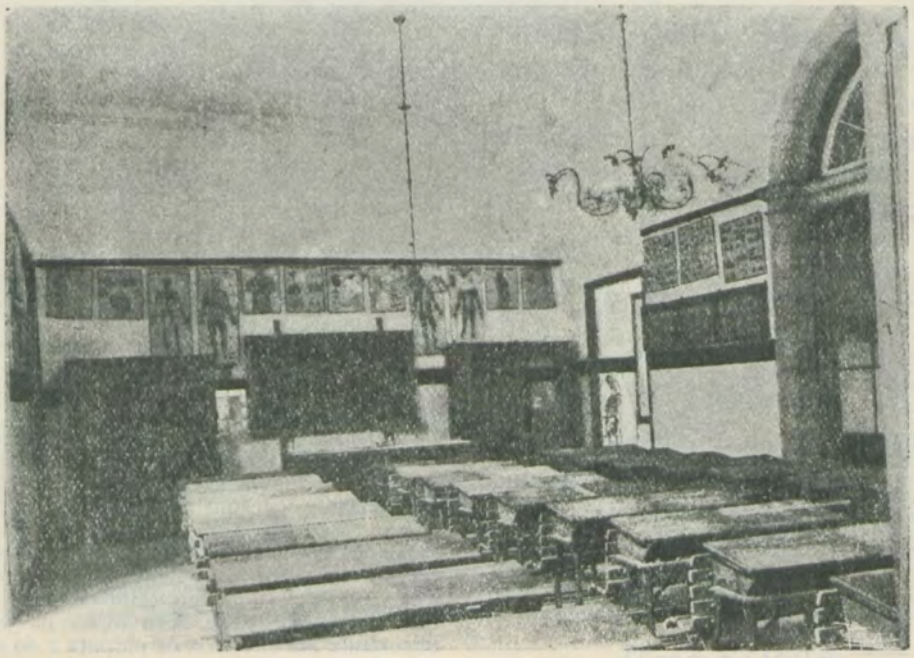
Quando a vigessima moeda está no seu logar, toca uma campainha e o aparelho de empacotagem começa a trabalhar.

Alavancas tão ageis como os dedos, tomam a pequena pilha de dollars, de meios dollars, ou moedas de 25 cents, enquanto que um cilindro-armazem, girando duas vezes em volta da pilha rodeia-a numa dupla camada de papel.

A largura do papel é de 10 centimetros para os dollars, 7 1/2 centimetros para os meios dollars, e 7 centimetros para os quartos do dollars. É sensivelmente superior á altura de rolo. A parte que sobeja será utilizada por um terceiro e ultimo dispositivo, o qual dobra as bordas do papel apertando-as com tanta energia que o rolo de moedas de ouro e prata, saindo do aparelho, parece-se exatamente com um cartucho bem dobrado.

A campainha de que já falamos faz parte do mecanismo de contagem e numeração que dá à máquina Van Winkle um caracter de alta precisão.

(Do N.º 36, da revista, *Electricidade e Mecânica*).



Uma aula da 1.ª secção

Matemática

Das *Récréations Mathématiques* de Mr. *Joseph Vinot* extraimos, com a devida vénia os seguintes trechos, por os julgarmos interessantes para grande numero dos nossos caros colegas.

Método de calcular aproximadamente a largura dum rio

Na margem de um rio, e voltado de frente para êle, abaixe-se sobre os olhos a pala do boné, até que se note pelo bordo a margem oposta, isto é até que o raio visual que encontra a dita margem seja tangente à pala do boné.

Feito isto, girando sôbre os calcanhares como se fossem um eixo, volte-se as costas ao rio, de forma a ter na sua ferente um terreno continuo; neste, marca-se o ponto correspondente á extremidade da pala; a distancia entre êste ponto e o bocal onde se encontra o observrdor será a largura do rio.

Com efeito, nas duas posições, ter-se hão feito dois triangulos retangulos, que são iguais, por terem um cateto egual, á altura do medidor, e um ângulo agudo egual ao formado pela pala do boné.

Operações simplificadas

Divisões por 5, 25, 125

a) 1 — Por 5

Regra e demonstração Divide-se um número por 5, deslocando a virgula uma casa para a esquerda e dobrando o resultado. Com efeito 5 é metade de 10, e visto que se tomou $\frac{1}{10}$ do numero, multiplicando por 2 obter-se-hão $\frac{2}{10}$ ou $\frac{1}{5}$ desse número.

Exemplo

$$\frac{0,733}{5} = 0,0738 \times 2 = 0,1476$$

b) 1 — Por 25

Regra e demonstração Divide-se um número dado por 25, deslocando a virgúla duas casas para a esquerda e multiplicando o resultado por 4; porque depois de ter dividido por 100 e multiplicado por 4 ter-se hãe $\frac{4}{100}$ ou $\frac{1}{25}$ desse número.

Exemplo

$$\frac{6875}{25} = 68,75 \times 4 = 275$$

c)3 — Por 125

Regra e demonstrção

Para dividir por 125 ou $\frac{1}{8}$ de 1000, desloca-se a virgula 3 casas para a esquerda e multiplica-se o resultado por 8; obeter-se hão asssim $\frac{8}{1000}$ ou $\frac{1}{125}$ do número dado.

Exemplo

$$\frac{6895}{125} = 6,875 \times 8 = 55$$

Alberto de Sousa Rosa
Aluno do 6.º ano comercial

Comércio e sua evolução

Analisemos num rápido olhor, as diferentes fases que o comércio nos apresenta, desde a sua primitiva origem, empenhando gradual e progressivamente o desenvolvimento da vida económica e social do homem.

O homem primitivo, quer caçando, pescando, ou condusindo os rebanhos de região para região, encontrava facilmente na natureza a satisfação imediata das suas necessidades.

A simples troca de objectos de uso comum, era o unico fito de comercio que nesta época poderia existir.

Pouco a pouco, insensivelmente o homem aproximando-se das margens dos rios para ai pescar, foi-se arreigando à terra, criando habitos agricolas, perdendo a s/ tendencia nómada, e d'ai resultou a familia, entidade até áquela época desconhecida na vida social do homem.

Esta grande fase que marca um progresso grande na vida humana. não deu ao comércio qualquer impulso; porque na economia da familia em que o chefe d'esta tinha direitos soberanos, ela constituia um grupo social economicamente isolado, isto é tudo que produzia era única e restritamente destinado ao s/ consumo.

Com o decorrer dos anos e como resultado da reúnião das diferentes familias, vemos suceder a esta, novos agrupamentos sociais; a tribu e o clan.

Estas tribus povoando uma dada região, propicia á sua vida económica, em breve se desenvolveram, constituíndo agremiados de população, que lentamente crescendo vieram dar logar a povoações mais ou menos importantes.

Nos tempos em que a moeda não existia, como se pode verificar ainda hoje nos povos de similar civilisação das nossas colónias, o comércio consistia na troca de produto por produto, ou melhor na troca dos excessos de produção.

Mais tarde os povos, reconhecendo a necessidade de comunicarem entre si, construiram estradas ou mesmo simples caminhos, estabelecendo relações comerciais entre as cidades próximas, dando assim ao comerciante campo para as suas operações.

Vejamos o que era ser comerciante, e o papel que êle desempenhava nos primeiros tempos,

Era como agora a entidade indispensavel ao produtor para a colocação dos seus productos em mercados diferentes e por vezes distantes.

Muitas vezes, como entre os Egipcios e os Fenícios, é êle com os seus operários que fabrica os produtos, com que depois comerceia.

Os primeiros comerciantes, aliado ao seu génio mercantil, tinham de possuir um espirito extraordinariamente audaz e aventureriro.

Basta lançar-se os olhos para os Fenícios, em qualquer dos períodos predominantes de Sidon ou de Tiro analisando as suas travessias, quer terrestres ou marítimas, buscando sempre o lucro e despresando as fadigas, para termos a noção do que era comerciar na antiguidade e que qualidades de energia tenaz eram precisas.

Com as suas caravanas faziam afluir a Tiro, todos os productos da África, do Egito, da Assíria, do Caúcaso e da Índia; e ao mesmo tempo com elas espalhavam pelo mundo conhecido os productos da sua indústria, importante na tinturaria da púrpura e do vidro transparente.

Foi na vida marítima, afrontando as ondas do mar Mediterrâneo do mar Negro e do Oceano, procurando o estanho, negociando com productos vindos do Oriente, fundando colónias e feitorias, que êles mostraram principalmente o seu génio audaz, e o seu espírito mercantil.

As colónias tanto entre os grego„ que as tiveram nas ilhas do mar Jónio, na península da Chalcidiça, na Gália etc.; como entre os Fenícios na costa da Africa, sul da Espanha, ilha de Rodes, Chipre etc.; eram semelhantes às nossas de hoje, apresentando a mesma submissão dos povos que as habitavam, e sendo mesmo como entre os gregos, unicamente ligados à metrópole pelos usos e costumes.

No entanto os estabelecimentos comerciais por excelência, eram as feitorias e as concessões.

As primeiras verdadeiras, sucursais da mãe pátria, espalhados pelo mundo conhecido, eram geralmente escolhidas em terreno de fácil defensão.

O seu papel como entreposto do comércio, é realmente importante.

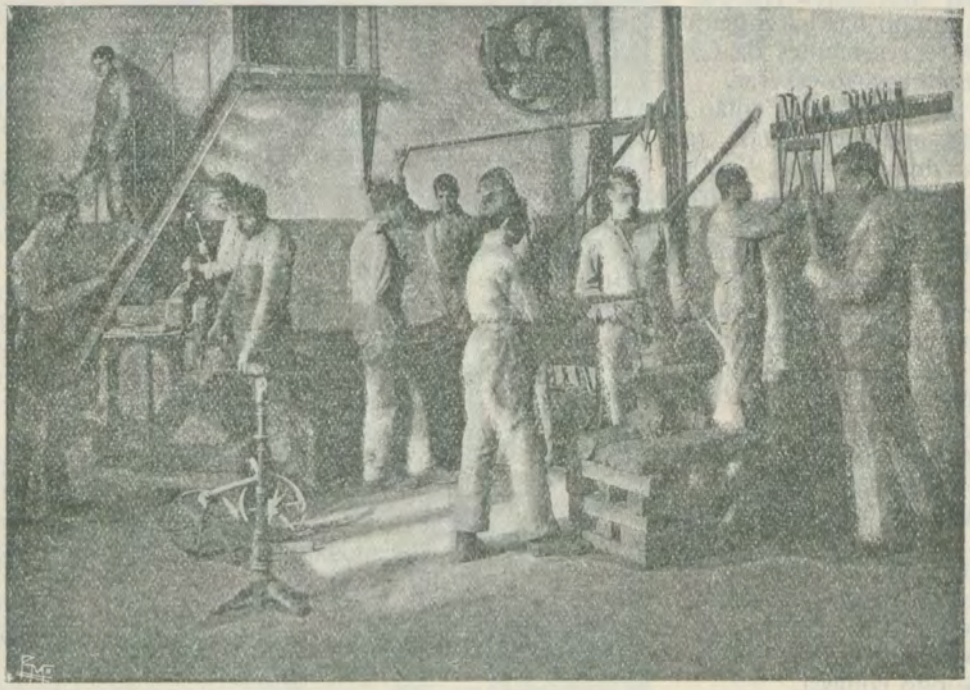
Procurando captar o comèrcio da região, desenvolviam-no, estabelécendo verdadeiras feiras onde os productos afluiam, e de onde lhe facilitavam a saida para outros mercados.

As concessões que ainda hoje existem e se concedem na China, com os ingleses em Hong-kong, e os alemães em era a ordem obtida de certo chefe ou rei, que lhe permitia não só a liberdade de comércio, mas também a construção de bairros em certas cidades do seu país.

Dum grande alcance comercial, estas concessões em breve tomaram um aspecto florescente, constituindo nessas cidades centros de comércio internacional.

Mário Augusto Soares Pinto.
Aluno do 6.º ano comercial.

Continua



Forja

Secção desportiva

CRÓNICA DESPORTIVA

Dia 8 de Abril. Contra Colégio Benevides.

Dia primaveril de sol e luz.

Os elementos da natureza pareciam quererse conjugar com a ação da sorte, para nos proporcionar uma vitória, que aliaz era quasi certa, com um adversário fraco, pouco treinado, e já vencido.

Um dos nossos melhores jogadores de 2.as categorias da época passada, que a nosso pedido comparecera no campo, auxiliava seguramente a ala esquerda.

Por um acaso, muito comum aliaz, juízo de campo marcado não compareceu, e o tempo corria, corria, velozmente mesmo até que, vantajosamente colocados como nos achavamos, aceitamos de comum acordo, um refree proposto.

Começou o jogo. A bola descreve curvas mirabolantes, ora acentuadas ora tensas mas os nossos avançados carregam continuamente.

O tempo vai passando mas nenhuma bola se marca. Nota-se nos nossos avançados principalmente, uma falta de « association » uma energia fraca e uma falta de remate. O adversário obstina-se numa defeza tenaz, que de modo algum lhe alivia as balisas, antes os cança terrivelmente, tendo como unico resultado o alivio dos nossos backs e goal, e um ataque quasi que em massa os nossos fowards conjugados pelos halfbacks que conseguiu marcar o 1º goal·

A bola vai ao centro, desenham-se novos ataques, efectuam-se novas defezas e . . . a 1.ª parte termina por 1 a 0.

Dez minutos passados e começou a 2ª. Os jogadores alinham-se, a bola pertence ao Benevides, que em breve a perdem. Começa o mesmo jogo. Há ataques combinados dos

nossos avançados que nada produzem por falta de remate.

Marcam-se então duas grandes penalidades quasi que seguidas, que dão mais dois goals para o nosso activo. E o jogo recahe numa monotonia desconsoladora, porque os nossos adversários continuam empregando o seu sistema de defesa.

Notam-se «shoots» convergentes das pontas, que não são aproveitados, há demora nas passagens, abusando-se do «dibling», e o jogo termina neste estado, por uma victória para o nosso grupo de 3 a 0.

Dia 15 de Abril. Contra Casa Pia.

Os corações batem rapidos, pelo corpo passa-nos uma rápida emoção, quando entramos no campo das Larangeiras. Aqui e acolá veem-se representantes da Casa Pia. É cedo ainda, é necessário esperar.

Pela mente passa-me então êste lance decisivo, de onde queremos sair com honra.

Após duas vitórias, sobre os créditos ganhos, lançar a nódoa escura de uma derrota, não seria uma raridade, mas era prática e moralmemte de um péssimo efeito. Como o tempo passa, nestes momentos de anciedade!

No entanto vamo-nos equipando lentamente e para distender os nervos e acordar os musculos, entretemo-nos treinando o Keeper.

Nota-se já ali e alem, com a sua camisola escura a contrastar violentamente com a nossa, os jogadores da Casa Pia, que parecem querer-se poupar um pouco.

Faltam minutos só. Um dos nossos jogadores cae, e magoa-se num pulso; enorme contratempo, que produz anciedade geral.

O «refree» apita, vai começar o jogo.

O nosso colega apesar de magoado quer jogar, entra no campo, alinham-se os jogadores e o jogo começa.

Conserva-se a meio campo por minutos, depois por arrancadas sucessivas decide-se por um fluxo e refluxo formidavel de energia nas suas partes mais frisantes,

Pelo nosso lado todos trabalhavam com energia, e com vontade de igualar se não de vencer. Ataques perigosos conduzem a bola até proximo das redes da Casa Pia, que se concentra numa defeza rápida e por vezes violenta. Por momentos uma recarga furiosa conduz a bola até ás nossas linhas, põe mesmo em perigo as nossas redes, que o nosso *keeper* defende brilhantemente com a sua energia costumada dos dias em que trabalha com vontade. As nossas defezas estão energicas a oportunas, quebram e interceptam completamente o jogo do adversário. Os *fowards* carregam, trabalham imenso, mas com a falta de remate que tem sido e há-de ser o nosso grande mal, tudo fica inutil. E assim termina a 1.ª parte sem nenhum dos *teams* ter firmado nitidamente a mais leve superioridade.

São bem vindos esses minutos de repouso; o sol que se escondera entre as nuvens que á pouco borrifaram levemente o campo, ilumina agora a terra, com toda a viveza dos seus raios

Passou o tempo de descanço. Vae começar o jogo, a infalivelmente fase decisiva.

Executam-se as primeiras passagens, procura-se fazer jogo de ambos os lados, a Casa Pia ataca com as suas passagens, rasteiras e curtas, não avançando muito a bola, combinando em triangulo, mas embaraçada é repelida pela nossa defeza. Efectuamos, então uma recarga com o nosso costumado jogo de ponta, muito bom, muito perigoso mesmo, sempre que, bem conduzido, haja remate, mas que ficou anulado perante a defeza do adversário.

Uma das nossas cargas dá origem a uma grande penalidade. Oferecia-se uma ocasião magnifica; a bola é dirigida rasteira e forte mas com uma direcção inconveniente, o que origina a sua defeza aliaz incompleta, de tal modo que divergiram as opiniões ácerca da sua entrada nas redes. E o jôgo continuou energicamente, numa ancia de vencer. O nosso meia defeza centro desloca-se um pouco e Casa Pia que procura furar por todos os lados, aproveita êste erro, para carregar a fundo, o que põe no mais imediato perigo as nossas redes.

É repelido o ataque, mas no entanto, o jogo conserva-se sobre o nosso campo apesar do esforço dos nossos defezas e dos nossos avançados que procuram numa recarga súbita, aliviar o jôgo.

E assim termina o desafio, energicamente disputado, de onde resultou um empate honroso para nós.

Dia 29 de Abril. Contra C. Calipolense.

Devia ser um jôgo sério, visto que Calipolense não se conformara com a derrota sofrida.

Desfavoravelmente constituido, com dois jogadores impossibilitados de comparecer um fora do campo, o nosso team colocara-se em posição inferior, estava mesmo incapaz de jogar, com *Calipolense*. Este parecera por todos os meios haver procurado reforçar as suas linhas, talvez ilegalmente.

Não compareceu o juiz de campo, mas até essa contemplação do acaso foi desprezada, e aceitou-se nestas desvantajosas condições um arbitro das bancadas.

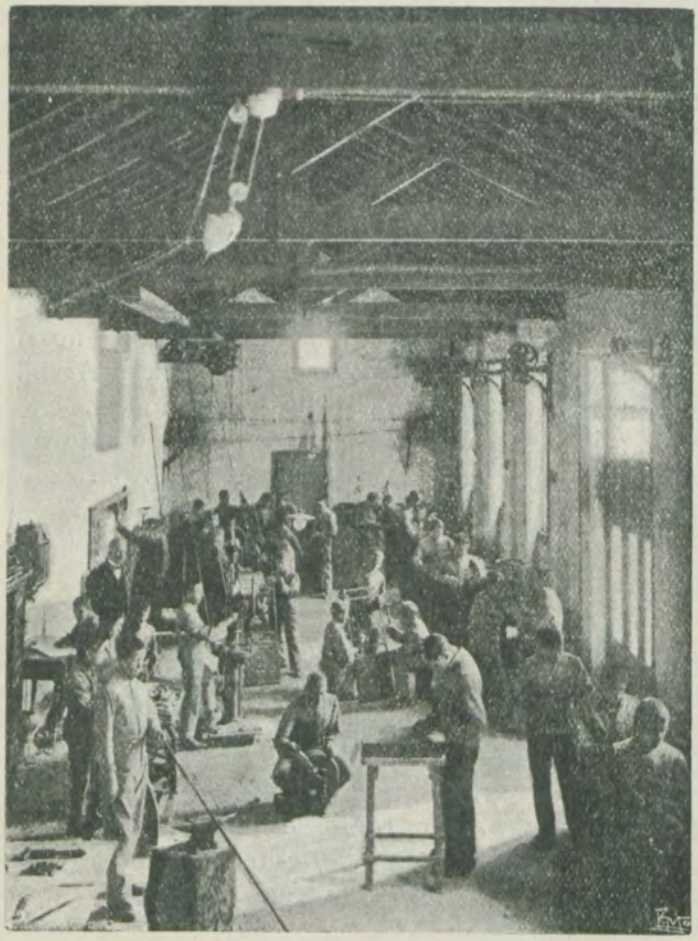
A troca contínua de logares, mais concorreu para o fim desastroso do desafio onde imperou a violência e faltou a combinação.

Houve má disposição, de alguns bons ele-

mentos que aí jogaram? Nada sei, porque não assisti, mas o que é certo, o que é insofismavel, é que o *team* do Instituto foi derrotado por 5 a 0 quando havia vencido o mesmo adversário por 1 a 0.

E assim fechou para nós o campeonato de (1916-1917) no qual conseguimos ocupar o 2.º logar entre os quatro teams que concorreram na 1.ª serie das 3.as categorias.

Mario Soares Pinto
Aluno do 6.º ano comercial



Serralharia

Assuntos escolares

EXAMES

3.º ano geral (passaram por média)

1.º elementar de comércio:

Otelo, Sequeira, Mascarenhas, M. Alves, Coelho, Lage, Corado, Arménio Guerra, Centeno, Santana, Costa, Guilherme.

1.º elementar de indústria:

Conde, Travassos, Nogueira, Mestre, Rocel, Gomes Barata.

4.º ano geral (passaram por média)

2.º elementar de comércio

Calado, Beato, Vieira, Monteiro, J. Brito, Denis.

2.º elementar de industria

Fernandes, Martins, Graça, Benades, Amilcar, Neves, Barata, Pandaio.

6.º ano geral (passaram por média)

1.º secundário de comércio

José Domingos Lamprea, Alberto Rosa, Soares Pinto, Julio Malaguerra.

1.º secundário de indústria

Salvador Pereira da Silva, Mendonça Pereira.

5.º ano geral (fizeram exame)

3.º elementar de comércio

Barroso Junior, Vidigal, Ramalho, Moedas da Silva, Isidoro de Brito Junior, Lucas de Sousa, Filipe da Piedade Santos, ficando todos aprovados, e o aluno Gouveia Pinto que ficou distinto.

3.º elementar de industria

Monteiro Cabral, António Mateus, Carlos Marques, Leonel Cunha, Carlos Castanheira, Almeida Amaral, Alvaro de Oliveira, Carlos P. Santos, Simões da Silva, Américo Alves, Eduardo Correia, todos aprovados, e o aluno Augusto Cardoso, distinto.

A Direcção

O DIA DOS ALIADOS

Ainda não há muito tempo que nesta grandiosa Obra da República, mercê da grande e patriotica ideia de S. Ex.ª o Ministro da Instrução se comemorou a morte do nosso notável épi-

co Luís de Camões; e jústamente êste dia foi dedicado ás Nações Aliada sque hoje se batem com denôdo em defesa da Humanidade e ao lado do intrépido e aguerrido Corpo Expedicionário Português. Não me detenho aqui a analizar o que constituiu a festa, mas é suficiente dizer que longe de todas as galas, ela foi não só modesta, mas sincera, e cheia do maior e mais entusiástico amôr pátrio.

Iniciou-se a festa pela conferência do nosso Ex.mo professor, Sr. tenente Ribeíro Gomes, que em palavras singelas começou por elogiar a grande e altruísta ideia que presidiu á sua organisação, lamentando que não se tivesse feito isto há mais tempo porque os pequeninos tambem precisam saber, para onde partem os seus, e porque choram suas mães e irmãos. Em seguida leu alguns documentos comprovativos da nossa intervenção na guerra, como sejam a nota da Alemanha, o convite feito pela nossa velha aliada Inglaterra, e outros. Finalmente citou o discurso do Prisidente Wilson que sintetiza claramente as aspirações dos povos que se debatem contra os impérios centrais.

Foi no final muito aplaudido, tocando-se nesta altura vários números de música pela tuna da 2.ª secção.

Avançou depois ao palco o nosso camarada Soares Pinto que fez uma magnífica conferência começando pelo desenvolvimento da evolução da literatura Portuguesa até ao século em que viveu Camões, descrevendo seguidamente a vida e a obra do ilustre poeta. As suas últimas palavras foram coroadas de uma quente ovação por parte da assistência.

O aluno Cardoso explica em seguida muito sumáriamente o Episodio de Inês de Castro, lendo-o estância por estância todos alunos do 5.º ano, que foram igualmente muito aplaudidos.

Mercê da boa vontade e esforço do nosso Ex.mo professor de música Sr. Costa Braz, a tuna e o orfeon fizeram se ouvir com geral agrado, executando alguns dos seus mais interessantes números a 3 e 5 vozes, merecendo o ilustre professor e alunos inumeras ovações.

No final əxibiram-se diversas fitas animatográficas que mais uma vez deliciaram a assembleia.

E terminou desta forma a nossa pequena mas interessante festa.

Cesar Vidigal.
Aluno do 5. ano comercial

ÉCOS

De regresso de uma visita á Inglaterra, e aos campos de batalha da frente ocidental, chegou ha pouco o nosso Ex.º Director interino Snr. Major Aguas, que recebeu nos dois paìses amigos e aliados merecidos louvores, tendo sido tambem agraciado com *varias ordens militares Inglesas e Francesas.*

*
* *

Parte brevemente para a França, o nosso Ex.mo Tenente Snr. João Centeno de Sousa que teve a amabilidade de se despedir de todos os alunos, deixando-nos igualmente o seu cartão.

Um regresso muito feliz é o que nós em nome de todos os alunos desejamos ao brioso oficial.

*
* *

Seguiu já para a Africa como fazendo parte do corpo expedicionario Português o nosso excondiscipulo Vergilio Guerra, que vai como sargento, cumprir o seu dever.

Que volte brevemente são os votos unânimes de todos os seus amigos e camaradas.

A Direcção

N.os 15 - 16 Outubro - Novembro 1917

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Discurso proferido na festa no dia 25-7-1917	*Major João Aguas*
A nova direcção	*A Direcção*
Discurso proferido no dia 25 de Julho de 1917	*Barroso Junior*
A nova redacção de «O Profissional»	*J. Mascarenhas*
Congresso nacional de educação física	*A Direcção*
De regresso	*L. de Sousa*
Comércio e sua evolução	*Soares Pinto*
A alma de Portugal	*Isidoro J. Brito*
Relatório dos exercícios observados pelos alunos e efectuados pela escola de guerra	*M. Pereira*
Écos	*A Direcção*
Necrologia	*A Direcção*

Preço 4 centavos

1918
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exére.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
Mário Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Acácio Monteiro Cabral, Manuel L.cas de Sousa e João Augusto Cardoso

Sec. da redacção: José Roxo
Direct.: José C. Barroso J.or

N.os 15 - 16 — 3.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Outubro-Novembro de 1917

Discurso proferido na festa de encerramento do ano escolar no dia 25-7-1917, pelo director interino, João E. Águas, major de infantaria. Assistiram: O Ex.mo Presidente da República: O Ex.mo Ministro de Instrução.

Ex.mo Presidente da República, Ex.mos ministros, Minhas senhoras e meus senhores:

Eu quisera possuir nêste momento, Ex.as, os dotes oratórios, o verbo inflamado dos grandes buriladores da palavra, como quisera possuir o condão de catequizar quem me dá a honra de ouvir-me, para poder significar a V. Ex.a o testemunho de gratidão que nos vai nalma, e aos ilustres visitantes quão justos e merecidos são os carinhos que possam ser dispensados a esta benemérita obra de beneficência.

Mas, desprovido dêsses dotes, empregarei a palavra chã, mas clara; o tom singelo, mas franco e sincero, que outros não são os elementos de que disponho.

Ao ilustre Presidente da República dirige o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército pela boca do seu Director interino, as mais rendidas homenagens e o preito do mais profundo reconhecimento, pela honra e alto significado que exprime a comparência do mais elevado funcionário da República à modesta festa de aniversário dêste modelar estabelecimento de ensino.

Saudando-vos, o Instituto Profissional saúda em V. Ex.a, Sr. Presidente, o povo da mais gloriosa história e de sentimentos mais nobres e alevantados que povôa a Terra; O Povo que traçou com as quilhas das suas caravelas as estradas marítimas para o desconhecido; O Povo que plantou a árvore da Fé e da Civilização em todas as partes do Mundo; que deu a êsse Mundo novos mundos e que fez da sua Pátria, a Pátria de quási metade dêsse mesmo Mundo.

Saúda em V. Ex.a Sr. Presidente, êste Povo que tendo sido altivo, nobre e generoso prima por ser cavalheiroso, honrado e digno na defeza do Direito e da Justiça e que, ao lado dos seus irmãos de raça e da sua secular aliada, ainda agora derrama o seu sangue pela Razão e pela Vida, contribuindo com o seu esforço para dar aos povos a Paz dos seus lares e a existência da sua própria vida.

Com as saudações os nossos agradecimentos, Excelência, pela honra em terdes acedido ao convite feito, agradecimentos que estendo a todos os Ex.mos Ministros pelo carinho que aos poderes públicos tem merecido êste Instituto, e ainda por todo a auxilio que poderão dar-lhe e de que tanto necessita para, nesta hora angustiada e suprema da nossa história, poder corresponder á missão não só humanitária que presidiu á sua instituição, mas tambêm ao alcance verdadeiramente produtivo para a economia do País, que resulta da existência duma escola profissional e oficinal como esta é.

Sr. Presidente e Ex.mos Senhores:

Tenho conhecimento de que há um ano vos foi apresentada, por um ilustre professor dêste estabelecimento de ensino, a forma porque êle está constituido e os fins especiais a que visa, tendentes a valorisarem todos os elementos que sob a bandeira dêste Instituto são acolhidos. Aqui não havia uma energia desperdiçada, uma vontade mal dirigida, congregando-se todos os esforços num mesmo sentido: o bem da Pátria.

Pois se assim foi descrito, ilustre Presidente, pois se assim vos poseram ao corrente da razão de ser dos cursos aqui professados, não devo eu reedita-lo, não devo eu justificar o ensino pedagógico de que se compõe o programa da

instrução e educação dadas nos filhos dos nossos camaradas, que nos vieram entrega-los para dêles fazermos homens.

Lembrarei apenas que ao iniciar-se a formação do Portugal novo sobre bases sólidas e princípios que correspondessem às aspirações sociais e económicas da época, o govêrno provisório, inspirado no grande amôr pela causa pública lançou as bases da grande Obra que num breve futuro há-de pôr a Nação a par daquelas que muito bem sabem que é a instrução e a educação de seus filhos que hão de dar-lhes a maior fôrça e maior riquesa.

Pois êste Instituto é uma ramificação dessa Obra.

Se os seus belos princípios não foram aplicados em toda a sua magnitude, se a sua intenção não foi compreendida, se os seus fins foram deturpados; se durante os dois primeiros anos êle enfermou da rotina velhenta do regímen deposto, se não era mais de que um arremedo de escola com o caracter de recolhimento em que, por má compreenção, os princípios da verdadeira democracia eram sofismados ou mal aplicados, hoje é uma escola modelar, hoje é um Instituto Profissional modelar.

Seguindo o pensamento de *Gustane Le Bon*, que a — instrução e a educação são os únicos agentes eficazes do levantamento dum país — são estes dois factores da formação dos povos que aqui se desenvolvem.

A democracia derruiu as castas; já não há especialidades que possam chamar-se as dirigentes das sociedades. Agora a evolução dos povos transformou por completo a influência governativa que deixou de ser exclusiva a uma determinada classe para pertencer a todas as classes.

Se ainda houvesse dúvidas bastaria a guerra atual, a guerra monstro, entre os velhos e arcaicos princípios e os novos ideais, para nos convencermos que está raiando uma era de transformação social que há-de ficar conhecida na História do Mundo pela era da idade do povo.

Está sendo assinalada, com todo o explendor pela preponderância do homem moderno. E o homem moderno, como diz *G. Le Bon*, não é um qualquer; é o homem que conta apenas consigo para marcar o seu logar na vida. E só pode marcar pelo que souber e, sobretudo, pelo que puder.

Aqui, neste estabelecimento de ensino, Sr. Presidente, a instrução é dada à criança conforme as suas propensões e o seu instinto. Revestimo-la dum sentimento de alta nobreza, porque todos os misteres são dignos, para que ela saia desta casa com a confiança, a competência, a simpatia e o respeito necessários para desempenhar o papel de futuro dirigente da sociedade.

Todo o esforço empregado tende a fazer dela um homem, tal como a preconisa *G. Le Bon*.

Da-se-lhe a conhecer o meio presente actual, como início da sua vida futura. Fortifica-se-lhe o coração, abre-se-lhe a inteligência e cria-se-lhe a vontade.

E a divisa dêste Instituto é bem sugestiva e optimamente escolhida: «*Preparemo-nos para a vida. Querer é poder*».

Nada mais conforme aos princípios duma democracia pura. Ela encerra em si os requisitos dum homem moderno.

Ora se assim é usado e aceite por estas creanças, por estas prometedoras esperanças do nosso futuro e da vida da nossa terra, — os pais portugueses têem de convencer-se de que as classes antigamente dirigentes, recrutadas numa falsa burocracia e numa exígua intelectualidade, tendem a desaparecer, tendem a apagar-se tão rapidamente como acelerado é o avanço da democracia.

Desapareceu para dar lugar à nova sinergia de sentimentos e de capacidades que só diferem pela profissão, mas se conjuguem pela superioridade de caracter.

Sonhamos, como «*Jules Ferry*» Snr. Presidente. Sonhamos com a plaina e a lima ao lado do compasso, da carta geográfica, da espada, do livro de história, enfim de todos os misteres, para serem objecto comum dum ensino racional e sistemático, — como aqui está esboçado e posto em prática; para se darem fim às cartas; para ser iniciada nos bancos das aulas a paz social como princípio da concórdia e do grande e radioso futuro da sociedade.

Como toda a obra verdadeiramente republicana, é êste Instituto uma escola de formação de caracteres. É o caracter dos homens bem mais que o seu saber que determina o seu sucesso na vida; li isto algures.

Pois é êste importante ramo da educação destas crianças que merece, a par da instrução, os maiores cuidados por parte dos seus professores e dos regentes.

E é com orgulho, mas orgulho justo, que êste estabelecimento de ensino vê cercados de respeito, de carinho e de amor, os seus alunos que há perto de 12 meses colocou na vida prática.

Eles honram-se e dignificam-se, honrando e dignificando o Instituto que os fez homens.

Como vêdes, Sr. Presidente, não é descurada nesta casa, nem a instrução, nem a educação. Aqui dentro há um conjunto de fôrças

e de vontades, postas no serviço da mesma causa: *o bem da Pátria.*

Mas, por ser uma obra genuinamente republicana, tem sofrido ataques, tem experimentado dissabores. Felizmente vai passado êsse tempo, em que se supunha ser êste Instituto um recolhimento para filhos malcriados que se permitiam criar uma nova forma de democracia sem ordem, sem respeito e sem disciplina. Era mais um sanatório de compleicções doentias em que, para não se agravar a doença, se conduiam e dispensavam todas as facilidades e liberdades, do que um estabelecimento de ensino profissional em que se procurava trabalhar caracteres para se formarem homens. Parecia que tudo se compreendia, que tudo se estendia, para negar à República a capacidade de produzir qualquer cousa que fôsse útil.

Parece que uma oposição sistemática se levantou contra o fim grandioso desta grandiosa Obra Tutelar e Pedagógica, porque ainda hoje êsse germen dissolvente, que é o entrave, tortura as vontades mais fortes e os sentimentos mais nobres.

Senhores:

Há dentro do Corpo docente dêste Instituto quem pela sua experiência, pela sua dedicação, pelo seu estudo e pelo seu ardente e apaixonado amôr pela instrução aos analfabetos, tenha conseguido um método de ensino que produz maravilhas. Eu sou testemunha de vêr escrever e ouvir ler umas crianças que dois meses antes haviam para aqui entrado absolutamente analfabetas.

Pois se Portugal é um país de analfabetos; se não há analfabeto algum que não seja susceptível de aprender, seja por que método fôr, num praso relativamente curto; se, como sabemos, nada há já que possa ser considerado de exclusivismo, porque a reforma dos costumes trás a dos hábitos, e a evolução dos tempos arrasta a das ideias; porque se não há de amparar êste professor, abraçar o seu trabalho experimentá-lo e defende-lo? Porque se não há-de animá-lo a estudar mais e melhor, facultando-lhe os meios materiais do que carece para espalhar o seu método de ensino? Acaso tão utilitária obra não merecerá ao Estado o sacrificio de 100 a 200 escudos?

Não é um original, dir-se-há. Que importa? É mais conforme ao meio actual. Pode ser um aperfeiçoamento ao que existe. Rara, rarissima é a inovação. Ela provêm sempre do que existia, modificado pelo avanço das sociedades, que o mesmo é dizer-se pelo Progresso.

Estudemo-lo, portanto, modifiquemo-lo e despachemo-lo como mais um processo de fazer desaparecer, e rapidamente, as trevas da ignorância do nosso bom povo.

Senhor Presidente:

A vós peço continueis a auxiliar a obra Tutelar da República, como filho que é da democracia Reparai que muito em breve tem ela que desempenhar em larga escala a sua acção altamente patriótica e humanitária.

Fazei com que se lhe conceda o que precisa para dignamente poder cumprir a sua missão.

A vós Senhores eu peço que façais espalhar e correr lá fora quão nobre e generoso é o esfôrço de estes ilustres pugnadores do Bem, que consagram o melhor da sua vida, da sua actividade e da sua inteligência, ao aperfeiçoamento da nossa raça, ao alevantamento da Nação.

A vós, meus amigos, para quem vão o melhor dos cuidados de todo o corpo docente; a vós que ides ficar sem companheiros que vão passar à Escola de Guerra, às secretarias e aos quarteis, eu peço que continueis a inspirar-vos nas belas lições de moralidade e de patriotismo que haveis recebido, para que, ao partirdes desta casa, não haja ninguêm lá fora que não vos respeite, que não vos considere, que não vos honre.

Aos que saiem com os seus cursos, eu só peço uma cousa em troca de tantos cuidados que honrem e dignifiquem o Instituto, por que assim dignificarão e honrarão a República.

A vós, senhoras Minhas, cuja presença, aqui, me faz lembrar os nomes dessas Mulheres célebres de que nos reza a nossa história, a vós eu peço que vos inspireis nos sentimentos dessas almas genuinamente portuguesas, quando ao armarem cavaleiros a seus próprios filhos, de olhos fitos no símbolo augusto da Pátria, lhes diziam: Ide! Ide combater! Honrai o vosso nome; dignificai a vossa raça; derramai o vosso sangue; perdei a vida se tanto fôr preciso; mas não por mim, filho da minha alma! mas por Ela. Grande mãe, a mãe de todos nós, pela bendita e sacrosanta Terra de Portugal; Terra de Portugal! As minhas últimas palavras vão para o teu símbolo sagrado.

Querida Bandeira! Sacrário Santo da Liberdade e da Independência! Cada filete do teu tecido é uma fibra da nossa alma! Cada pedaço do teu pano, é um pedaço do nosso território! Eu peço-te lábaro sagrado pelo sangue português, eu peço-te que cubras com o teu escudo, que protejas com as tuas côres, estes teus pequenos filhos, para que êles

amanhã ou passado, possam juntar o seu esfôrço daqueles que nesta hora estão além ao longe a derramar o sangue, a perder a vida pela bendita causa do Direito e da Justiça!

Deixai que eu fale por êles, deixai que eu vos beije por êles! A minha alma como a sua, alada pelo sentimento e pela razão sobe até ti, prostra-se diante de ti! Eu te saúdo, bandeira da Minha Terra!

Disse.

Em 25-7-1917.

João Águas.

A Nova Direcção

Ao tomar posse do honroso cargo que pela magnânima Assembleia Geral lhe foi conferido, a DIRECÇÃO, saúda jubilosamente o digno corpo docente dêste estabelecimento, os nossos estimáveis assinantes e todos os camaradas, fazendo sinceros votos para que, nunca da sua parte lhe falte cooperação e incitamento, que virão decerto tornar mais forte e inabalável, êste humilde mensário que se nos afigura tão útil e necessário a esta grande obra republicana.

A Direcção

Discurso proferido pelo aluno Barroso Júnior, no dia 25 de Julho de 1917

EX.mo SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA, DIGNO MINISTRO, MEUS SENHORES E MINHAS, SENHORAS:

Mais uma vez, neste dia inolvidável e alegre para nós, neste dia solene e radiante, em que, cheios do mais puro e sincero entusiasmo, se comemora uma data gloriosa que fez erguer esta obra sublime e digna que se chama: Instituto dos Pupilos do Exército, eu sou incumbido de dizer algumas palavras. E faço-o, plenamente convencido de que elas embora singelas e pálidas calarão no ânimo dos que me escutam, e em Vós, para quem eu em primeiro lugar envio as minhas mais calorosas saudações.

Passaram já seis anos sôbre o decreto que criou tão benéfica e filantrópica instituição, onde se preparam para a vida os homens de amanhã, os filhos dos humildes soldados da Pátria e da República, que veem buscar aqui mais fôrça, mais vida e mais luz.

Com cinco anos de funcionamento e que equivale a cinco anos de trabalho insâno, tudo isto, mercê do alto critério e boa vontade dos nossos superiores se transformou num organismo perfeito, e orientado nos mais altos princípios da moderna educação e instrução.

E se todos teem trabalhado infatigavelmente para o levantamento e progresso desta obra meritória e republicana, é aos alunos que muito se deve o lugar de destaque que o Instituto ocupa, porque êles teem em toda a parte procurado levantar altamente o seu nome que honra a Pátria e a República.

Ireis apreciar em breve os nossos trabalhos, o produto da nossa actividade; está aí, sintetisado todo o esfôrço, e firme vontade desta pléiade de rapazes que teem conquistado, como já disse, um lugar de destaque para o Instituto, principalmente em várias exposições, e lícito é relembrar a da Arte na Escola, em que o nosso estabelecimento foi bastante louvado, sendo-nos conferido o diploma de medalha de ouro.

E se assim sucede é porque há aqui uma vontade forte e decidida de vencer, é porque há a esperança consoladora e nobre de deixar bem vincada aos vindouros pupilos a nossa passagem por aqui, é porque há o desejo ardente de fazer progredir e multiplicar esta emancipadora obra, porque então, a República tornar-se-há mais forte e orgulhosa e o nosso elevado e patriótico esfôrço mais digno.

E eis que se vai concluindo assim a humanitária missão a que se propuzeram os grandes admiradores e criadores desta escola; ela impõe-se dia a dia à consideração e respeito do país que já o aponta como exemplo, que já sente em si a inabalável convicção de que ela lhe é essencialmente necessária.

Porêm, agora que começava dando os seus frutos profícuos e valiosos, agora que para êle vinha raiando uma aurora bendita e abençoada, a guerra, invadindo a nossa Pátria arrancou-nos também alguns dos nossos maiores amigos e cooperadores.

É a êsses, aos dignos e valentes defensores da nossa terra que partiram briosamente no seu pôsto que eu, interpretando o sentir dos meus colegas envio as mais entusiásticas, sinceras e merecidas saudações, fazendo votos para que voltem em breve ao convívio dos seus, cobertos de glória.

Mas eu quero também neste momento solene saudar altamente êsses briosos rapazes, nossos velhos camaradas que partirão hoje para os campos da África ou da França cumprir o dever augusto que a Pátria lhes exigiu.

Eles vão derramar lá nesses campos distantes o seu sangue, dignificando assim o sempre glorioso Exército Português e a escola que os preparou cidadãos tão honestos, militares tão briosos.

AMIGOS E CAMARADAS:

Encontrais-vos aqui, pisando o solo de um dos mais nobres estabelecimentos do país há perto de seis meses. Sim, estais aqui, como eu, porque a República, esta instituição que se ergueu há anos entre o ribombar dos canhões e o despertar dum povo alagemado e desditoso, quis, protegendo-nos carinhosamente, fazer de nós cidadãos úteis, patriotas e republicanos ardentes, porque é em nós, como em toda a mocidade portuguesa que estão resumidas as áureas esperanças do resurgimento da nossa Pátria, e da nossa raça.

Lembrai-vos que nas vossas sorridentes e velhas aldeias, nos vossos lares hoje tão tristes pela falta do chefe querido, as mães, os irmãos sonharão talvez um futuro dourado e explendoroso, que vossos pais ao partirem lançaram igualmente para vós no momento de

despedida um derradeiro olhar, olhar onde transparecia, ternura, carinho e confiança.

Ah! Eles que partiram sem constrangimentos, para a vitória, para o engrandecimento da nossa terra, mas certos de que vão cumprir com o seu dever, êles que vão buscar lá nesses campos distantes ou a vitória ou a morte para Portugal, fizeram-no esperando de vós alguma coisa, fizeram-no scientes de que vós trabalhando com fervor, cumprindo com os vossos deveres hoje mais do que nunca imperiósos, prestareis à Pátria e à República um serviço altamente honroso que vos nobilitará na árdua luta pela existência.

Filhos de santos e heróicos soldados de Portugal dêsses soldados inauditos e sempre valorosos de que falam gloriosamente as áureas e rutilantes páginas da nossa História, trabalhai, norteai-vos sempre pelo caminho do bem, e então no vosso lar exangue, pobre e lutuoso, donde havia antes partido entre os prantos e a saudade imorredoura o ente tão querido, raiará num dia abençoado e de explendor um futuro cheio de fé e de mais vida.

EX.mo SR. PRESIDENTE

Aproveitando êste dia de consagração, dia que jámais nossos corações poderão olvidar, tivemos a feliz ideia de, compreendendo que neste doloroso momento a Pátria precisa do auxílio e esforço dos seus filhos, destinar o produto dos donativos que conseguirmos alcançar, para essa benemérita e digníssima agremiação a *Cruzada das Mulheres Portuguesas.*

É e justo, e é nobre que assim suceda.

Nós, filhos do Exército, filhos dêsses briosos soldados que partem, temos o dever imprescindível de cooperar também nesta obra bendita e puramente nacional.

Na nobre e imorredoura França, na grande Inglaterra, na laboriosa Bélgica e heroica Sérvia, enfim, em toda a parte onde palpita um coração verdadeiramente patriota e generoso, quando há perto de três anos, soava o canhão entre gritos de revolta e guerra contra essa prepotente Alemanha, logo acudiram sem desânimo as mulheres, as crianças e até os próprios velhos.

Pois, bem. Em Portugal, onde todo o cidadão é um soldado intrépido e valoroso pronto a partir quando a Pátria necessitar do seu braço ou da sua alma, também a mulher não se esquece de diminuir, com o auxílio de todos os corações bons, as faltas, as dôres e as misérias dos que partem e dos que ficam.

Obra bendita é essa que presta tão relevantíssimos serviços à causa comum, e que exemplo sublime é tão cheio de abnegações o das mulheres portuguesas neste momento trágico e tormentoso!

Corramos a secundar o esforço dessas almas juvenis e bondosas, a sua acção benéfica e grandiosa, e decerto será salutar a sua influência para o salvamento da Pátria e para a vitória final da Humanidade.

E em vós, Ex.mo Senhor Presidente da República, como o mais alto magistrado da nossa Pátria querida, eu presto as minhas mais sinceras, e mais vivas homenagens, pedindo-vos mais uma vez a protecção valiosa, afim de que esta obra sacrosanta possa satisfazer plenamente as aspirações do país, e o fim sublime e filantrópico para que foi criada.

Mas, eu quero também nesta hora jubilosa e de consagração, neste dia redentor para a República, saudar na vossa nobilíssima pessoa, êsses heróicos soldados da Pátria, êsses novos e indomáveis gigantes que o mundo, como outrora, em êxtase contempla.

Nós vimo-los partir do seio dêste encantador Portugal, sem desfalecimentos mas de cabeça bem erguida e cheios da mais vivificadora fé na vitória das suas armas sempre gloriosas, na vitória do direito sobre a barbaria teutónica que assassinou soldados nossos em África e que tantas vidas tem roubado aos inocentes, aos indefezos e aos fracos.

Naulila será vingada! Os soldados das nossas terras, onde sôb as suas fardas palpita um coração heróico e bom, saberão, nas longínquas terras da nobre França, onde todos se erguem altivamente ante o altar bendito e augusto da sua Pátria, marchar intrépidos e erguer bem alto o estandarte lusitano, mostrando à terra inteira que Portugal de hoje é tão forte, tão vigoroso, como nas priscas eras em que por tôda a parte ele flutuou, quer nos topos das galés, quer nessas irredutíveis fortalezas, como apontando ao mundo qual o caminho a seguir.

Hoje, é nos campos da batalha, ao lado dos exércitos que se batem pela Humanidade, que os nossos heróis, desafrontando um vil insulto, mostram que são os mesmos que em Aljubarrota, Wagram e tantas outras que para sempre imortalizarão a nossa raça e a nossa Pátria

Portugal rejuvenesce, resurge, abrindo um novo caminho para a glória bendita que já vem despontando e e que tornará mais digna, mais respeitada e grandiosa esta Pátria bela e adorável, símbolo dum passado heróico e redentor que jámais morrerá.

A luta será hedionda, o sangue invadirá os nossos lares em turbilhão, mas, enquanto neste torrão querido as mães, os filhos as esposas, orando pelos entes ditosos rasgam e regam as suas terras, lá, nos campos da honra, entre o scintilar de mil baionetas, peitos lusitanos, almas novas erguem-se inauditas, inquebrantáveis, marchando pelo caminho esplendoroso da glória.

E após a vitória, nós veremos, se acaso fôr possível, os soldados de Portugal, beijados pelo sol jocundo da nossa terra, pisarem cobertos de glória, o solo sagrado donde chovem as bençãos do povo generoso que verteu o seu sangue em 1640 e 1910.

E enquanto de sul a norte, de leste a oeste da nossa terra se aclama delirantemente a Pátria, sob o arco triunfal, marchando altivos e erguendo bem alto o pavilhão Nacional, os inquebrantáveis e audazes soldados da República, ao som da Portuguêsa, e entre as saudações frenéticas da multidão, sauda-lo-hão nestes brados entusiásticos e fortes de

VIVA A REPÚBLICA!
VIVA A PÁTRIA!
VIVA PORTUGAL!

J. C. Barroso Júnior
Aluno do 6.º ano comercial

A nova redacção de "O Profissional"

Iniciando-se com êste número, o segundo ano da sua publicação, por conseqüência eu acho ocasião adequada para nele se aludir à nova constituição da sua direcção, que vigorará no corrente ano.

Como se formulou na época da sua organização, que os membros que a formassem exercessem êsses cargos anualmente, teve de proceder-se à eleição dos novos corpos gerentes.

Para tal fim no dia 20 de Outubro passado, à noite, aproveitando nós, o lapso de tempo

que nos separa da 3.ª refeição ao estudo, reuniram-se no teatro os alunos desta secção, para em assembleia geral realizarem a escolha.

O nosso regente Sr. 1.º tenente Sousa, tomou a presidência da mêsa escolhendo para secretários da mesma, dois alunos.

Imediatamente se abriu a sessão: então o aluno Barroso usando da palavra, apresentou justas contas, àcêrca do movimento geral do nosso orgão no ano anterior, evidenciando assim, que cumpriu as suas obrigações, que competiam ao seu lugar, que tão hábilmente desempenhou no dito ano.

Mostrou ali pelas suas palavras e durante o ano pelas suas obras, a sua aptidão mais que suficiente para tal encargo.

Terminado o discurso do nosso camarada, o nosso regente, referiu-se ao digno conceito, em que pelos Srs. professores e especialmente pelo Ex.mo Director, o nosso mensário era considerado. Incutindo-nos também no ânimo a que cooperássemos mais vivamente e com o que a nossa capacidade intelectual no-lo permitisse, que não tivéssemos receio de para êle cooperar.

Poucos instantes se sucederam, sem que a eleição se iniciasse.

Depois de termos deposto as nossas listas na urna, foi colhido o seguinte resultado: resolvendo-se depois entre os eleitos a missão que desempenharia cada um.

José Barroso, 90 votos; ficando desempenhando o lugar de Director. Acácio Cabral 53, João Cardoso 59 e José Lucas 36 nomeados para fazerem parte do conselho de redacção; José Roxo, 37 na missão de secretário; Gouveia Pinto, administrador.

Como se verifica pela lista acima o nosso camarada Barroso foi nomeado novamente para constituir a redacção, demonstrando tal caso, o bom acêrto com que desempenhou a sua missão no ano decorrido, o mesmo sucederia por certo aos membros que foram seus colegas de trabalho, se não tivessem saido à meses para a Escola de Guerra; em virtude da sua boa administração e carinho que mostraram pelo nosso mensário, visto que êles concorreram em parte, para que êle não baqueasse, redobrando a sua colaboração a tal ponto, de quási se tornar exclusiva nessa época e incitando-nos também, a que por êle fizéssemos o nosso esfôrço, do qual resultaria o nosso orgulho e egualmente para corresponder-mos gratamente, à bendita idea do seu fundador o Ex.mo Sr. João Ribeiro Gomes, Dig.mo professor deste Instituto, atualmente em França. Todos nós estamos convictos que a nova redacção, para êle contribuirá como a antecedente, com o seu alento e fôrça de vontade, visto que sem o seu auxilio o nosso mensário não tomaria incremento.

E a nós, camaradas, compete concorrer com a nossa boa vontade, para que êle progrida, mantendo-se incorrutível através das gerações vindouras, que pisarem o enaltecido solo dêste modelar estabelecimento de educação. Enfim, façamos com que êle seja como que uma herança, visto ser a obra dos primeiros alunos que afamaram o nome de Instituto dos Pupilos do Exército.

Jaime Gil Mascarenhas
(Aluno do 4.º ano Comercial)

Congresso Nacional de Educação Física

É com imenso prazer que acabámos de ler no relatório do Congresso Nacional de Educação Física, realizado por iniciativa do Ginásio Club Português, as seguintes e elogiosas referências ao nosso Instituto:

«Realizou-se esta primeira visita a êste modelar Instituto no dia dez de Junho às 10 horas, tendo os congressistas sido amávelmente recebidos pelo Director Ex.mo Sr. Tenente Coronel, João Ortigão Peres, e corpo docente do Instituto.

Reunidos os congressistas no alegre teatro que o Instituto possue, ai foram saúdados pelo professor Ex.mo Sr. Pedro de Oliveira que num magnifico improviso enalteceu a obra do Ginásio Club, organizador do Congresso de Educação Física e fez a apologia da ginástica sueca como um dos melhores métodos de desenvolvimento físico, cujas vantagens os Srs. congressistas teriam a ocasião de apreciar na lição de ginástica a que em breves momentos iam assistir; terminou fazendo votos para que deste Congresso alguma coisa de útil e proveitoso resultasse.

Seguidamente apresentaram-se no palco a tuna e o orfeon, e primorosamente regidos pelo professor Ex.mo Sr. Joaquim da Costa Brás, deixando uma agradável impressão nos congressistas.

Terminada esta sessão, dirigiram-se os Congressistas para o campo de jogos, tendo antes visitado todas as dependências e oficinas de trabalhos manuais, que acharam

magníficos de ordem e asseio, bem como as salas de ginástica que, se ainda não têem o tamanho que seria para desejar num Instituto daquela importância, está contudo muito bem instalada e provida de grande número de aparelhos de ginástica. No campo de jogos foi-lhes dado assistir a duas lições de ginástica sueca, da 2.ª e 1.ª secção, dirigidas respectivamente pelos professores Ex.mos Srs. Capitão Escrivânis e Pedro de Oliveira, tendo sido êstes professores muito cumprimentados pela boa apresentação e correcção dos exercícios ginásticos.

Terminaram os exercícios no campo pela demonstração de tática abstracta por um pelotão devidamente armado e equipado, no qual os alunos tiveram a ocasião de mostrar a grande resistência obtida com os exercícios físicos.

Finda esta lição, retiraram-se os congressistas, tendo ficado muito bem impressionados com a correcção, disciplina e amabilidade, que encontraram naquele modelar Instituto, pelo qual o seu digno Director tanto se tem interessado e cujos esforços bem merece uma grande ajuda dos podêres públicos.

A Direcção

De regresso

Foi a 15 de Outubro que de novo viemos prasenteiramente recomeçar os nossos trabalhos escolares interrompidos por quási três meses de férias. Passadas as nove, hora a que nos apresentámos, a nossa vasta parada estava replecta de pequenos grupos, em que uns narravam as suas proesas amorosas, outros os seus feitos cinegéticos, outros a viagem, enfim as mil e uma pequenesas que após uma ausência de três meses de convívio sempre temos que contar uns aos outros. Entretanto, e sem que se dê por isso aproximou-se a hora do almôço, e eis-nos em marcha para o nosso amplo refeitório. Almoçados, viemos novamente para a parada, procedendo-se então à nomeação dos graduados e à formação e divisão da Companhia por alturas. Era curioso observar a atitude de cada um de nós.

Uns estendiam o pescoço, outros levantavam-se o mais disfarçadamente possivel na ponta dos pés. Enfim todos nós queriamos ser mais altos que o nosso vizinho da frente.

Pronta a divisão, o nosso Ex.mo Regente fez uma rápida alocução sôbre o nosso regimen interno que se funda essencialmente na disciplina, na ordem e no amor ao trabalho. Estas palavras foram dirigidas mais para os alunos novos desta secção do que para nós que temos mais ou menos adquiridos aquêles hábitos salutares tão necessários para a nossa rápida preparação para a vida. Em seguida foi prestada com toda a solenidade, saudação à bandeira sendo pelo nosso Regente, Ex.mo Sr. 1.º tenente Ferreira de Sousa, levantados vivas à Pátria e à República frenética e calorosamente correspondidos por todos nós.

Destroçámos então, e assim terminou esta cerimónia intima, mas com um verdadeiro cunho patriótico que sempre nos tem distinguido. De novo proseguimos nas nossas narrações, entrecortadas aqui e acolá de gracejos e gargalhadas, reinando entre tudo e todos a mais franca alegria e lial camaradagem.

E que nunca seja dado aos Pupilos presentes nem aos vindouros o esquecimento das nossas imorredouras divisas *Preparemo-nos para a vida* e *Querer é poder*, são os votos sinceros de quem ainda espera ver o *INSTITUTO* completar e satisfazer a altruista obra de educar e instruir a mocidade filha da mui nobre Classe Militar que tão longe dos seus lares está derramando o sangue pela santa causa da *Humanidade*.

Manoel José Lucas de Sousa
aluno do 6.º ano comercial

Comércio e sua evolução

(Continuação)

Falemos agora das vias de comunicação.

A estrada ou o caminho era a única via terrestre então utilisada e conhecida do seu percurso atravez de regiões pouco povoadas, e demais enfestadas de bandidos, era perigosa.

Na via marítima o Mediterrâneo foi na antiguidade e continuou a ser na Idade Média a bacia comercial mais frequêntada.

A navegação era geralmente costeira, porque faltavam os meios de orientação; e como os únicos factores de locomoção eram o vento e o remo, a viagem tornava-se morosa, e por isso unicamente viavel para os produtos que se não decompusessem com o tempo.

Demais os comerciantes procuravam sempre num pequeno volume transportar o máximo do valor.

E isso explica-se pela deficiência dos meios de comunicação na via terrestre e pela pequena tonelagem e morosidade das embarcações na via marítima.

Vê-se portanto que se o comércio na antiguidade não tomava um caracter duma internacionalidade mais intensa era devido não só à falta de conhecimentos duma parte do globo terrestre, mas também ao estado rudimentar em que as sciências hoje conhecidas, se encontravam naquele tempo.

As deslocações de povos que se chamaram bárbaros, percorrendo a Europa em várias direcções, semeando a ruína na sua passagem, enfraqueceram a pouco e pouco e finalmente destruíram, o já vicioso e débil Império Romano do Ocidente.

Começou então a Idade Média, período de anarquia, em que tende a predominar o regimen absoluto e a tirania do Senhor feudal.

Com ela a civilisação pouco adeantou; no entanto, os comerciantes levados pelo amôr do lucro, juntando-se em grandes caravanas para melhor resistirem, lá continuaram exercendo o seu mister, ainda que pagando inúmeros impostos e salvos condutos que o senhor lhes vendia para livremente poderem atravessar as suas terras.

O comércio portanto sofria com êstes inúmeros impostos, que extraordinàriamente oneravam o preço da mercadoria.

Dificientes como eram as vias de comunicação, sem amparo algum do govêrno, sem segurança..., como poderia nesta época desenvolver-se o comércio duma dada região ou dum determinado país, se com tantos obstáculos tinha de lutar?

Não havendo comércio, ou sendo êste reduzido, onde ia a indústria, colocar os seus produtos, ou buscar matéria prima?

Naturalmente ou não se desenvolvia porque esta lhe faltava, ou então limitava-se a um papel restritamente local, sem perfeição, porque não temia a concorrência, sem intensidade nem estímulo porque para aquela região bastava o pouco que produzia.

Uma entidade porêm importantíssima na Idade Média, e que entre nós se estabeleceu no reinado de Afonso III, auxiliou extraordinàriamente, às artes, a indústria, o comércio e a vida duma região, sendo como que um eixo em volta do qual girava a sua vida económica.

Eram as feiras. Para elas convergiam os produtos, para elas se estipulavam as energias.

Eram como que grandes exposições de produtos manufacturados ou não, na qual se reuniam os agentes de comércio mais variado, desde o simples agricultor com os seus gados e produtos da terra, até ao opulento mercador com os seus estofos. Tudo nela eram indícios duma labuta constante . duma atividade enorme...

Como o principal inconveniente, que as feiras supriam, era a falta de comunicações, hoje que elas tomaram notável e rápido desenvolvimento, era inevitável a desaparição, embora lenta, dêstes grandes locais de comércio.

No entanto ainda existem, e disso somos exemplo no nosso país e noutros onde os transportes nem sempre são módicos, fáceis ou realizáveis.

Outro factor que gosou na Idade Média, poderosa influência na vida económica das nações e no seu desenvolvimento comercial foram as *Ligas de comércio.*

Tanto na França, na Inglaterra, como na Alemanha, houve destas ligas que chegaram a gosar dum papel importantíssimo.

Unindo-se para constituirem fôrça, os comerciantes dalgumas cidades livres da Alemanha, resistiram com sucesso aos senhores e aos bandidos, protegendo os seus interêsses comerciais e os dos seus associados.

A importância foi tal que a liga das cidades livres da Alemanha chegou não só a fundar feitorias suas na Rússia, Flandres, Noruega e Inglaterra, mas a possuir também o monopólio da navegação do mar do Norte e Báltico.

Estas cidades livres verdadeiros centros de comércio administrando-se sob um regimen republicano prosperavam rápidamente, mercê da sua grande atividade.

Ainda hoje existem, e Lubeck, Bremen e Hamburg, são das principais cidades alemãs, e já lá vão mais de dois séculos que a liga desapareceu.

Disto se conclui que a anarquia política e as graves perturbações da vida interna do estado na I. Média, ainda que dificultasse ao comércio a sua vida, não impediu que êle com uma persistência notável se conservasse, e em certas regiões se desenvolvesse.

O comércio do Oriente vem-nos também secundar, êste facto; tendo disfrutado já uma grande importância no tempo da República Romana, continuou através dos séculos, e vêmo-lo na Idade Média, possuído duma importância extreina.

Génova e Veneza, engrandeceram-se à sua sombra.

Por elas passam as mais finas especiarias da misteriosa Ásia dêsses tempos; a seda da China, as pérolas do Ceilão, os perfumes da Arábia, a canela, a pimenta, etc. E' um mar de ouro e riquezas, que as armadas de Génova e Veneza transportam e que a Europa absorve. Mas nêsse momento sofre com a conquista de Constantinopla, e a descoberta do caminho marítimo para as Índias, dois golpes sucessivos, terríveis, e fundos. O monopólio do seu comércio oscila, aluído nas suas bases e deriva em parte para Lisboa, que as naus Portuguesas abarrotam de produtos. Desencadeia-se uma luta tenaz, instigada pelo interesse, orgulho e ódio, que nós dominamos com a espada.

Corria abundante o ouro, mas a nação não era feliz, porque o ouro correndo a passos encarece a vida, e estugava a vontade de o possuir despovoando o reino, onde a nebrina do luxo e das sedas, encobria o palpitar latente da miséria, o tinir do metal abafava o grito da plebe.

E o reino exaurido de fôrças deixou-se cair numa letargia profunda cujas consequências todos nós sabemos.

E assim continuou o comércio na Idade Moderna, progredindo nuns movimentos lentos porque a indústria estava encerrada no círculo de ferro das corporações, para as quais o invento mais simples, era um atentado e uma profanação às tradições avoengas.

Com êste espírito, esta sujeição tradicionalista, como poderia o homem conceber na mente, substituir o empirismo pelo saber racional, a fôrça, a habilidade, a paciência humana pela da máquina.

Portanto se a produção era pequena e má o comércio ressentia-se, se a legislação religiosa proíbia o saber humano, o comércio que lhe anda estreitamente ligado e para quem a rapidez das comunicações é de importância vital, pouco adiantara.

Veio porêm a revolução Francesa, que marca o início da idade contemporânea, e decreta a liberdade do trabalho e liberdade do pensamento, como sequência da liberdade individual.

A seguir ao cataclismo que agitou os povos da Europa, já proclamados os direitos que constituem a base da vida do homem livre, veio o período que até aos nossos dias vigora, no qual a imaginação e a sciência humana, auxiliaram extraordinàriamente a indústria e o comércio.

A aplicação do vapor e da energia electrica, asseguram a rapidez dos transportes; e a telegrafia uma correspondência rápida, utilíssima em muitos dos casos da vida comercial.

Enfim inicia-se um período de actividade e máxima expansão comercial, em que as gerações procuram satisfazer as necessidades da vida, adoptando os meios que põe ao seu dispor a vasta sciência humana.

Soares Pinto
aluno do 6.º ano comercial

Pedimos mil desculpas aos nossos amáveis assinantes na morosa exibição do nosso mensário a qual devemos aos numerosos afazeres na oficina tipográfica.

A alma de Portugal

Num riso tentador, num vôo surpreendente,
A Glória desprendia as asas sôbre nós,
E das gentis Phrinés a cristalina voz
Da pátria de Camões celebra a fama ingente

Bandarra, o trovador, dedilha docemente,
Canções à nobre grei. Adamastor, a voz
Eleva em maldições. Mancebos, lá vão sós,
Em busca da aventura ao seu capricho ardente

Olhal .. Soam clarins. . Desfraldam-se estandartes..
E os homens lestamente aprestam os bacamartes. .
Lá vai um galeão... ali soluça alguem...

Lá vai um galeão... E com êle também,
Lá vai a alma ideal de Portugal inteiro,
No rubro pavilhão... em cada marinheiro...

Duma aurora doirada à explêndida ilusão
Resoam marciais as trombetas da Glória...
Um povo parte ansioso... e deslumbrando a História,
Acende o áureo sol da civilização...

Depois... a treva vem, e rola pelo chão
O seu prestigio audaz na queda mais inglória,
Expira tristemente o anjo da vitória...
Desprende-se do ceu sinistra maldição...

E ao cair moribunda, a revolver-se em sangue,
Tètricamente morta, aniquilada, exangue,
A alma de Portugal louca de raiva e de dôr...

Atira pelo mundo o rebramir fremente
Duma raça ideal esmagada finalmente,
Ao brilho colossal dum trágico explendor!...

Isidoro José de Brito Júnior

aluno do 6.º ano comercial

Relatório dos exercicios observados pelos alunos e efectuados pela Escola de Guerra

(Continuação)

São 13,20 e o calor chega ao limite que pode alcançar neste dia; uns à sombra, outros divertindo-se na corrente da ribeira, e passamos o tempo até ao momento de se começarem distinguindo as primeiras patrulhas de exploração destacadas da flexa.

Guarnecem agora a ponte, serviço que devia já ter sido executado, enquanto a flexa que vinha um tanto próxima o atravessa.

Mais um pouco e a poeira levantada por uma fôrça mais avantajada, constituindo a extrema guarda avançada, se faz notar da outra banda da linha de água.

É o momento de atacar Polima.

Começam por desenvolver-se ao abrigo da crista do monte adjacente à Ribeira, o que fazem com bastante dificuldade devido ao extremo declive do caminho; mas um ajuda o outro e pouco tempo apoz os vemos deitados por terra, esperando talvez o momento da chegada do grosso da coluna.

Esta aproxima-se às 15,15. Fazem um pequeno alto concessão bem acolhida porque haviam tido uma extenuante marcha de resistência debaixo dum sol abrasador e de um equipamento nada agradável de suportar.

Os ditos e piadas engraçadas passam de vez enquando pelas bôcas daquêles rapazes que apesar de massados não o evidenciam muito.

É dado o sinal de avanço. Partem por um carreiro de cabras, íngreme e estreito a princípio, conservando um certo paralelismo com a toalha de água que se vê em baixo, abrindo-se finalmente por terrenos pedregosos sôbre a povoação. Ficamos ainda. Veem agora os carros de ferramentas, muares de munições e metralhadoras que seguem o caminho já descrito pelo grosso da coluna.

Cabe-nos agora a vez de deixar êste pitoresco pedaço de terreno onde passámos alegremente um bom par de horas. Seguimos encosta acima seguindo as metralhadoras que apesar das dificuldades do deslocamento passam por cima de tudo aliaz com custo mas sem desânimo. E' digno de ver aquelas mãos mal acostumadas a semelhantes serviços, desempenharem-nos quási como mestres todo êste conjunto de trabalhos nada convidativos.

Ouvimos já há momentos o troar da artilharia, que do Monte de S. Miguel auxilia o avanço das tropas vermelhas sobre Polima, abandonada já pelo inimigo hipotético, e ocupada pela cavalaria que tinha passado a Ribeira a vau pela montante. A infantaria persegue o partido inimigo sobre Trajouce. Fazem vários lances, acompanhados de viva fusilaria, aproveitando quanto possível os abrigos naturais.

Passa já ao longe a artilharia provinda dos montes de S. Miguel para ir ocupar talvez novas posições.

A cavalaria acha-se agora à esquerda na estrada de Abobada, fora dos fogos da infantaria amiga.

Achamo-nos num campo descoberto, em frente da infantaria, mas a uma distância bem grande, com as costas para a estrada de Abobada.

São horas. Voltamo-nos para Carcavelos; local de embarque para Lisboa. A meio caminho, em S. Domingos de Rana, estão montados serviços de Administração militar, que se ocupa a êste tempo de distribuir ração aos cavalos e muares.

Estão patentes alguns modelos de fornos de campanha e carros de transporte de víveres.

É tarde já e o sol decaindo cada vez mais deixa-nos, mas agora mais à vontade apesar do que não apressámos a marcha já extensíssima agrilhoada sobretudo por um apetite que marca sensivelmente por momentos e segundos o alongado período a que nos achamos sem comer.

Enfim, chegamos a Carcavelos, mas pelo que vemos não fica por aqui a demora, trata-se do problema de abastecimento.

Passadas talvez uma e meia horas que empregamos passeando pelas ruas mais próximas da vila onde em cada extremo topamos com famílias inglesas, quando nos chamam para tomarmos uma refeição um tanto reconfortante.

Consiste em 2 ovos estrelados, batatas fritas, um pão e

vinho. Tudo isto é comido com apetite debaixo de um alpendre arvorado em retiro com uma velusta nora próxima, espalhando em torno um ar de frescura.

Tornam-se impertinentes alguns pares de cães que nos farejam e pedem com olhos lastimosos um pequeno óbolo da nossa refeição.

Está-me a parecer que esta vila é muito atreita a inglêses e a família canina.

Finalmente!... Achamo-nos aprestados a enfiar no primeiro comboio que nos apareça que contudo se faz esperar um pouco, mas que um grupo de gente nossa faladôra torna rápidos alguns pares de minutos que faltam.

A paisagem agora é encantadora; o poente num rasto sombriado da côr do rubí ao fulgir da opala põe termo a um dia em que suportamos muito calór, alguma fadiga, demasiado apetite, e em que experimentamos algumas bôlhas intempestivas nas partes baixas dos aparelhos locomotores.

Benfica, 28 de Abril de 1917.

Manuel José de Mendonça Pereira
aluno do 6.º ano industrial

ÉCOS

Já se encontram nos campos de batalha os Ex.mos Srs. João Ribeiro Gomes e Dr. Lino Ferreira, respectivamente professor de Geografia e História e Clínico nêste estabelecimento. A Suas Ex.as deseja *O Profissional* inúmeras felicidades e venturas.

*

Tendo sido promovidos ao posto imediato os Ex.mos Srs. Ortigão Peres, Estevão Águas, capitães Vitorino Godinho, Liberato Pinto, Tasso Cabral, Jaime Pinto Garcia e João Centeno de Sousa, cumpre-nos o dever de, em nome de todos os alunos, felicitar os briosos oficiais.

*

Deu-nos o prazer da sua visita, gentileza que muito agradecemos o Ex.mo capitão Sr. Sá da Costa, que aqui esteve no gozo de licença.

*

Seguiu há meses para França o nosso ex-condiscípulo Heitor Filipe Baltazar que como 1.º sargento foi cumprir o seu dever. A êste nosso amigo e ao ex-camarada Encarnação e Sousa as nossas felicitações pela sua promoção e boa classificação no exame.

*

Acompanhado pelo Ex.mo professor da 1.ª Secção, Sr. João Lopes Soares, teve a amabilidade de nos visitar o Sr. Dr. Alfredo Fernandes, que levou do nosso Instituto magnífica impressão como se poderá deduzir do que transcrevemos do nosso livro de visitas.

«Acabo de visitar o Instituto dos Pupilos. Se numa visita a um estabelecimento de ensino nos é permitido sentir uma gratíssima sensação de prazer, essa sensação sente-se em elevado grau nêste estabelecimento verdadeiro filho da República, êle é bem uma obra republicana pelo espírito eminentemente prático que presidiu à sua organização pelo asseio e limpeza escrupulosíssimos que se observa em todas as instalações, pela ordem e disciplina que se observa nos seus mínimos detalhes.

.....

Pode enfim orgulhar-se a República com a sua obra e ela é bem um estímulo e que todos a ela se dediquem com amôr e carinho.»

Lisboa, 14-10-917.

(a) *Alfredo Fernandes*
Médico nas Caldas das Taipas

A DIRECÇÃO

Necrologia

Dois casos verdadeiramente lamentáveis vieram contristar-nos profundamente:

A morte do Ex.mo Capitão, Sr. Pais de Almeida, Dignissimo Secretário do Instituto, oficial de raras qualidades e caracter primoroso que se impunha à consideração de todos que o conheciam tornando-se estimado e querido.

E foi rude notícia de que o nosso camarada José da Silva Brás, faleceu na sua terra natal, causando-nos uma dolorosa tristeza a sua morte prematura.

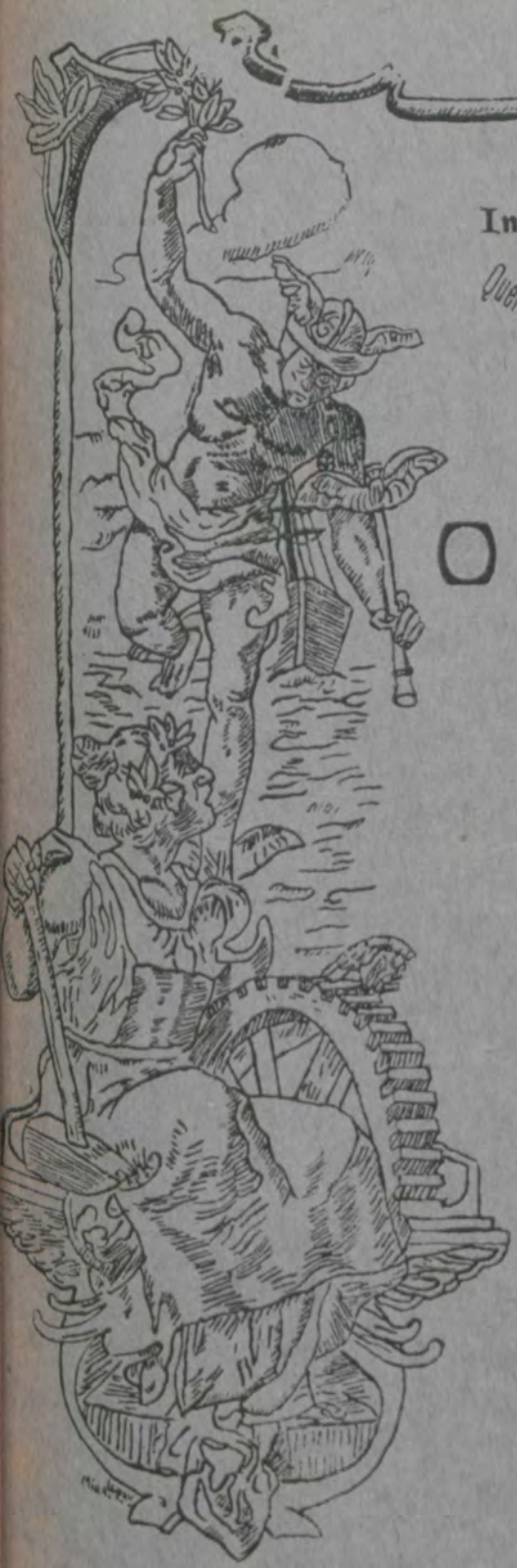
O Profissional em nome de todos os alunos, envia às famílias dos desditosos falecidos os seus pêsames.

AVISO

Pede-se aos nossos estimáveis assinantes que ainda não satisfizeram os seus débitos, a fineza de o fazerem com a máxima brevidade

A DIRECÇÃO

N.º 16 Dezembro - Janeiro 1917 - 1918



Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Terras de Portugal	*Isidoro J. Brito*
A Praia	*José Júlio Dinis*
O Peralta Português	*Isidoro J. Brito*
Descobertas Portuguesas	*Otelo Tavares*
Despedidas	*Isidoro J. Brito*
Conferência feita pelo nosso camarada Gouveia Pinto, no dia 1.º de Dezembro	*Gouveia Pinto*
Á hora das novenas	*Acácio M. Cabral*
Biblioteca dos alumos	*A Direcção*
Écos	*A Direcção*

Preço 4 centavos

1918
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
Mário Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Acácio Monteiro Cabral, Manuel L.as de Sousa e João Augusto Cardoso

Sec. da redacção: José Roxo
Direct.: José C. Barroso J.or

N.º 16 — 3.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Dezembro-Janeiro de 1917-1918

TERRAS DE PORTUGAL

Em Lisboa

I

Bruscamente, uma leve sensação de frio se apoderou totalmente de mim, ao pôr os pés fóra de casa, numa das ruas mais longinquas e recatadas desta olimpica Lisboa, que as águas prateadas dum rio e um céu azul diáfano e soberbo, revestem dum encanto excepcionalmente principesco e magestoso.

O vento, um pouco penetrante, rumoreja brandamente na espessa folhagem dum jardim, por onde o luar num ósculo voluptuoso se infiltra dôcemente, e dôcemente vem tremeluzir no seio polido e esverdeado de um pequeno lago, em cristalizações de prata . . .

As árvores desenham no chão as suas sombras gigantescas, como fantasmas hiperbólicos contorcidos em esgares violentos, enquanto que das flôres a mágna essência subtil perfuma deliciosamente o ar fresco, como o incenso perturbador dum turibulo oriental.

Entretanto, toca a alvorada num quartel. As notas vibrantes e metálicas perdem-se ao longe, esmorecidamente, como o sôpro gemente e confuso duma antiga epopeia . .

No alto de S.ta Catarina, onde me encontro, a cidade desdobra-se a meus pés silenciosa e fria, mergulhada na dôce letargia do sono.

E, como ainda é noite, o silêncio é esmagador e a paz aterradora.

Na tela azul-ferrete do firmamento augusto as estrelas semelham reverberos nos lampejos irisados do seu fulgor soberbo.

Noite de mistérios! Noite profunda!

És formosa e encantadora; inebriante como um narcótico subtilissimo, perturbadora e insondável como um cântico de Ossian.

Mas no entanto, tú, a inspiradora do estro poderoso e suavissimo dos Lamartine e dos Musset, das melodias plangentes dum Chopin ou das traições dum Rocambole, quantos segredos egoistamente não encerras, quantas agonias não presenceias sob o imenso crepe das tuas trevas colossais ?! . . .

É assim, que nestas horas a alma aterrorisada sente pesar sôbre si como uma mão de ferro, a angústia enorme do Desconhecido, e então a eterna pergunta, o eterno enigma do insondável a fascina e deslumbra como ao olhar de fogo de traiçoeira serpe a incáuta avezinha se deixa atrair insensivelmente.

E Lisboa de noite tem êsse vago encanto, êsse atractivo solene em que se condensam por egual o terror e a harmonia.

É ela a cidade onipotente e magnifica, a fadada para grandes destinos, a «*acrópolis do Tejo, a cidade dos mármores, dos templos, a cingida de verdura, de flôres, de abundância; a mãe dos grandes homens, das grandes armadas e de uma família grande de cidades espalhadas nas cinco partes do orbe.*»

Vedeta da Europa, como a mais bela cidade de Portugal, a mais nobre e a mais rica, ela oferece generosamente o seu porto à multidão cosmopolita dos navios de todas as partes do mundo.

Ela é antiga e bela, como antigas e belas são as suas tradições.

Estoicamente inabalável e serena, ela viu, desfilar e perpretarem-se as scenas mais vibrantes, mais intensas e mais doridas que convulsionaram até ao âmago a existência de Portugal inteiro.

E assim como no meio das pompas delirantes do seu rubro explendôr ela se soube manter tranqúila e risonha, assim no meio dos perigos que a flagelaram consecutivamente ela soube conservar inextinguivel e vivida a sua heroicidade spartana a sua fé inabalável

Do seu porto ela viu sair as fracas caravelas que deviam levar o nome de Portugal às mais remotas paragens, às regiões mais ardentes e funestas do globo, onde o glorioso estandarte das quinas, devia ficar a perpetuar a quimérica heroicidade da raça portuguesa.

No seu porto ela viu entrar as riquesas mais prodigiosas e as preciosidades mais extraordinárias, de envolta com as adulações mentidas dos extrangeiros, atraídos pelo brilho ofus-

cante da sua estrêla nesse periodo tão fatal e tão ditoso da nossa história, que foi como um desses meteoros dum fulgor surpreendente e ardentissimo, que tudo empolgam na passagem, mas que se esvaem com a mesma rapidez vertiginosa com que surgiram, e só deixam atraz de si um caos tenebroso de luto e de ruínas...

Cidade dos templos e dos mármores, dos monumentos e dos jardins, faz lembrar no seu conjunto deslumbrante e primoroso uma dessas famosas cidades da legendária Hé ade, que as tradições nimbaram dum prestigio e dum resplendor incomparáveis, celebrada, na harmonia infinita dos versos de Homero.

É a Ulisseia bendita, a Pompeia portuguêsa que, tal como as sacratissimas vestais romanas não cessa de se alimentar e de se queimar no fogo auroreal das glórias do passado e das esperanças do presente.

Sonhadora e jocunda, ela descança indolentemente como rainha sôbre o suave pendor de formosas colinas com a graça suavissima e a puresa ideal dos decantados jardins de Babilónia, que o mar vinha envolver na carícia fremente das suas ondas de um pálido azul-setim franjado de espuma alabastrina, e o sol vinha doirar no luminoso eflúvio dos seus raios multicôres.

Ela atrai pela doçura inexprimivel do seu clima, pelo encanto dulcíssimo do seu ceu, pela amenidade empolgante e arrebatadora dos seus panoramas...

É assim que de manhã, ao arrebol fugitivo e dôce, ela se anima, se transfigura e se colora, parecendo que a ânsia irreprimida duma alegria enormissima irrompe do seu seio e se expande em vibrações eólicas pelo Infinito; e, como que por magia, nos seus jardins as aves chilreiam ruidosamente em todo o dia a melodia sonora e deliciosa das suas canções joviais, e as flôres perfumam os ares com a fragância estonteadora do seu perfume, enquanto que as crianças, saltitam, correm e cantam alegremente na inocência lirial e cativante das suas almas em flôr...

Mas, à noite, quando as primeiras sombras caem tristemente num gemer de avé-maria como ao vir o Outono as folhas ressequidas das árvores, e as avezinhas recolhem apressadamente aos seus ninhos, ela, a feiticeira rainha do Ocidente, parece inebriar-se na eterna magia do seu dormir augusto do seu sonhar etéreo...

É porque então o luar vem doirar na lactescência magnética da sua luz os vaporosos rendilhados das marmórias igrejas; é porque as rosas entreabrem mórbidamente os cálix peregrinos e desprendem a embriagante ambrosia aos queixumes do Zéfiro, é porque o Tejo, em cujas águas se espelham vagamente as estrelas tem então murmúrios de namorados e sôbre as estátuas altivas dos herois parece deslisar a asa material e invisivel dos anjos da Vitória...

II

Caminho junto ao rio. A aurora, a linda feiticeira de vestes côr de rosa, vem abrindo a pompa maravilhosa do seu rir scintilante e beijar na mórbida transparência da sua luz paradisiaca a casaria policrómica desta cidade antiga embalada aos hinos da vitória que sonha na épica altivês dum passado faustuoso e que é como Tomás Ribeiro nos canta a adorável:

> Rainha do ocidente envolta em sedas,
> vaidosa do seu trono de verdura,
> de bosques, de jardins, e de alamedas,
> rica de joias, oiro e formosura.

O Tejo anima-se. Rio acima, pequenas embarcações singram airosamente, as velas pandas ao vento, e deixando após si um sulco efervescente de espuma.

A outra banda surge esbatida numa meia tinta luminosa, envolta numa nebrina levemente azulada.

Sopra uma aragem fresquissima, impregnada de emanações salinas, com a qual os pulmões se dilatam sôfregamente.

De vez em quando a asa branca e nervosa duma gaivota, roça levemente a superficie das águas. Um pregão sonoro ressoa por longo tempo no ar, cheio de tristeza e de cansaço...

Operários em grupos, esfregando ruidosasamente as mãos entram e saem das tabernas, êsses antros horríveis de que Zola tão fielmente reproduz as corrupções e as abjeções fatais no seu *L'Assomoir*. Aproximo-me do mercado...

Numa fileira enorme estendem-se a perder de vista as couves de um verde tenro e mimoso, as fresquissimas alfaces, os bróculos sadios, enfim, toda essa aluvião assombrosa de hortaliças, entre as quais parecem rir descaradamente os molhos de rabanetes, vermelhos como os lenços do padre-cura...

Do outro lado nos talhos escuros, presos impiedosamente aos ganchos de ferro, e aptos para um festim de Baltazar, gotejam sinistramente alguns carneiros mortos, com as pupilas vitreas e distendidas pelo spasmo da morte.

Ao pé um par de pombos arrulha plangentemente como que a exorar piedade. Depois, cabe a vez às frutas. Aqui é a maçã que mostra os seus tons vigorosos, um amálgama

de verde-esmeralda, do amarelo e do rubro oleoso; ali o pêssego brandamente carminado e que exibe a sua penugem aveludada e macia, e mais àlêm, como uma tentação, apetitosos cachos de uvas ainda aljofrados de água.

Mas... dêmos alto a êste exórdio que só pode excitar o apetite de algum gastrónomo profissional...

O sol eleva-se agora no horisonte, numa ascensão magestosa, doirando tudo suavemente, como um globo de oiro incandescente forjado nalguma oficina ciclópica...

O rio lampeja doidamente, com reflexos que deslumbram a vista, tal como a túnica azulada dum deus, toda recamada de lantejoulas cristalinas. As areias tomam um tom fulvo. As tintas doiradas do astro iluminam todos os objectos numa apoteose triunfal.

Eis a luz, a luz etérea e feérica que se infiltra alegremente em toda a parte e que faz resaltar maviosamente nos cambiantes rúblos do arco iris a harmonia das coisas.

Luz! Magia divina que a tudo dás relêvo e que nos fazes entrever a fulgidez resplandescente do diamante, o assetinado azul dos céus e a palidez mate dos lírios.

A natureza sob o teu eflúvio desperta cada vez mais arrebatadora e os gorgeios das áves são por isso mesmo o seu agradecimento eloqùente. E ao ver a côr das flores se detêm sempre amorosamente a cândida donzela, que por enquanto eu reconheço a circe mais gentil do Universo, se bem que não concorde comigo aquele tio Pomba, dos *Miseráveis*, de Blasco Ibânes, quando diz:

« As fêmeas!.... Má pestè! eram os seres mais ingratos e esquecidos da criação. Não havia mais a ver que os pobres *Collverts* do lago. Andam sempre em companhia da fêmea e sem ela não sabem ir à busca da comida.

O caçador dá um tiro. Se a fêmea cai morta, o pobre macho em vez de se escapar, põe-se a voar em volta do sítio onde pereceu a companheira, até que o atirador acabe tambem com êle. Mas se cai o pobre macho a fêmea continúa voando tão fresca e sem voltar a cabeça para trás, como se nada se tivesse passado, e ao notar a falta do companheiro, busca outro...»

III

Entro apressadamente na gare. A multidão aperta-se, comprime-se, avança e recúa lentamente como o fluxo e o refluxo das marés...

Há um ambiente pesado e cálido, saturado de fumos de tabaco e de poeira.

Um comboio lança constantemente imensos torvelinhos de vapôr num resfolegar estrondoso e possante.

O túnel visto daqui dá a ideia da guela hiante dum monstro pre-histórico...

O sol relampeja nos vidros das marquises e por entre os seus raios perdidos vê-se aglomerar e turbilhonar um pó finissimo e incómodo.

Passageiros apressados entram de roldão para dentro das carruagens numa atitude belicosa e num avanço *à tour de force*.

Enfim! A máquina apita e flameja, prepara-se para sair. Num relâmpago saltei para dentro da carruagem batendo pesadamente com a porta atrás de mim.

Caramba! berrou lá dum canto um espanhol, com um tom de voz e uma atitude pouco em harmonia com a celebrada união ibérica, e a quem a minha entrada imprevista tinha rompido desagradàvelmente o curso das suas quichotescas meditações.

Fazem-se à pressa, atabalhoadamente as últimas despedidas.

Adeus! Adeus!... E a multidão abraça-se comprime-se num louco frenesi, nos momentos angustiosos da partida.

Na lapela de um risonho e plácido velhote um cravo vermelho ri doidamente, num riso aberto e franco de mulher...

Numa ânsia indefinida fazem-se as últimas recomendações nesses saudosos e indescritíveis momentos da partida, para uns tão alegres, para outros tão pungentes, nesse enredo complicado e misterioso da psicologia das multidões.

E os olhares voltam-se de novo numa ternura imensa a contemplar os logares que se deixam e que nos aparecem agora com um aspeto completamente diferente daquele com que antigamente os viamos.

E há nesse momento nas coisas mais pueris e simples uma nota qualquer que nos impressiona vivamente a alma e que constituirá o objecto futuro de tocantes e comoventes recordações.

Adeus!... Adeus!... E a espessa fumarada entra pelos compartimentos conjuntamente com os pálidos raios do sol, que já começa a fazer sentir um calor terrivel.

A espaços ouve-se o pregão monótono e roufenho dum vendedor de jornais.

Por um, mais um estremeção violento, uma sacudidela brusca e o monstro enorme lá parte ao impulso poderosíssimo dos eixos de aço, golfando jactos de vapor e apitando infernalmente.

Agora a onda dos passageiros aflui, num pensamento único, numa vontade comum, para as janelas, debruçando-se demasiada-

mente, no meio das cotoveladas consecutivas e das pisadas brutais que é do costume trocarem-se então.

Novamente os lenços voltam à carga, a agitarem-se frenéticamente no ar.

Há-os pequeninos, delicadamente rendilhados e deliciosamente perfumados, que segredam promessas indefiníveis... pensamentos galantes..

Há-os brancos, brancos como a pureza ideal das virgens, como a espuma alabastrina do mar ou como a maviosidade dos sonhos e que nos seus estremecimentos parecem revelar uma dôr lancinante .. uma mágua esmagadora. . E há-os também mais grosseiros, uns dum rubro estridente e vibrante, outros dum rosa desmaiado como o empalidecer da aurora, e que nos contam a paixão ardente, a saudade infinda dos que ficam, e os anseios pesarosos dos que partem.

Mas em todos êles, quer no mais rendilhado e cheio de perfumes, quer no mais pobre e rudemente vermelho, lateja febrilmente em toda a sua plenitude a comoção que a todos penetra na alma dolorosamente, na ocasião da partida...

E as pequeninas gotas do orvalho que tremeluziam indiscretamente nas ferragens dos vagons e o sol cobria de reflexos irisados, eram como que as lágrimas saudosas e amantes dos entes adorados e que nos pareciam dizer esmorecidamente:

Adeus!... Adeus!... Adeus! .

Isidoro José de Brito
(6.º ano comercial)

A PRAIA

Se o eflúvio inebriante das olorosas flores dum virente vergel, nos deleita e nos extasia, a lenidade subtil da fagueira brisa maritima num dia estival, causa-nos uma amenidade diuturna, como os afagos jocundos duma lépida criancinha, toda ela exuberante de vida e possuindo o dom mais afável dêste mundo, ao coração humano: *a preciosidade da meiguice.*

Quando desponta o dilúculo, o sol fulgente rasga as nuvens, reverberando scintilações argênteas, como pulverisação mágica de diamantes e rubis, sôbre as diáfanas e cristalinas águas.

Nada há mais belo do que o marulhar das ondas, horrisono ainda há pouco, agora mirífico e lirico, como o epinício harmonioso, entoado pelos belicósos helenos depois duma ovante batalha.

É chegado o letifico momento do banho matutino; os bons nadadores afastam-se fleugmaticamente da terra, enquanto as damas soltando pequeninos gritos, onde se confunde a alegria e o medo, firmam-se energicamente na traiçoeira areia, para mais fácilmente resistirem ao embate violento das indómitas vagas.

Á noite e nas horas diurnas, em que o calor excessivo obriga a ficar em casa, organizam-se várias reuniões, onde se tocam e se cantam fados, com a eufonia flébil, ou com a alacridade ingente, de que só a nobre raça portuguesa possue o arcano.

É ingénito nos lusitanos o sentimento plangente com que fazem gemer a guitarra, ou tocam no piano as afamadas músicas de *Wagner e de Mozart.*

Algumas vezes joga-se às damas e ao xadrez dizem-se coisas facetas, contando-se também as engraçadas histórias das Mourinhas encantadas, que as veleidades populares tão engenhosamente souberam arquitetar.

Á tardinha ranchos de crianças brincam alegremente apanhando conchinhas, enquanto os adultos admiram estéticamente o *pôr do sol,* que é na realidade um dos mais sublimes quadros da bela natureza.

O mar semelhante a um vasto docel de finíssima cambraia, vem espreguiçar-se languidamente nas areias em bonança; bandos de céleres gaivotas adejam, tocando ligeiramente nas cerúleas águas. Lá ao longe observam-se uns igneos clarões, é Fébo que extenuado de iluminar o Orbe, de inefáveis matizes cobre o êucromo Empíreo!

Algumas embarcações começam a aparecer; são os pescadores que vêem regressando aos seus lares; homens e mulheres verdadeiros daguerreótipos maritimos, esperam anhelantes a sua chegada; os seus rostos queimados denotam a sã virilidade dos povos trabalhadores, um dos indestrutiveis lavores da natureza!

Os barcos encalham finalmente na areia; alguns banhistas menosprezando os ademanes áticos da *Elite,* ajudam a puxar as redes, fazendo éco com os pescadores que gritam entusiasticamente, *Ala! Ala!*

Que grande alegria não tem esta misere gente, se a pesca foi exuberante!

Não admira, ela constitue a sua profissão, a sua alegria o seu modo de vida, e a parca alimentação das suas pobres familias.

Acabada a época balnear, os banhistas

voltam para as suas terras, e a praia torna-se verdadeiramente aborrecida.

Vai-se aproximando o inverno e com êle os maus preságios. E' noite os homens quebrantados por verem a miséria invadir-lhes os humildes tugúrios, permanecem na atonia, sentados à lareira, enquanto mais longe as mulheres ajoelhadas junto dum crucifixo, resam fervorosamante, pedindo à êsse Deus que habita na mansão celeste, um pouco de comiseração para a sua indigência.

Lá fora grossas bátegas de água restrugem; o minaz trovão ribomba medonhamente e os cruciantes raios entrando pelas fendas das vetustas habitações enchem de terror as criancinhas que se escondem chorando nos regaços maternais.

A procela continua a desencadear-se ululando; ai do temerário que ousasse arrostá-la; num momento o mar que freme na vasca, despedaçar-lhe-ia, fácilmente no escarceu da costa a imbele embarcação, e o seu corpo iria servir de pábulo aos peixes, tendo como tétrico sudário um lácteo lençol de espuma!

José Júlio Dinis
(5.º ano Comercial)

O peralta português

Calça em funil, a bota avermelhada
— Que a si um toiro está sempre a atiçar,—
Carmim no rosto e cinta espartilhada,
O que nos faz do sexo duvidar,

Lábios fransidos num sorriso alvar,
Voz de menina ingénua e recatada,
Lembra dum sino o eterno badalar
A espinha em cortezias recurvada,...

E para mais aprumo e altivês
(Sem a raça asinina molestar)
Tem no casaco a cilha desenhada

Como quem traz albarda carregada...
Eis aqui o retrato singular
Do moderno peralta português!...

Isidoro José de Brito
(6.º ano crmercial)

Descobertas portuguesas

Uma das coisas que nós portugueses devemos sempre recordar com orgulho, são as descobertas feitas pelos nossos corajosos e nobres antepassados.

Fomos nós que à custa de sacrificios, sondando mares desconhecidos que povo algum ousou singrar, levamos ao mundo inteiro o nome de Portugal.

Um cérebro potente que foi D. Dinís, poeta apreciado da Escola Provençal, vendo o futuro que o mar oferecia à nossa expansão, convencido que o Atlântico banhando Portugal pelo poente e sul, continha o segrêdo do nosso engrandecimento, promoveu o desenvolvimento da marinha nacional, mandando para isso plantar o Pinhal de Leiria.

A senda dos descobrimentos iniciou-se no reinado de D. João I, sendo confiados a ilustres navegadores e almirantes experimentados.

Após a conquista de Ceuta, D. Henrique, empregou principalmente a sua actividade em guerrear os sectários do islamismo para dilatar a fé Cristã.

E como possuia uma vasta instrução, dedicou-se ao estudo da matemática e da arte náutica, fundou em Sagres uma Escola Náutica, chamando para junto de si sábios para mostrar, dirigir as operações marítimas e enviar as suas caravelas com expedições em demanda de terras distantes e ignotas. O certo é que em 1418 João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, foram arrojados a Porto Santo primeiro pedaço de terra perdido no meio do Oceano que êles arrancaram do segrêdo das águas e entregaram ao mundo. Um ano depois, acompanhados por Bartolomeu Perestrelo, chegaram à Ilha da Madeira. E continuando assim na heroica senda Gil Eanes, dobrou o Cabo Bojador em 1434 que era uma barreira que parecia opor-se à sublime audácia da gente portuguesa. Com a morte do infante os descobrimentos diminuiram, porque Afonso V, sómente se preocupava com as conquistas ao norte da África.

Não obstante no reinado de D. João II, outros destemidos navegadores descobriram o rio Zaire e o Congo, sendo já no final do reinado que Bartolomeu Dias, descobriu e dobrou o Cabo das Tormentas mais tarde cognominado Boa Esperança. E já quando a morte parecia arrebatar o severo Rei, iniciaram-se os preparativos para o descobrimento das terras da India que mais tarde em 1498 vieram à posse do trono de Portugal, não

sem grandes sacrifícios em que a morte em todos os momentos os perseguia,

Dois anos depois afim de castigar a audácia do Samorim que maltratou os portugueses, expediu uma armada comandada por Pedro A. Cabral que descobriu o Brasil.

A descoberta da Índia e do Brasil constituíram para nós riquezas apreciáveis que mais tarde fizeram transviar o espírito nacional.

A Índia estava pois aberta à ambição Portuguesa e agora, que uma nova e ampla estrada se lhe abria lá pelas solidões do Atlântico, Portugal colhia dêsses descobrimentos apenas uma prosperidade passageira e de êle auferia em trôco uma imorredoura Glória.

No Oriente também a raça portuguesa alargou o seu domínio pelas conquistas. Tal era o espirito guerreiro e nobre dos soldados de outrora, dos filhos do Velho Portugal.

Otelo Tavares
Aluno do 4.º ano comercial

Despedidas...

Adeus! Adeus! Quanta amargura ingente,
Quanta dor, quanta mágua irreprimida,
Quanta saudade intensa e languescente,
Não contêm quási sempre a despedida!

Adeus! Adeus! É a alma que dorida
Se rasga fibra a fibra tristemente,
Quando o pranto saudoso da partida
P'las faces rola vagarosamente!

Adeus! Adeus! É o derradeiro olhar
Do moribundo à luz, à terra, ao mar,
Ao dôce azul, às rosas fenecidas...

E quantas vezes nessas despedidas
Caem, falecem nossas ilusões,
Ao espedaçar dos nossos corações!...

Isidoro José de Brito
(6.º ano comercial)

Conferência feita pelo nosso camarada Gouveia Pinto, no dia 1.º de Dezembro.

Ex.mo Sr. Director:

Sendo incumbido de dizer alguma coisa acêrca do dia 1.º de Dezembro, antigo dia da Restauração de Portugal, hoje tambem dia da Festa da Bandeira, que tão festejado tem sido pela nossa República, venho perante V. Ex.ª e todos os meus camaradas dizer, aquilo que o meu fraco préstimo me ensinar sôbre êste dia que nunca deverá ser esquecido por qualquer português que se preze de o ser, pois faz amanhã precisamente 277 anos que os nobres descendentes de Luzo, êsses de quem somos os continuadores, cujo sangue ardente e valor patriótico não poderiam de forma alguma suportar o pesado jugo castelhano que tanto mal nos causou, que num rasgo de verdadeiro patriotismo readquiriram a sua independência e a de Portugal.

E nós como descendentes desses heróis cumpre-nos não só honrar-lhes a memória mas tambem continuar a seguir os seus dictames.

Sabeis já e muito bem que prefaz amanhã 277 anos que um punhado de portugueses se revoltaram e afastaram para longe uma verdadeira ruina próxima, e a perda completa da nossa independência de que sempre fomos ciosos. Qual a razão? Quem foram êsses valentes? E responder a estas perguntas o que eu me propuz fazer.

Morto ou desaparecido D. Sebastião na célebre e funesta batalha de Alcacer-Quibir sucedeu-lhe no govêrno do pais seu tio o cardeal D. Henrique, homem já velho e fraco que não tinha descendentes. De todos é sabido o estado perecário de Portugal em que ficou depois da desgraçada expedição, que apenas foi motivada pela incúria e fanatismo da educação do principe, cuja loucura deixou a Pátria mais individada e pobre do que nunca.

Por outro lado o cardeal D. Henrique era apenas o instrumento de mãos habilidosas que teciam ocultas a perda de Portugal, notando-se entre todos Cristovão de Moura, que em virtude dos grandes serviços prestados a Castela e com grande deslealdade para com a Pátria, foi galardoado com o marquezado de Castelo Rodrigo, e uma grande riqueza.

Por morte de D. Henrique, o trono ficou vago e apesar de haverem vários pretendentes como por exemplo D. António, prior do Crato, um pobre louco, de quem mais detalhadamente falarei adiante, ficou senhor dele D. Filipe

II de Espanha, I de Portugal. Filipe era um homem de caracter fraco, cuja educação e instrução foi pouco cuidada, àlêm disto imperava no seu espirito um homem, que sabendo adivinhar-lhe os desejos, o que aliás era facílimo, obtinha dele tudo quanto queria.

Era êle o duque de Lerma.

Portugal já de si fraco e extenuado foi durante bastante tempo campo de acção de D. António, prior do Crato. Havendo vários pretendentes ao trono um deles era D. Filipe de Castela depois rei e o outro D. António, que querendo reaver o trono e vingar o seu orgulho ultrajado pôz Portugal em constantes sobresaltos, obrigando Filipe a não cumprir uma das suas vãs promessas, enviando para sofucar as incursões tropas armadas, que ficando no reino constituiram verdadeiras troupes de salteadores.

Filipe II, aconselhado pelo Marquês de Castelo Rodrigo, veiu a Portugal e logo à sua entrada foi aclamado pelo povo que delirava e que havia sido comprado por aquele e ainda producto do fanatismo que então reinava em Portugal. Diz-nos Oliveira Martins:

«Não tinham forças bastantes nem para sofrer, e os infelizes desesperados abandonavam-se à protecção do castelhano vendendo-se-lhe, abandonavam-se à protecção mágica das promessas, dos votos e das feiticeiras. O rei de Castela, Deus, o diabo, um qualquer Messias: o moço redentor morreu em Africa.» Por estas palavras se vê o desgraçado estado moral do povo. A acrescentar a isto uma grande miséria lavrava por todo o Portugal a ponto de até mesmo alguns fidalgos serem obrigados a pedir esmola e recolherem-se em conventos, havendo apenas uma casa que estava em condições de fazer face às grandes despezas: a dos duques de Bragança.

Jesuitas! Eis o que mais havia em Portugal.

A odiosa companhia de Jesus que do nome de Cristo se servia para cometer as atrocidades mais horriveis e que tantas desgraças acarretou para Portugal, foi talvez a entidade que mais trabalhou para a perda da nossa independência. Era tal o estado jesuítico e fanático do país que o próprio duque de Lerma, homem que tinha apenas habilidade e talento para comprar os homens suficientes para se desfazer de todos aqueles que lhe faziam sombra, resolveu aproveitar-se dêsse estado deploravel do país para angariar mais dinheiro para a satisfação dos caprichos da côrte castelhana. Eis como: deu ordem que os judeus fossem readmitidos em Portugal, ou então o pagamento de 800.000 cruzados; o ódio de raças venceu e os 800.000 cruzados foram pagos.

Os judeus por seu lado não deixaram de ser readmitidos, porque sendo essencialmente ricos à custa de muito dinheiro o conseguiram sem grande dificuldade.

Quem reinava não era como todos supõem Filipe, era o seu valído, o duque de Lerma.

Quando por sua morte lhe sucedeu seu filho Filipe III, mudou-se tambem de ministro, mas era tal o poder do anterior que o seu próprio filho, que foi quem lhe sucedeu, para o deitar por terra foi preciso acusá-lo de grandes crimes que êle sabia por segrêdo.

Não era porêm melhor o conde-duque de Olivares, antes pelo contrário.

Cobrando impostos pesadissimos, privando-nos do auxilio que nos era tão necessário, não se importando com o destino do nosso vasto império colonial, fazendo de Portugal campo de onde sairia tudo o que fôsse necessário para a satisfação dos seus desejos, mais que uma vez deu a entender que nos consideravam como um povo conquistado, quando se tratava apenas de uma anexação adquirida por meios condenáveis.

O império espanhol era enorme e aumentado com os nossos vastos domínios coloniais tornou-se tão grande que, para o podermos julgar basta que diga que todas as ilhas do Atlântico lhe pertenciam.

Sendo assim, a armada espanhola que era já de si pequena para a grande extensão de costas que primitivamente lhe pertencia defender, com o grande aumento que estas sofreram, as costas dos dominios portugueses ficaram abandonadas e expostas livremente à acção dos corsários e das incursões dos povos, de que mais adiante falarei.

O exército por seu turno não estava tambem em condições de defender as colónias, havendo até algumas em que a guarnição era composta apenas do governador e de uns poucos homens mal armados e municiados que na maioria morriam vitimas da pouca alimentação, e mau tratamento.

A côrte castelhana era a ruina de devassos pobres que angariavam os meios para os seus folguedos por meio de rapinas. Mas não era só isto. O povo sofria! sofria porque não era protegido, porque o que lhe pertencia lhe era tirado, porque os impostos sucediam-se cada vez com mais freqüência; enfim porque as promessas que lhe tinham sido feitas não eram cumpridas. E enquanto êle sofria, que faziam os fidalgos? Uns estavam fóra do reino tambem envolvidos pelo imenso turbilhão das festas e das rapinas de Madrid, outros, como o duque de Bragança caçavam sossegadamente nas suas matas levando uma vida um tanto ou quanto tranqüila. No entanto alguns havia

que não seguiam esta ordem de ideias e cedo o descontentamento entrou em Portugal e a idea de uma revolta depressa se espalhou por todo o país, sendo pouco depois em Évora, 1637, que o projectado movimento se realisou.

Enquanto isto se passava na metrópole o que ia pelo nosso imenso império colonial? Aí o caso era idêntico e ainda mais desesperador.

A Holanda era um país ainda novo que se vinha erguendo do estacionamento em que até ali tinha permanecido. Uma das primeiras dificuldades que encontrou para o seu desenvolvimento foi Castela. Assim, não admira que se tornasse inimiga figadal desta nação e da sua casa reinante. Num dos inúmeros conflitos que entre elas houve, a Espanha determinou fechar o porto de Lisboa aos holandeses, afim de os privar dos artigos que lhe eram mais essenciais e os quais vinham buscar ao nosso porto.

Quais as conseqüências desta proibição? Os holandeses vendo-se privados de tudo o que necessitavam, criaram uma marinha, à qual deram um desenvolvimento até ali desconhecido, e foram com os seus próprios barcos buscar aquilo que primeiramente levaram de Lisboa; e, quando mais tarde, não muito, os nossos galeões iam fazer o seu cruzeiro nos mares do oriente, encontravam navios com a bandeira holandesa hasteada, que os assaltava, e que pouco a pouco foram conquistando o predominio daquelas paragens que até então nos havia pertencido durante perto dum século. *(Continúa)*

Á HORA DAS NOVENAS

Já à tardinha vão para as novenas
Com singelos vestidos, adornadas,
As raparigas mui gentís, morenas,
Pelo áureo sol tanta vez beijadas.

Avezinhas nas árvores amenas
Soltam seus gorgeios nas altas galhadas,
Dizendo aos ramos e às folhas pequenas:
Que lindas moças passam nas estradas.

De cêrro em cêrro, o toque à Ave-Maria,
Que d'alto campanário, ambíguo sai,
Retumba ao longe, e a ténue melodía

Titubiante qual brisa... se esvai.
No espaço reina um murmúrio manso,
Enquanto o sol remata o último lanço.

Acácio Monteiro Cabral
(6.º ano industrial)

Biblioteca dos alunos

Involuntariamente, não registámos no número antecedente de *O Profissional* a valiosa oferta com que o nosso ilustre professor Ex.mo Sr. Alberto David Branquinho, dotou a nossa Biblioteca.

Por isso o fazemos hoje, certos de que nos será desculpada tal omissão.

Os livros oferecidos, versam sobre Contabilidade Industrial e Comércio, coordenados pelo ilustre professor, e ainda um livrinho da Biblioteca do Povo sobre Economia Politica.

A dedicatória honra-nos sobremaneira:

Á Biblioteca dos alunos do I. P. P. E., como testemunho de simpatía e incitamento ao trabalho, oferece

O autor.

A sua Ex.ª, em nome de todos os alunos sincéra e respeitosamente, agradece.

A DIRECÇÃO

ÉCOS

O Profissional felicita o ilustre professor da 1.ª Secção Ex.mo Sr. Tasso Cabral, pela sua promoção a Tenente-Coronel e por ter sido elevado ao cargo de Director interino do Instituto.

*

Com prazer registamos que se encontra entre nós no gôso de licença o capitão Ex.mo Sr. Freire Quaresma, um dos mais briosos militares do nosso exército, e que desde há muito se encontra em França.

*

O Profissional deseja aos seus presados assinantes, festas felizes e um ano novo muito próspero.

AVISO

Por engano tipográfico, o nosso ultimo número, saiu com os n.os 15-16, quando devia ter sómente o n.º 15.

Pedimos, por isso desculpa aos nossos estimaveis assinantes.